

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO**

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POR PROFESSORES DA REDE  
PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**Rosilene Ramos Gonçalves**

**Rio de Janeiro, 2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rosilene Ramos Gonçalves

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POR PROFESSORES DA REDE  
PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Guaracira Gouvêa

Rio de Janeiro  
2009

**ROSILENE RAMOS GONÇALVES**

**O Uso de Histórias em Quadrinhos por Professores da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Guaracira Gouvêa  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maira Inês Marcondes  
Pontifícia Universidade Católica – PUC-RJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Leila Beatriz Ribeiro  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico esse trabalho a memória de Maria José Ramos Gonçalves, mãe batalhadora que fez tudo para que suas filhas tivessem o que ela não teve a oportunidade de estudar. Em memória de Bernard Lee Segal, querido irmão, que com sua enorme coleção de histórias em quadrinhos me iniciou nessa jornada, trajetória que culmina com este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai, porque a vida em todas as suas etapas, são dádivas dele. Agradeço ainda à Professora Guaracira, pela orientação e por me acalmar nos momentos mais difíceis. Aos professores que participaram desta pesquisa, em especial, aqueles que concederam as entrevistas e/ou colaboraram com exemplos materiais. Ao Professor Alcides, querido chefe, que deu todo apoio nesta empreitada. Aos professores do Departamento de Ciências Naturais do IBIO, pela aprovação do afastamento, aceitando ficar sem o apoio durante este tempo todo. À Professora Dayse, pela ajuda inestimável. As minhas “co-tutoras” no Estágio IV, Warley e Cátia, pelo incentivo e apoio. Aos Colegas do PAIEF, por toda a amizade e a disposição de ajudar. Aos Colegas do CIEP Ministro Marcos Freire, por toda a ajuda. Aos colegas do mestrado da turma de 2007, pela amizade e aprendizado. Aos professores do mestrado, por todo o conhecimento passado. A minha madrinha, por entender a minha ausência. Ao meu irmão e cunhada, Robert Lee e Anita, pelo apoio. A minha irmã Rosemary, por toda ajuda prestada. Aos meus sobrinhos Suelen, Vinicius, Gabriel e Igor, pelas oportunas distrações. A UNIRIO, pelo excelente curso e por ter possibilitado o meu afastamento das atividades profissionais, facilitando a minha dedicação. À Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro e a todas as Coordenadorias Regionais de Ensino pelas autorizações. Aos criadores do Google e às suas diversas ferramentas (Scholar, imagens, livro), por toda a ajuda oferecida com um simples click. A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta pesquisa, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as formas de uso das histórias em quadrinhos (HQs), por parte dos professores da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RPMECRJ). Para tal buscamos: traçar o perfil dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos, levantar a forma com que os professores utilizam os quadrinhos, verificar a origem das ideias para a utilização dos quadrinhos, comparar essas formas de utilização com as obras que ensinam a usar as HQs em atividades didáticas, discutindo o uso dos quadrinhos pelos professores, dentro das práticas educativas contemporâneas. Assim, no ano de 2008, visitamos dez escolas, uma de cada das dez Coordenadorias Regionais de Ensino da RPMECRJ. O critério de seleção das escolas foi o de lecionar do 6º ao 9º de ensino, e o de ser uma Escola com Sala de Leitura Pólo. Em visitas às escolas passamos questionários e entrevistamos professores das disciplinas: Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática. Com base nos questionários e entrevistas verificamos que o uso das histórias em quadrinhos, assim como o de outras mídias, é uma realidade para os professores de nossa pesquisa. Eles são criativos em seu modo de usar as histórias em quadrinhos, mesmo com toda a carga de trabalho. Entretanto, as histórias em quadrinhos, não estão sendo utilizadas na sua potencialidade máxima. Constatamos que isso ocorre devido ao desconhecimento desta mídia por parte dos professores, e dos pressupostos teóricos que embasam as suas atividades didáticas. Mas, a disposição de buscar outras formas de ensinar, e o desejo de mudanças na forma de trabalhar, demonstram que os professores não estão acomodados e sim buscando forma de tornar a sua prática mais significativa para os seus educandos. Ao final deste trabalho resta-nos vontade de entender como acontece o uso de outras mídias e o que fazer para que o seu uso seja mais significativo. Esta é a indicação para os nossos próximos passos. Palavras-chave: histórias em quadrinhos, práticas educativas, mídia e educação.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the uses of comics by teachers of the Municipal Public Education of the city of Rio de Janeiro (MPERJ). For that we seek: the profiles of teachers who make use of comics; verify the way teachers use them; check the source of ideas in the process of using the comic books; comparing those ideas with the ones presented in the specific teaching material that uses comics in didactic activities; discussing the use of comics by teachers within contemporary educational practices.

Thus, in 2008, we visited ten schools, one for each of the ten Regional Coordinating Teaching Sections(MPERJ). The criterion for selection of schools was to teach from the 6<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grades, and to be a school with a Reading Room Center. When visiting the schools we distributed questionnaires and interviewed teachers of the following subjects: Science, Geography, History, Portuguese and Mathematics.

Based on those questionnaires and interviews we found that the use of comics as well as other media's tools is a reality for teachers in our research. They are creative in the way of using the comic books, despite their busy work schedules. However, the comics are not being used to its full potential. We noticed that this is due to the lack of media's tools knowledge by the teachers, and the theoretical assumptions that support the learning activities. But the willingness to seek other ways of teaching and the desire to change the way they work, show that teachers are not accommodated, but seeking others elements to make their practice more meaningful for the students.

At the end of this work remains for us to understand how they will use other media's tools and how to make its use more meaningful. This points out to our next steps.

Key-words: comics, media's tools, didactic activities

## LISTA DE IMAGENS

|          |   |     |
|----------|---|-----|
| Capa 1   | Liberdade: um sonho americano, nº 1 (1991).....   | 17  |
| Capa 2   | A Saga do Monstro do Pântano, nº 1 (2007).....  | 24  |
| Capa 3   | Cripta do Terror, nº 10 (1977).....   | 42  |
| Capa 4   | O Edifício Graphic Novel, – nº 8 (1989) .....   | 56  |
| Capa 5   | Batman – O Cavaleiro das Trevas, nº 4 (1987).....   | 74  |
| Capa 6   | Sandman, nº 21 – Estação das Brumas (1991).....   | 87  |
| Capa 7   | Turma da Mônica Jovem, nº2 (2008).....  | 115 |
| Capa 8   | Spirit, nº 1(1985) .....  | 120 |
| Imagem 1 | Evolução Equina – Chico Bento, 286 (1998, p. 3-6).....  | 20  |
| Imagem 2 | Evolução Equina – Dobszansky (1955, p?).....  | 20  |
| Imagem 3 | Pintura Egípcia – Fonte: Blog da 200 – Disponível em:<br>< <a href="http://2.bp.blogspot.com/_e5K96hr8ye0/ScAnAOn7E2I/AAAAAAAAAAk/gbmrRZ9hx2c/s400/g_GetAttachment.aspx.jpg">http://2.bp.blogspot.com/_e5K96hr8ye0/ScAnAOn7E2I/AAAAAAAAAAk/gbmrRZ9hx2c/s400/g_GetAttachment.aspx.jpg</a> >. Acesso em: 18 jul. 2009.              | 26  |
| Imagem 4 | Tapeçaria mostrando o abate de um boi, preparação da comida – Fonte:<br>Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080) – Disponível em:<br>< <a href="http://www.ricardocosta.com/textos/bayeux2.htm">http://www.ricardocosta.com/textos/bayeux2.htm</a> > Acesso em: 18 jul.<br>2009.....  | 26  |
| Imagem 5 | Tapeçaria mostrando servos servindo a comida e o banquete antes dos<br>preparativos para a guerra – Fonte: Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080) –<br>Disponível em: < <a href="http://www.ricardocosta.com/textos/bayeux2.htm">http://www.ricardocosta.com/textos/bayeux2.htm</a> > Acesso<br>em: 18 jul. 2009.....                 | 26  |
| Imagem 6 | Via Sacra – painel que mostra os vários estágios da paixão de Cristo – Fonte:<br>Ensino Religioso – Educação Infantil e Ciclo I. – Disponível em:<br>< <a href="http://ensinoreligioso2.blogspot.com/2008_01_01_archive.html">http://ensinoreligioso2.blogspot.com/2008_01_01_archive.html</a> ><br>Acesso em: 18 jul. 2009 ..... | 27  |
| Imagem 7 | Pintura Rupestre (Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí) – Fonte:<br>Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) – Disponível em:<br>< <a href="http://www.fumdam.org.br/pinturas_rupestres.html">http://www.fumdam.org.br/pinturas_rupestres.html</a> > Acesso em: 30 set.<br>2008.....                                    | 28  |
| Imagem 8 | Histórias Ilustradas de Ruldophe Topffer – Fonte: Moyá (1996, p.<br>7).....   | 29  |
| Imagem 9 | História Ilustrada de Ângelo Agostini – “ <i>Nhô Quim</i> ” – Fonte: Universo<br>Fantástico – Disponível em:<br>< <a href="http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/images/nhoquimum.jpg">http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/images/nhoquimum.jpg</a> > Acesso<br>em: 18 jul. 2009.....                                     | 29  |



|           |  |    |
|-----------|--|----|
| Imagem 10 | <i>The Yellow Kid</i> de Richard Outcault – Fonte: Moya (1996, p. 17).....   | 30 |
| Imagem 11 | Tipos de quadrinhos: quadrinhos do lado esquerdo – cenas do passado (requadros ondulados) e quadrinhos do lado direito – tempo presente (requadros retos) – Fonte: Monstro do Pântano, nº 18 (junho de 1991 p.36).....   | 35 |
| Imagem 12 | Tipos de quadrinhos: quadrinhos sem requadros – Fonte: Spirit nº1 (1990, p. 14) .....  | 35 |
| Imagem 13 | Plano de visão geral – Fonte: Mônica nº28 (abril de 2009, p. 3) .....  | 36 |
| Imagem 14 | Plano de visão americano – Fonte: O Fantasma, nº2/4 (1989 p. 17).....  | 36 |
| Imagem 15 | Plano de visão detalhe – Fonte: Jovens Titãs nº 1 (2005, p. 48) .....  | 36 |
| Imagem 16 | Plano de visão médio – Fonte: Turma da Mônica Jovem, nº 5 (2005, p. 51).....   | 36 |
| Imagem 17 | Ângulo de visão: médio – Fonte: Chico Bento, nº28 (2009, p. 31).....   | 36 |
| Imagem 18 | Ângulo de visão superior – Fonte: Sandman, nº 13 (1990, p. 25.).....   | 36 |
| Imagem 19 | Ângulo de visão inferior – Fonte: Jovens Titãs, nº 1 (2005, p. 32).....  | 37 |
| Imagem 20 | Página inicial com o logotipo da história e o título da história – Fonte: Fábulas Pixel, nº1(2008, p.89).....  | 38 |
| Imagem 21 | Página como um bloco de ação e gancho para página seguinte – Fonte: Turma da Mônica jovem, nº 5 (2005, p. 51).....   | 38 |
| Imagem 22 | Protagonista e personagens secundários – Peter Parker (homem-aranha), seu interesse romântico (Mary Jane), seus antagonistas (Kraven o caçador e Electro), um membro da família (Tia May), o chefe (JJ Jameson) e a Tia de seu interesse romântico – Fonte: Homem- aranha edição extra, nº 1 (1991, p. 1)..... | 39 |
| Imagem 23 | Dois quadrinhos com várias linhas cinéticas – giro do coelho, andar aos saltos da Mônica, virar da cabeça para os dois lados do Cebolinha – e uma metáfora visual – ver estrelas e planetas – Fonte: Cebolinha, nº 32 (2009, p. 8).....  | 39 |
| Imagem 24 | Metáforas visuais – palavirão falado pelo Seu Massami – linha cinética – trajetória da melancia e movimentos do Cascão – Fonte: Cascão, nº 12 (2007, p. 42).....   | 39 |
| Imagem 25 | Tipos de balões – Fonte: Heine Disponível em < <a href="http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html">http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html</a> >. Acesso em: em 18 jul. 2009 .....   | 40 |
| Imagem 26 | Tipos de onomatopéias – Fonte: Heine Disponível em   |    |

<<http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>>. Acesso em:  
18 jul. 2009..... 41

## LISTA DE GRÁFICOS

|            |  |    |
|------------|--|----|
| Gráfico 1  | Sexo dos professores que responderam aos questionários.....  | 89 |
| Gráfico 2  | Sexo dos professores que utilizam histórias em quadrinhos .....  | 89 |
| Gráfico 3  | Faixa etária dos professores que responderam aos questionários.....  | 90 |
| Gráfico 4  | Faixa etária dos professores que utilizam histórias em quadrinhos.....   | 90 |
| Gráfico 5  | Convívio com crianças dos professores que responderam aos questionários .....                                    | 90 |
| Gráfico 6  | Convívio com crianças dos professores que utilizam histórias em quadrinhos .....                                 | 90 |
| Gráfico 7  | Leitura de HQs pelas crianças dos professores que responderam aos questionários .....                            | 91 |
| Gráfico 8  | Leitura de HQs pelas crianças dos professores que utilizam histórias em quadrinhos .....                         | 91 |
| Gráfico 9  | Personagens das HQs que as crianças lêem, lembrados pelos professores que responderam aos questionários.....     | 91 |
| Gráfico 10 | Personagens das HQs que as crianças lêem, lembrados pelos professores que utilizam histórias em quadrinhos ..... | 91 |
| Gráfico 11 | Distribuição das disciplinas ministradas pelos professores que responderam aos questionários.....                | 92 |
| Gráfico 12 | Distribuição das disciplinas ministradas pelos professores no Universo da pesquisa.....                          | 92 |
| Gráfico 13 | Distribuição das disciplinas nos professores que utilizam histórias em quadrinhos.....                           | 93 |
| Gráfico 14 | Formação atual dos professores que responderam aos questionários.....  | 94 |
| Gráfico 15 | Formação atual dos professores que utilizam HQs .....  | 94 |
| Gráfico 16 | Realização de pós-graduação pelos professores que responderam aos questionários .....                            | 95 |
| Gráfico 17 | Realização de pós-graduação pelos professores que utilizam HQs.....  | 95 |
| Gráfico 18 | Tempo de magistério dos professores que responderam aos questionários .....                                      | 96 |
| Gráfico 19 | Tempo de magistério dos professores que utilizam HQs.....  | 96 |
| Gráfico 20 | Tempo que os professores que responderam aos questionários lecionam na escola da pesquisa .....                  | 96 |
| Gráfico 21 | Tempo que os professores que utilizam HQs lecionam na escola da pesquisa .....                                   | 96 |
| Gráfico 22 | Número de escolas em que os professores que responderam aos questionários lecionam.....                          | 97 |
| Gráfico 23 | Número de escolas em que os professores que utilizam HQs lecionam.   | 97 |
| Gráfico 24 | Jornada de trabalho dos professores que responderam aos questionários.....                                       | 97 |
| Gráfico 25 | Jornada de trabalho dos professores que utilizam HQs.....  | 97 |
| Gráfico 26 | Carga horária semanal dos professores que responderam aos questionários.....                                     | 98 |
| Gráfico 27 | Carga horária semanal dos professores que utilizam HQs.....  | 98 |
| Gráfico 28 | Tempo de trabalho em casa dos professores que responderam aos questionários .....                                | 98 |
| Gráfico 29 | Tempo de trabalho em casa dos professores que utilizam HQs.....  | 98 |
| Gráfico 30 | Tipos de mídias utilizados pelos professores que responderam aos questionários.....                              | 99 |
| Gráfico 31 | Tipos de mídias utilizados pelos professores e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos.....                 | 99 |

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| Gráfico 32 | Outros meios que enriquecem as aulas, indicados pelos professores que responderam aos questionários. ....                              | 100 |
| Gráfico 33 | Outros meios que enriquecem as aulas, indicados pelos professores que responderam aos questionários, de acordo com as disciplinas..... | 100 |
| Gráfico 34 | Leitura de histórias em quadrinhos quando criança, nas respostas de todos os professores .....   | 101 |
| Gráfico 35 | Leitura de histórias em quadrinhos quando criança, nas respostas dos professores que utilizam HQs. ....                                | 101 |
| Gráfico 36 | Leitura de histórias em quadrinho quando criança, nas respostas dos professores que não utilizam HQs. ....                             | 101 |
| Gráfico 37 | Quadrinhos lidos quando criança nas respostas, de todos os professores. ....   | 102 |
| Gráfico 38 | Quadrinhos lidos quando criança, nas respostas dos professores que utilizam HQs. ....  | 102 |
| Gráfico 39 | Quadrinhos lidos quando criança, nas respostas dos professores que não utilizam HQs. ....  | 102 |
| Gráfico 40 | Quadrinhos lidos quando criança, nas respostas de todos os professores.....  | 103 |
| Gráfico 41 | Quadrinhos lidos quando criança, nas respostas dos professores que utilizam HQ.....  | 103 |
| Gráfico 42 | Quadrinhos lidos quando criança, nas respostas dos professores que não utilizam HQ.....  | 103 |
| Gráfico 43 | Respostas para a pergunta sobre a utilização das HQs.....  | 104 |
| Gráfico 44 | Respostas para a pergunta sobre a última vez em que as HQs foram utilizadas.....   | 105 |
| Gráfico 45 | Respostas para a pergunta sobre o tipo de HQs utilizadas.  | 105 |
| Gráfico 46 | Respostas para a pergunta sobre o momento em que as HQs são utilizadas.....  | 106 |
| Gráfico 47 | Número de conteúdos e indicações de usos das HQs.....  | 106 |
| Gráfico 48 | Respostas para a pergunta sobre os motivos que levam os professores a utilizarem as HQs.....   | 107 |
| Gráfico 49 | Respostas para a pergunta sobre as formas de utilizar as histórias em quadrinhos.....  | 107 |
| Gráfico 50 | Respostas para a pergunta sobre o tempo de preparação das aulas em que são usadas as HQs .....   | 108 |
| Gráfico 51 | Respostas para a pergunta sobre a motivação para os professores utilizarem as HQs.....   | 109 |
| Gráfico 52 | Contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos pelos diversos níveis de professores que utilizam HQs.....    | 109 |
| Gráfico 53 | Distribuição das contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos pelas disciplinas .....                      | 110 |
| Gráfico 54 | Distribuição das contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos em diversas classes .....                    | 110 |
| Gráfico 55 | Origens das atividades com histórias em quadrinhos elaboradas pelos professores .....  | 114 |

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

|          |  |    |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Sistematização das indicações do uso das histórias em quadrinhos segundo nossa categoria de classificação .....                            | 71 |
| Quadro 1 | Continuação .....  | 72 |
| Quadro 1 | Continuação .....  | 73 |
| Quadro 2 | Escolas da pesquisa .....  | 77 |
| Quadro 3 | Correlação entre as questões da pesquisa e as questões do questionário.....  | 81 |
| Tabela 1 | Total de professores (P) e número de questionários respondidos, em número (Q) e porcentagem (%), por escola e por disciplina.....          | 82 |
| Tabela 2 | Grupos que compõem a pesquisa .....  | 83 |
| Tabela 3 | Formação profissional dos professores que responderam ao questionário e que usavam as histórias em quadrinhos em número e porcentagem..... | 85 |
| Tabela 4 | Total de entrevistas realizadas por escola e disciplinas   | 86 |
| Tabela 5 | Grupos que compõem a pesquisa .....  | 88 |
| Tabela 6 | formação profissional dos professores que responderam o questionário e que utilizam histórias em quadrinhos em número e porcentagem.....   | 95 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|               |  |
|---------------|--|
| HQ            | Histórias em quadrinhos                                      |
| UM            | Universo Marvel  |
| TM            | Turma da Mônica  |
| RPMECRJ       | Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro |
| ABE           | Associação Brasileira de Educação                            |
| SME/RJ        | Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro           |
| Multieducação | Núcleo Curricular Básico Multieducação                       |
| Multirio      | Empresa Municipal de Multimeios                              |
| CMAA          | <i>Comics Magazines Association of America</i>               |
| EUA           | Estados Unidos da América                                    |
| INEP          | Instituto Nacional de Educação e Pesquisa                    |
| Ebal          | Editora Brasil-América                                       |
| SL            | Sala de Leitura  |
| SL-P          | Sala de Leitura-Pólo   |
| CRE           | Coordenadoria Regional de Educação                           |
| E-DGED        | Departamento Geral de Educação                               |
| Revista SME   | Revista Nós da Escola  |

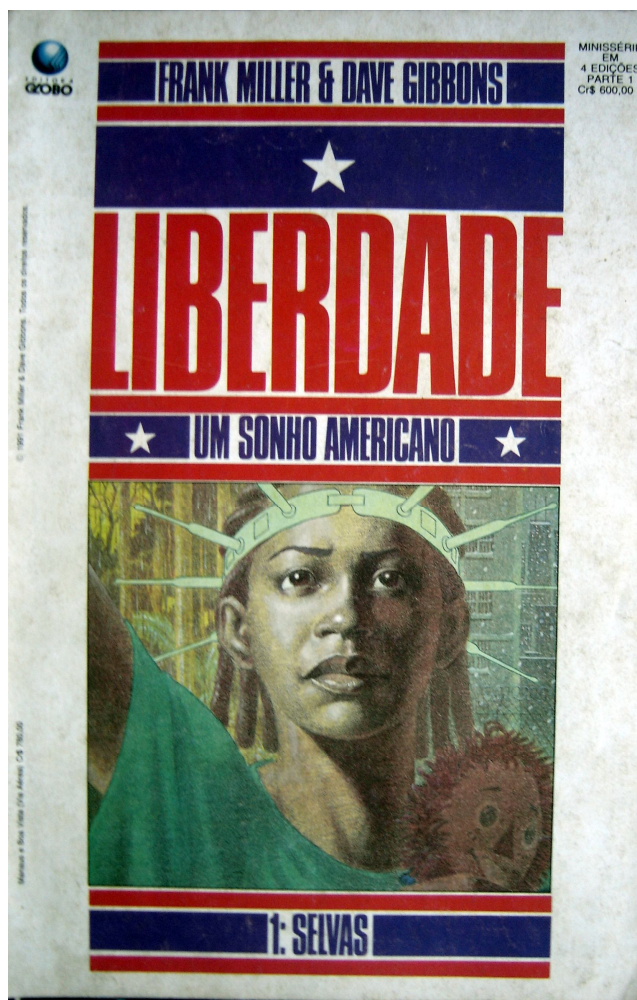
## SUMÁRIO

|       |  |    |
|-------|--|----|
| 1     | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 18 |
| 2     | <b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS</b> .....   | 25 |
| 2.1   | O QUE SÃO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS? .....   | 25 |
| 2.2   | UMA BREVE HISTÓRIA DOS QUADRINHOS MODERNOS .....                                   | 28 |
| 2.3   | OS FATORES QUE POSSIBILITARAM A DIFUSÃO DOS<br>QUADRINHOS.....                     | 31 |
| 2.4   | A ESTRUTURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....                                      | 34 |
| 2.4.1 | A LINGUAGEM VISUAL .....   | 34 |
| 2.4.2 | A LINGUAGEM VERBAL .....   | 40 |
| 3     | <b>DIDÁTICA E PRÁTICAS EDUCATIVAS</b> .....  | 43 |
| 3.1   | O QUE É DIDÁTICA? .....  | 43 |
| 3.2   | UMA BREVE HISTÓRIA DA TRAJETÓRIA DA DIDÁTICA E DAS<br>TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS ..... | 45 |
| 3.3   | A DIDÁTICA E O PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO .....                              | 47 |
| 3.4   | A DIDÁTICA NOS DIAS DE HOJE .....  | 49 |
| 3.5   | A RELAÇÃO MÍDIA E EDUCAÇÃO NA SME/RJ .....   | 50 |
| 3.6   | DIDÁTICA E PRÁTICAS EDUCATIVAS.....  | 53 |
| 3.7   | O CONFLITO ENTRE DIDÁTICA TEÓRICA E DIDÁTICA PRÁTICA ....                          | 54 |
| 4     | <b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO</b> .....                                    | 57 |
| 4.1   | QUADRINHOS E EDUCAÇÃO – UMA RELAÇÃO CONTURBADA .....                               | 57 |
| 4.2   | INDICAÇÕES DE USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....                                | 61 |
| 4.2.1 | HQ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA – SONIA M. BIBE LUYTEN, 1984                            | 62 |
| 4.2.2 | A EDUCAÇÃO ESTÁ NO GIBI – DEJOTA CARVALHO, 2006.....                               | 63 |
| 4.2.3 | COMO USAR OS QUADRINHOS EM SALA DE AULA – BARBOSA ET<br>AL .....                   | 65 |
| 4.3   | SÍNTESE DAS FORMAS DE USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS                              | 70 |
| 5     | <b>PASSOS DA PESQUISA</b> .....  | 75 |
| 5.1   | DELIMITAÇÃO DA PESQUISA .....  | 75 |
| 5.2   | SELEÇÃO DA AMOSTRA .....   | 76 |
| 5.3   | AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA .....  | 77 |
| 5.4   | COLETA DE DADOS .....  | 78 |

|     |  |     |
|-----|--|-----|
| 5.5 | INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....  | 78  |
| 5.6 | SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS .....   | 82  |
| 5.7 | UNIVERSO DA PESQUISA .....   | 82  |
| 5.8 | ENTREVISTAS .....  | 86  |
| 5.9 | OBTENÇÃO DE IMAGENS .....  | 86  |
| 6   | <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....  | 88  |
| 6.1 | DADOS PESSOAIS .....   | 89  |
| 6.2 | DADOS PROFISSIONAIS .....  | 92  |
| 6.3 | OUTRAS MÍDIAS .....  | 99  |
| 6.4 | LEITURA DE HQS .....   | 101 |
| 6.5 | CONTEXTO DIDÁTICO DAS HQs .....  | 104 |
| 7   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 116 |
|     | <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....  | 121 |
|     | <b>APÊNDICE A – Modelo do Questionário</b> .....                             | 124 |
|     | <b>APÊNDICE B – Modelo da entrevista semiestruturada</b> .....               | 129 |
|     | <b>ANEXO A – Encarte Revista Nós da Escola</b> .....                         | 130 |
|     | <b>ANEXO B – Exemplo de Autorização da SME-RJ</b> .....                      | 131 |
|     | <b>ANEXO C – Exemplo de Autorização da CRÊ</b> .....                         | 132 |
|     | <b>ANEXO D – Exemplo de histórias em quadrinhos criada por alunos</b> .....  | 133 |
|     | <b>ANEXO E – Exemplo de histórias em quadrinhos criada por alunos</b> .....  | 134 |
|     | <b>ANEXO F – Exemplo de avaliação utilizando histórias em quadrinhos</b> ... | 135 |
|     | <b>ANEXO G – Exemplo de avaliação utilizando histórias em quadrinhos</b> ... | 136 |



# 1 INTRODUÇÃO



Capa 1: Liberdade: um sonho americano, nº 1 (1991).

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a relação entre as Histórias em Quadrinhos (HQs) e a Educação. Um tema singular, que vem sendo de nosso interesse já há bastante tempo. Leitora que sou de histórias em quadrinhos, desde pequena, reconheço que estas foram importantes para a minha formação, mesmo com a controvérsia de ora esta leitura ter sido incentivada: “ler é muito bom, continue assim”, ora ter sido desencorajada: “procure alguma coisa melhor para ler, isso não vai te levar a nada”.

Querendo pôr esta controvérsia em discussão, realizamos, na pós-graduação *lato sensu*, uma monografia intitulada “Os Conceitos de Evolução Biológica nas Histórias em Quadrinhos”, onde analisamos as histórias em quadrinhos e vimos que estas traziam ensinamentos, antes restritos às escolas.

Nesta pesquisa, associada à monografia, realizamos, inicialmente, um levantamento dos principais conceitos da Evolução Biológica. Em seguida procedemos com uma leitura sistematizada das revistas selecionadas. Estas foram agrupadas em dois modelos distintos: um grupo dedicado ao público jovem (12 anos em diante) e, outro, ao público infantil (de 7 a 11 anos). O primeiro grupo foi o das revistas do Universo Marvel (UM), voltadas para o público jovem, mas lidas até mesmo por adultos; e, o segundo, o das revistas dos personagens criados por Maurício de Souza - mais popularmente conhecidos como Turma da Mônica (TM), voltadas para o público infantil, mas também lidas por pessoas de várias idades. As revistas do UM utilizadas foram X-men e Wolverine, totalizaram 242 exemplares (coleções completas), enquanto as revistas da TM utilizadas foram Mônica e Cebolinha (com edições mensais), além de Cascão, Magali e Chico Bento (com edições quinzenais), totalizando 240 exemplares. Os exemplares de UM formavam coleções completas, até o último número em banca, em outubro de 2000, enquanto as revistas de TM eram compostas por números variados, publicados no período de 1984 a 2000, sendo a grande maioria nos últimos três anos.

Após a leitura das revistas foram encontrados nove conceitos de evolução, disseminados nas várias histórias dos dois grupos estudados, perfazendo 52,94% dos conceitos pré-selecionados. Ambos apresentaram um número de conceitos (10 em UM e 11

em TM), em um percentual de revistas (28,92% em UM e 22,91% em TM), muito similares entre si, com quase 30% do espaço das revistas dedicado de alguma forma a este tema, mesmo que com erros e acertos.

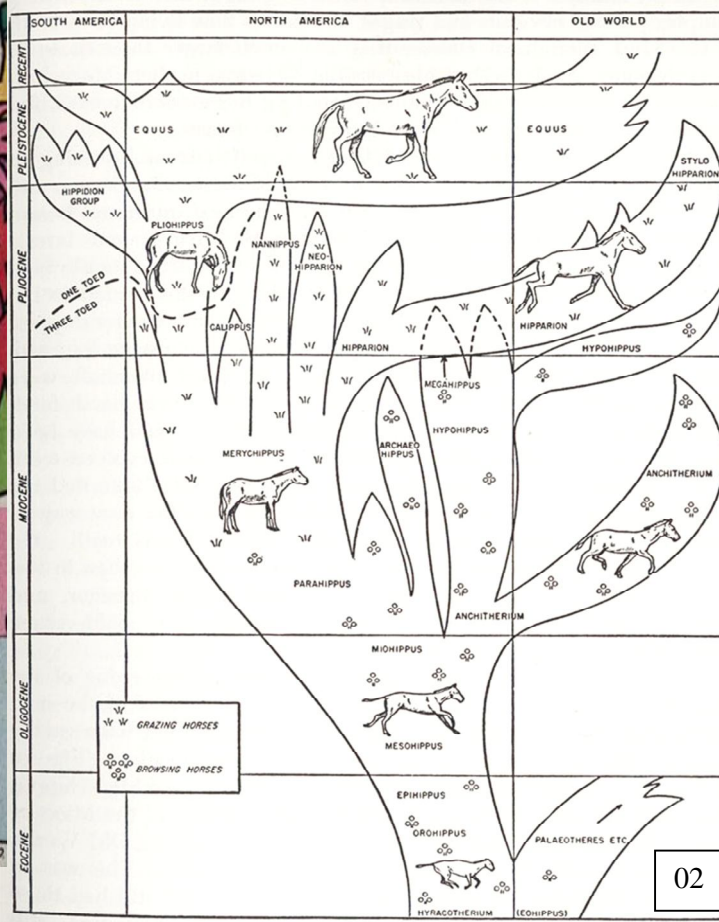
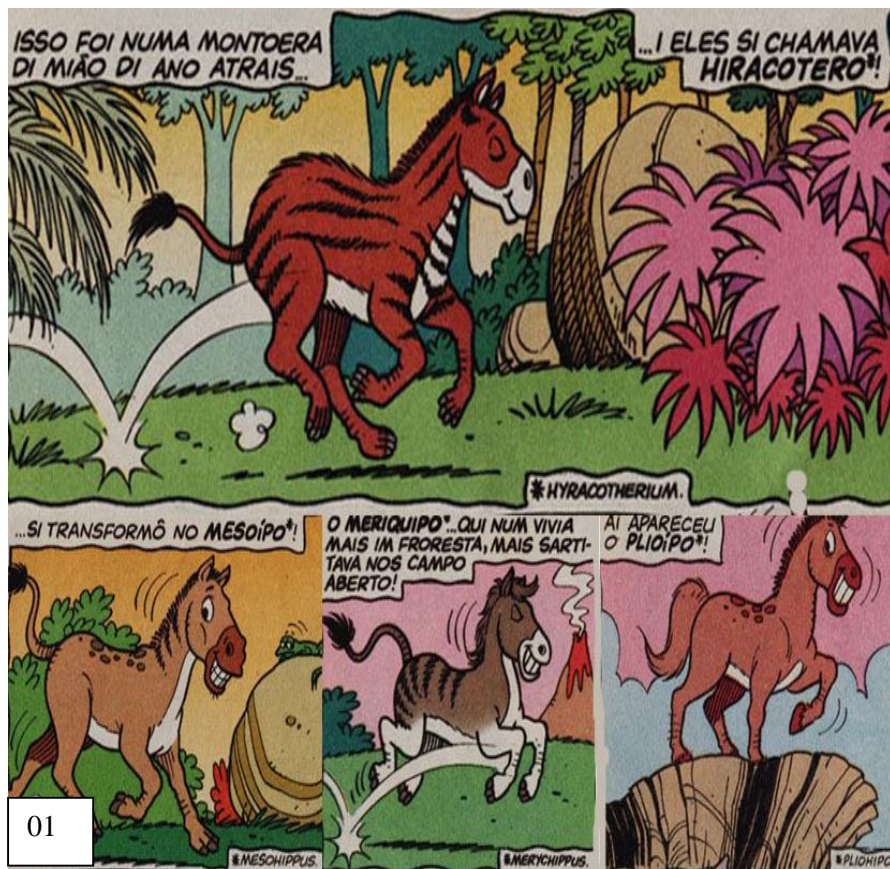
Além disso, nas revistas de TM foi apontada a existência de verdadeiras “histórias-aulas”, veiculando conhecimentos de ciências/biologia, educação ambiental, física, e noções de ética e cidadania. Como exemplo dessas “histórias-aula”, tem-se a história Evolução Equina (Chico Bento, nº 286). Nela, a evolução dos equinos fósseis americanos foi mostrada com uma riqueza de detalhes, inclusive com nomes científicos dos gêneros que apareceram ao longo de sua linhagem, como mostra a comparação com a figura clássica, encontrada no livro de Dobszansky (Figura 1).

Apresentamos este e outros trabalhos, na mesma linha, em eventos científicos, sempre atraindo muito interesse e recebendo palavras de incentivo para continuar com o mesmo tema de pesquisa. Também publicamos o artigo “Cómics: Investigación de Conceptos y de Términos Paleontológicos y Su Uso Como Recurso Didáctico en la Educación Primaria”, na revista Enseñanza de la Ciencia.

Assim, pensando a escola como o “espaço educativo” por excelência, percebemos que poderíamos encontrar outros espaços educativos, entrando na vida dos estudantes, pela mídia em geral. Afinal, quando entram para a escola, os alunos trazem consigo concepções, elaboradas em contato com o ambiente físico e social que os rodeiam. Nesse sentido, o ensino não pode estar alheio à mídia - uma parte deste meio social.

As histórias em quadrinhos fazem parte da mídia e, como toda a mídia de massa, ela divulga informações, podendo formar opiniões e provocar reflexões. Mesmo aquelas destinadas puramente ao entretenimento, também participam da formação de um indivíduo. Elas nasceram do conjunto de duas artes diferentes - literatura e desenho – e é esta conjugação de dois elementos básicos da comunicação, o desenho e o texto em linguagem direta, que caracteriza as histórias em quadrinhos, permitindo a transmissão de sua mensagem de forma agradável e persuasiva (Barcellos, 2008). Como Coelho (1977) concluiu em seu trabalho, a linguagem visual (desenhos, imagens e ilustrações) associadas à linguagem verbal resultam em um dos mais eficazes processos educativos.

No entanto, as histórias em quadrinhos durante muito tempo foram consideradas



Figuras 01e 02 – Exemplo de história-aula – comparação da Evolução Equina apresentada por Maurício de Sousa (01) e figura clássica de Dobszansky(02).

Fontes: 01 – Chico Bento, nº 286, 1998 p. 2-6; 02 – Dobszansky, 1955 p.?

como uma subliteratura, prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças, levando os sociólogos às apontarem como uma das principais causas da delinquência (Abrahão, 1977). Em 1987, Bibe-Luyten escreveu: “Quantas vezes todos nós já levamos uma bronca dos pais, sendo pegos "em flagra" com uma revista de quadrinhos na mão e eles diziam: "Larga esse gibi! Não tem coisa melhor para ler?” (Bibe-Luyten, 1987, p. 9). Preconceitos como esses ainda existem, mas estão ficando cada vez menos frequentes.

Muitos trabalhos foram realizados para desmistificar as idéias corrosivas sobre as histórias em quadrinhos, como os de Bibe-Luyten (op cit), Anselmo (1975) e Abrahão (1977). Os dois últimos autores alegaram que qualquer gênero de literatura tem obras boas e más, portanto, não é a literatura em quadrinhos que faz mal às crianças e, sim, toda e qualquer literatura mal orientada. Não é preciso suprimir a leitura das histórias em quadrinhos, nem condená-la a princípio.

É por isso que as histórias em quadrinhos (HQs) vêm sendo empregadas, tanto na área de educação como no lazer, e até no campo da propaganda comercial e política. Estando presentes em nosso cotidiano, em tiras de jornais, no grande número de revistas encontradas nas bancas, nas campanhas de prevenção às doenças (Hanseníase, AIDS, Malária entre outros), nas propagandas, em livros didáticos etc. No campo da educação é inegável, o enorme poder de comunicação das histórias em quadrinhos e é por isso que, hoje em dia, elas são utilizadas para ilustrar livros didáticos, configurando-se como uma alternativa interessante às atividades pedagógicas tradicionais (Iannone e Iannone, 1994).

O uso das histórias em quadrinhos em atividades didáticas já vem sendo sugerido há algum tempo e o seu uso nas práticas educativas está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (2008). Carvalho (2006) e Barbosa *et al.*, (2006) publicaram livros com orientações de práticas pedagógicas utilizando os quadrinhos. Mas, a pergunta é: como elas estão sendo usadas nas escolas? Esta é uma das questões que tentamos responder ao longo desta pesquisa. Assim, desse modo, buscamos aumentar os conhecimentos na área de ensino com quadrinhos e na educação.

Originalmente, pretendíamos investigar o uso das histórias em quadrinhos pelos professores de Ciências, dando continuidade a pesquisa que realizamos no curso *lato sensu*,

mas, em nossas sondagens preliminares, no contato com professores de várias escolas e na busca em *forums* de professores de Ciências ou em páginas de relacionamentos, não encontramos professores que pudessem fazer parte da pesquisa. Assim, resolvemos ampliar a ideia original a fim de investigar o uso dos quadrinhos realizado pelos professores das disciplinas Ciências, Português, Matemática, História e Geografia. Partindo dessas considerações foi possível traçar o novo objetivo.

Esse trabalho tem como objetivo geral investigar a apropriação das formas de uso das histórias em quadrinhos por professores da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RPMECRJ).

Para alcançar este objetivo buscamos: traçar o perfil dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos, levantar as formas de utilização das histórias em quadrinhos por esses professores, verificar de onde esses professores tiram as idéias para a utilização dos quadrinhos, comparar essas formas de uso com a de outros professores e com a literatura, discutindo a utilização dos quadrinhos pelos professores dentro das práticas educativas contemporâneas.

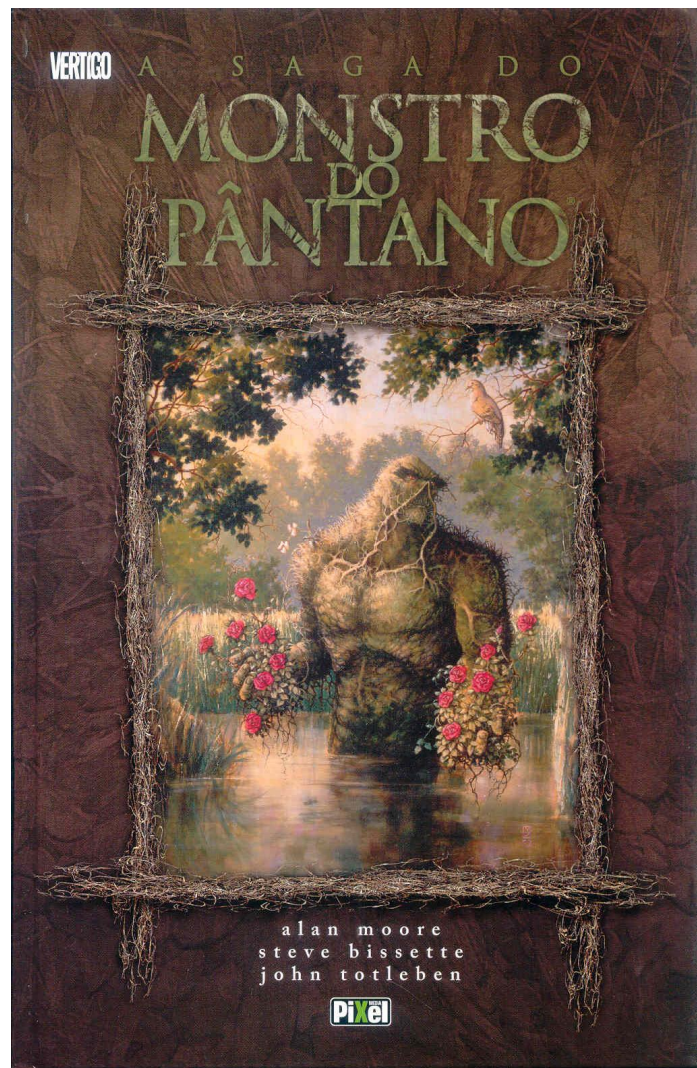
Para tanto, debruçamo-nos sobre as seguintes questões: quem são os professores que utilizam os quadrinhos? Por que utilizam as histórias em quadrinhos? Como utilizam as histórias em quadrinhos? De onde vêm as formas de utilização das histórias em quadrinhos e como essas formas se inserem dentro das propostas encontradas na literatura?

Esperamos, com este trabalho, ampliar os conhecimentos nas áreas de educação, mídia e práticas pedagógicas contemporâneas. Também pretendemos dar voz aos professores reconhecendo as metodologias que são criadas em seu dia-a-dia como educadores. Buscando formas mais lúdicas de ensinar, tornando o ensino mais próximo dos educandos por meio das histórias em quadrinhos.

O desenvolvimento do trabalho realizado está apresentado da forma descrita a seguir. O Capítulo 1 – Histórias em quadrinhos apresenta esta mídia tratando da sua conceituação, traçando um breve histórico de sua trajetória, apresentando os fatores que permitiram a sua difusão e, por último, explicitando a linguagem das histórias em quadrinhos. O Capítulo 2 – Didática e Práticas Educativas trata da didática, desde os seus primórdios até os dias de hoje.

Também verifica o que a RPMCRJ sinaliza em relação ao uso das HQs nas práticas didáticas. Explicita práticas didáticas e, por último, apresenta as dificuldades encontradas pelos professores ao confrontarem a teoria da didática com as suas práticas diárias. O Capítulo 3 – Histórias em Quadrinhos e Educação inicia-se com a conturbada relação entre histórias em quadrinhos e educação, além de relacionar algumas das formas de usos didáticos encontradas em obras que tratam das histórias em quadrinhos nos contextos escolares. No Capítulo 3 – Passos da Pesquisa tratamos de todas as etapas de nosso trabalho e das opções metodológicas adotadas para cada uma delas: desde a definição final do tema a ser pesquisado, a escolha da população alvo, a delimitação do espaço da pesquisa, a seleção da amostra, a solicitação de autorização da pesquisa, a elaboração dos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa de campo, a sistematização dos dados e a obtenção de imagens. No Capítulo 4 – Resultados e Discussões apresentamos e discutimos os resultados encontrados, iniciando com a apresentação do universo da pesquisa e, em seguida, analisando cada bloco de perguntas constante em nosso questionário. O Capítulo 5 – Considerações Finais apresenta nossas percepções em relação aos dados que encontramos e aponta possíveis caminhos a seguir

## 2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



Capa 2: A saga do Monstro do Pântano, nº 1 (2007).



## 2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Neste capítulo trataremos das histórias em quadrinhos desde a sua conceituação, passando por sua trajetória e pelos fatores que permitiram a sua difusão, até chegar a sua linguagem, dividida em visual e verbal para melhor entendimento.

### 2.1 O QUE SÃO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?

Conceituar histórias em quadrinhos ocupou o tempo de vários pesquisadores. Will Eisner, um mestre dos quadrinhos, cunhou o termo arte sequencial para designar as histórias em quadrinhos. Ao cunhar o termo, Eisner a conceituou “como uma forma artística e literária que lida com a disposição de imagens ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 1999, p. 5).

Scott McCloud em seu *Desvendando os quadrinhos* (1995) parte da definição de Eisner expandido-a até “uma definição de dicionário”:

**Histórias em quadrinhos** s. pl., usado com um verbo. 1. imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta do espectador (McCloud, 1995, p. 9).

Com esta definição McCloud amplia a definição de Eisner ao retirar o termo arte e acrescentam o visual. Para o autor, o visual deveria ser acrescentado para separar as HQs de outros tipos de artes, assim o termo “Arte” deveria ser retirado, pois implicaria em um critério de valor. Para que as HQs não fossem confundidas com os desenhos animados, a palavra justaposta (lado a lado) foi acrescentada à definição. Desenhos animados também são formados por imagens em sequência, mas uma ocupa o espaço da outra. “Pictóricas e outras” foram acrescentadas porque uma HQ pode ou não ter palavras, e estas são formadas por letras, imagens estáticas que, justapostas, formam uma palavra.

Esta definição nos ajuda a compreender porque autores como Waldomiro Vergueiro (2006), Iannone & Iannone (2004) e Anselmo (1975) apontam as pinturas rupestres como os primórdios das histórias em quadrinhos. Assim, McCloud pode encontrar “histórias em quadrinhos” em 1200AC, nas pinturas egípcias (Imagem 3), em 1066DC, em tapeçarias francesas (Imagem 4 e 5) e, em 1519, em um manuscrito Pré-Colombiano.

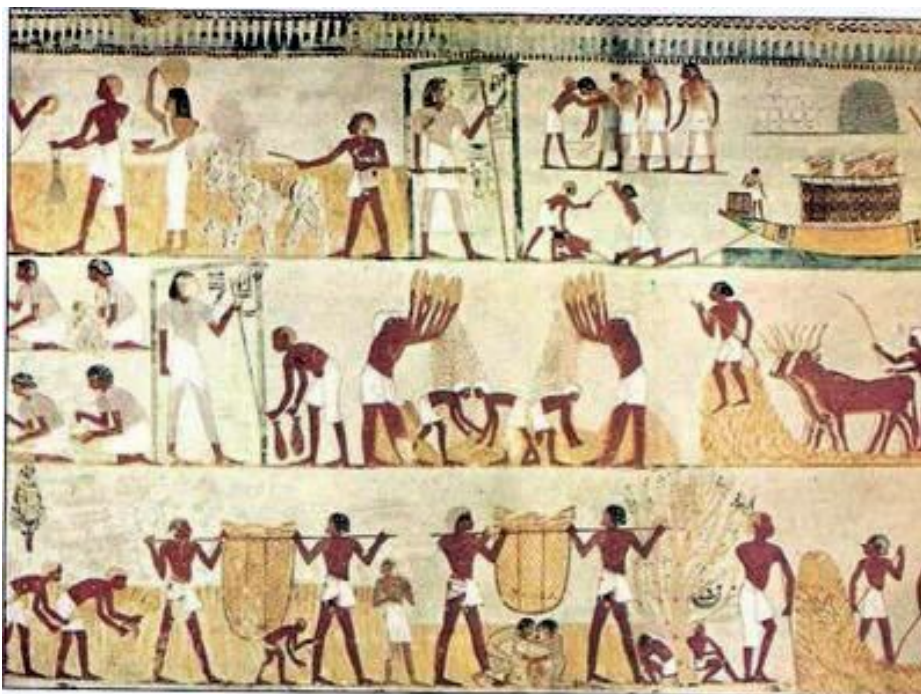


Imagem 3: Pintura egípcia mostrando a coleta, o beneficiamento, a mensuração e o transporte do trigo. A leitura é feita em zig-zag, de baixo para cima, iniciando a esquerda.

Fonte: Blog da 200 (2009).



Imagens 4 e 5: Tapeçaria mostrando o abate de um boi, preparação da comida (4), servos servindo a comida e o banquete, antes dos preparativos para a guerra(5).

Fonte: Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080) (2009).

Todas estas obras e outras, como a famosa *Via Sacra* (Imagem 6), não mencionada por McCloude, mas igualmente considerada uma HQ, trazem em si, a marca do que seria uma histórias em quadrinhos.



Imagem 6: Via Sacra – painel que mostra os vários estágios da paixão de Cristo.

Fonte: Ensino Religioso – Educação Infantil e Ciclo I (2009).

Todavia, os quadrinhos, tal como nós conhecemos hoje, foram definidos de uma forma mais simples por dois autores brasileiros, Iannone & Iannone (1994):

A melhor definição para histórias em quadrinhos está em sua própria denominação: é uma história contada em quadros (vinhetas), ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto. Em outras palavras, é um sistema narrativo composto por dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto. (Iannone & Iannone, 1994, p. 210).

Esta definição contempla toda a evolução dos quadrinhos modernos, começando com as histórias ilustradas de Rudolphe Topffer (1799-1846), nos idos de 1827, até chegar às inúmeras revistas e tirinhas que encontramos nas bancas de jornal e revistas nos dias de hoje.

Não podemos esquecer, também, a definição sintética de Bibe-Luyten, para a qual as histórias em quadrinhos “são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita, numa sequência narrativa contínua”. (1987, p.11).

Analisando todas as definições arroladas percebemos as concordâncias: imagens pictóricas e outras (palavras) – McCloud; desenho e texto – Iannone & Iannone; imagem e linguagem escrita – Bibe-Luyten. Todas tratam das linguagens visual e verbal, juntas, formando a linguagem dos quadrinhos. Sendo assim, nesse texto usaremos a definição mais atual de Vergueiro: “histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal” (2006 p.31).

## 2.2 UMA BREVE HISTÓRIA DOS QUADRINHOS MODERNOS

Como vimos pode-se creditar a origem das histórias em quadrinhos aos homens das cavernas e suas pinturas rupestres. Os desenhos de caçadas (Imagem 7) e guerras seriam as primeiras histórias em quadrinhos criadas pelo homem.



Imagem 7: Pintura rupestre (Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí).

Fonte: Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) (2008).

Entretanto, as histórias em quadrinhos, tal como as conhecemos hoje, trilharam um grande caminho para chegar ao que são na atualidade. Segundo Álvaro de Moya, o marco inicial para as histórias em quadrinhos modernas seria as histórias ilustradas de Ruldophe Topffer (1799-1846). Este professor resolveu publicar as ilustrações que fazia no quadro para atrair a atenção de seus alunos (Imagem 8). Em suas histórias ilustradas havia uma sequência de imagens e o texto, quando existia, ficava abaixo delas, mas o texto não podia ser lido

sozinho, nem a imagem podia ser lida separada do seu texto, juntos eles formavam um sentido único.

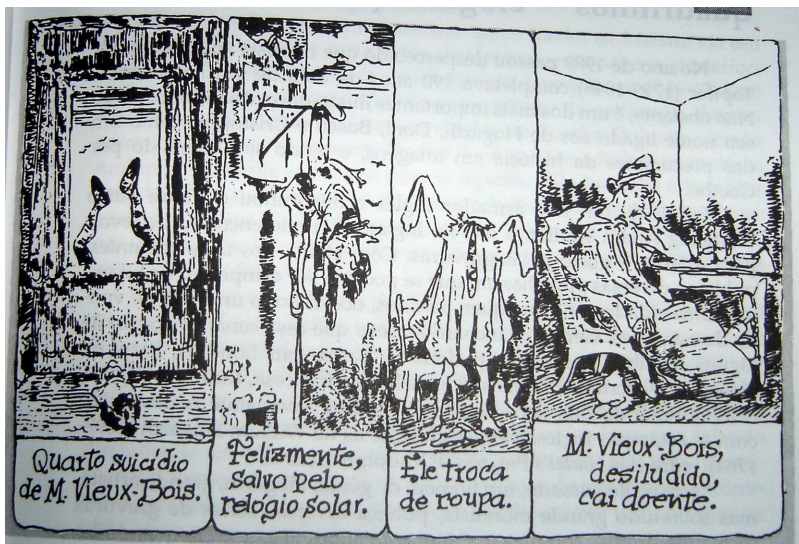


Imagem 8: Histórias ilustradas de Ruldophe Topffer

Fonte: Moya (1996, p. 7).

As histórias ilustradas foram difundidas pelo mundo afora. Sendo produzidas também no Brasil. Coube ao autor, italiano radicado no Brasil, Ângelo Agostini, a produção de uma das obras mais conhecidas neste gênero no Brasil, “*Nhô Quim*”. (Imagem 9). Seu trabalho foi tão importante para a HQ nacional que o dia de sua primeira publicação, 30 de janeiro, foi escolhido para ser o Dia Nacional dos Quadrinhos (Universo Fantástico, 2009).



Imagem 9: História ilustrada de Ângelo Agostini - “*Nhô Quim*”.

Fonte: Universo Fantático, 2009.

Mas, para se tornarem histórias em quadrinhos, tal como conhecemos hoje, as histórias ilustradas foram ganhando elementos como as onomatopéias, os personagens fixos e os balões de fala. Estes elementos surgiram e foram sendo utilizados, espaçadamente, em várias partes do mundo, até que na última década do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os mais poderosos proprietários de cadeias de jornais dos Estados Unidos, brigando pela conquista de um público maior e, com o intuito de atrair uma massa semialfabetizada, os imigrantes, criaram os suplementos dominicais. A grande parte do material destes *sundays* eram narrativas figuradas. Foi num desses suplementos que surgiu o personagem de Richard Outcault, *The Yellow Kid* (O Garoto Amarelo – Imagem 10), o personagem que difundiu o elemento que dá a característica fundamental das histórias em quadrinhos, o balão de fala.



Imagem 10: *The Yellow Kid* de Richard Outcault.

Fonte: Moya (1996, 17).

É por isso que os estadunidenses consideram o Garoto Amarelo, como o marco inicial das histórias em quadrinhos e escolheram o ano de 1896, como o ano da criação das histórias em quadrinhos. Já os europeus decidiram, em um Congresso Internacional de Quadrinhos,

comemorarem o ano de 1897, como o marco de origem das modernas histórias em quadrinhos, por considerar que este serem o ano em que todos os elementos essenciais das histórias em quadrinhos, já estavam difundidos mundialmente.

Dos jornais, os quadrinhos ganharam revistas próprias. Tiveram uma difusão universal, embora em cada canto do mundo eles tenham recebido um nome diferente: nos Estados Unidos - *Comic strips* ou simplesmente *Comics* (tiras cômicas); na França - *Bandes dessinées* (tiras desenhadas); na Itália - *Fumetti* (fumaçinha - os balões que saem da boca dos personagens); na Espanha - *T.B.O*; na América espanhola - historieta, no Japão - *mangá*, e em Portugal - *histórias aos quadrinhos* (Bibe-Luyten, 1987).

No Brasil, a tradição de revistas em quadrinhos começou no início do século XX, com a revista Tico-Tico, lançada em 1905. Depois dela, seguiram-se os suplementos dos jornais: *A Gazetinha* (1929) e *A Gazeta Juvenil* (1949), ambas do jornal *A Gazeta* de São Paulo; o *Suplemento Juvenil* (1934), do jornal *A Nação*; e o *Globo Juvenil*, do jornal *O Globo*. Em virtude do êxito alcançado, os editores da *Gazeta* lançaram outra revista, a *Mirim*, publicada às quartas-feiras, sextas-feiras e domingos. Evento imitado pela editora do *Globo Juvenil*, lançando o *Gibi*, que veio a se tornar sinônimo de revista em quadrinhos no país (Anselmo, 1975).

Nesta breve história ficou de fora um ponto muito importante, que precisa ser abordado: a relação entre as histórias em quadrinhos e a educação, o alvo de nosso trabalho, mas julgamos que esta parte da história das histórias em quadrinhos deve ser tratado no capítulo 4 que se dedica especificamente da relação entre histórias em quadrinhos e educação.

### **2.3 OS FATORES QUE POSSIBILITARAM A DIFUSÃO QUADRINHOS**

As histórias em quadrinhos modernas devem o seu sucesso a três fatores principais: a evolução da impressão tipográfica, o surgimento dos grandes jornais, e a criação dos *syndicates*:

Nós falamos em evolução da impressão porque esta já vinha sendo desenvolvida desde o final do século II da era cristã na China. Os chineses sabiam fabricar papel, a tinta e usar placas de mármore com o texto entalhado como matriz. O mármore foi substituído, com o

tempo, por placas de madeira e coube a um alquimista chinês, Pi Sheng a criação da máquina impressora de tipos móveis, no século XI. Neste sistema as páginas eram montadas em blocos de madeira, com algo parecido com tipos móveis e letras reutilizáveis, agrupadas para formar textos. Os blocos de madeiras eram mergulhados em tinta e usados para produzir várias cópias em papel. (A histórias do Livro, 2008).

Entretanto, coube a Johannes Gutemberg o desenvolvimento da tecnologia de imprensa com os tipos móveis de metal e reutilizáveis. A tecnologia da impressão tipográfica, não só barateou e permitiu a cópia de livros com rapidez, como também provocou uma verdadeira revolução cultural:

O invento de Gutenberg fizera desabar sobre uma Europa em mutação social, econômica e religiosa a ideia da difusão do conhecimento. Foi mais lenha na fogueira da efervescência cultural, que acabaria por consumir a Idade Média. A invenção da imprensa, na aurora dessa época, também de grandes descobertas, foi metade causa, metade efeito do movimento de transformações pelas quais passava o mundo europeu. (A histórias do Livro, 2008).

Esta evolução tecnológica possibilitou que os livros e os materiais de leitura fossem difundidos para as classes mais populares, deixando de ser restrito às pessoas mais abastadas. Como bem lembra Reinaldo de Oliveira (1977), uma história em quadrinho é um único original, desenhado por seu(s) autor(es), que só poderá chegar ao conhecimento de várias pessoas se for copiado mecanicamente, formando os milhares de exemplares a serem distribuídos.

Os grandes jornais são importantes para a popularização das histórias em quadrinhos, pois, em busca de um público ainda maior, passaram a trabalhar com imagem e texto, facilitando a leitura para os semialfabetizados e imigrantes, pouco versados na língua de seu novo país.

No século XIX, os empresários descobriram o potencial comercial do jornalismo como negócio lucrativo e surgiram as primeiras publicações parecidas com os diários atuais. Nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst criaram grandes jornais, destinados à venda em massa. (Wikipédia, 2008).



Os jornais destes grandes empresários, respectivamente *World* e *New York Journal*, em sua guerra pelas vendas, foram grandes divulgadores das histórias em quadrinhos. Não se pode deixar de falar em um capítulo especial desta guerra, que foi o direito de publicação do famoso personagem *Yellow Kid*. No final, em função de uma decisão jurídica, passou a ser publicado pelos dois jornais. No primeiro, com seu título original e, no segundo, com o título com o qual ficou conhecido mundialmente.

A grande tiragem dos jornais foi possibilitada pelo desenvolvimento das técnicas de geração de matriz, de impressão e de reprodução, difundindo os quadrinhos para uma grande parcela da população.

A primeira rotativa começa a funcionar em 1847, nos EUA. No ano seguinte, o *Times*, de Londres cria a rotativa que imprime 10 mil exemplares por hora. O linótipo foi inventado em 1889, por Otto Mergenthaler, revolucionando as técnicas de composição de página, com o uso de tipos de chumbo fundidos para gerar linhas inteiras de texto. A fotografia começou a ser usada na imprensa diária em 1880. A Alemanha foi o primeiro país a produzir revistas ilustradas graficamente com fotografias (Wikipédia, 2008).

Os *syndicates*, ou agências distribuidoras de notícias e material de entretenimento, distribuíam e ainda continuam a distribuir centenas de histórias em quadrinhos para jornais e revistas do mundo todo. Eles já existiam bem antes da necessidade de se distribuir tiras de jornais. Inicialmente trabalhavam com a distribuição de notícias para jornais pequenos que não podiam dispor de jornalistas (Silva, 2009).

Essas agências também são responsáveis pela disseminação dos quadrinhos porque passaram a contratar artistas para desenhar as tiras de quadrinhos, distribuídas para os jornais do mundo todo. Ao contratar um artista o *syndicate* ficava com a propriedade de seu trabalho, podendo copiar quantas vezes quisesse e distribuir para quantos jornais quisesse. Devido à grande quantidade de tiras vendidas, o preço fica muito barato para o jornal ou revista, que compra a tira, e mesmo assim ainda possibilita um bom lucro para o *syndicate*. Isto permitiu que essas distribuidoras de conteúdos dominassem o mercado editorial estadunidense e o internacional (Silva, *op. cit.*).

Se por um lado esta forma de distribuição disseminou os quadrinhos, por outro causou problemas para artistas e para a produção de HQs em países como o nosso. Devido ao poder

dos *syndicates*, um artista que não fosse afiliado a um deles enfrentava dificuldades para conseguir trabalho, uma vez que os jornais não se interessavam em contratar um artista, quando o preço das tirinhas vindas de um *syndicate* era muito mais barato. Esse problema aconteceu não só nos Estados Unidos, mas em muitos outros países como o Brasil. Este é um dos motivos porque até hoje a produção de histórias em quadrinhos no nosso país é tão pequena (Silva, *op. cit.*).

## **2.4 A ESTRUTURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Para entender a estrutura das histórias retomemos a definição de Vergueiro (2006) e lembremos que elas são formadas pela linguagem visual e pela linguagem verbal. Estes dois códigos não podem ser lidos separadamente em uma HQ, mas para a análise da estrutura das HQs podemos considerar cada um desses elementos em separado e, assim, observar cada uma de suas particularidades.

### **2.4.1 A LINGUAGEM VISUAL**

Em se tratando da linguagem visual analisaremos o quadrinho ou vinhetas, requadros, sarjeta, planos e ângulos de visão, diagramação ou montagem, personagens, linhas cinéticas e metáforas visuais.

O quadrinho é a unidade básica das histórias em quadrinhos, nele estão contidas as ações. Um quadro pode apresentar uma única ação ou várias ao mesmo tempo. O quadrinho pode ser formado pelo requadro e pela sarjeta ou não apresentar linhas divisórias entre si. O requadro é a linha que delimita o quadrinho. Geralmente ele é formado por linhas retas. Quando é desenhado com linhas onduladas sugere ações que estão acontecendo no passado, em sonho ou no pensamento. O espaço que se forma entre um quadrinho e outro é a sarjeta. Na sarjeta acontece uma grande ação mental, espaço onde as ações não desenhadas precisam ser imaginadas pelo leitor. A falta do requadro expressa espaço ilimitado. Cabe ao leitor definir o seu fim, podendo preenchê-lo com a sua imaginação. Podemos ver exemplos de tipos de quadrinhos e sarjeta nas imagens 11 e 12.



Imagens 11 e 12: Tipos de quadinhos – quadinhos do lado esquerdo, cenas do passado (requadros ondulados), quadinhos do lado direito, cenas do presente (requadros retos) e, entre os quadinhos, a sarjeta (11) e quadinhos sem requadros (12).

Fontes: 11 – *Monstro do Pântano*, nº18 (1991, p. 36); 12 – *Spirit* nº1 (1990, p. 14).

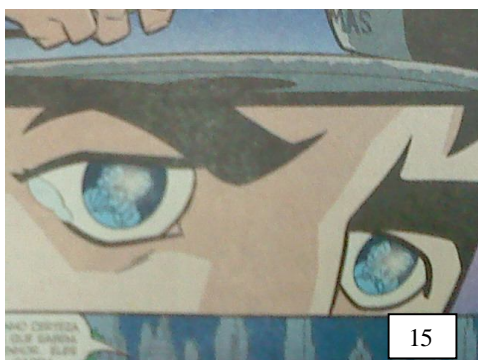
Em se tratando de planos de visão os quadinhos utilizam os mesmo de outra arte, criada na mesma época, o cinema. Os seus planos básicos são: plano geral – mostrando todo o cenário; plano total ou conjunto – mostrando apenas as pessoas; plano médio ou aproximado – mostrando as pessoas da cintura para cima; plano americano – mostrando os personagem do joelho para cima; primeiro plano – mostrando os personagens do ombro para cima; plano de detalhe, pormenor ou *close-up* – mostrando a parte de um corpo humano ou o detalhe de um objeto. Em seguida veremos diversos exemplos de planos de visão.



13



14



15



16

Imagens 13, 14, 15 e 16: Diversos planos de visão: plano geral (13), plano americano (14), plano detalhe (15), plano médio (16).

Fontes: 13 – *Mônica*, n° 28 (2009, p. 3); 14 – *Fantasma*, nº2 (1989, p. 17); 15 – *Jovens Titãs*, nº 1 (2005, 48); 16 – *Turma da Mônica Jovem*, nº 5 (2008).

Os vários ângulos de visão são muito utilizados em HQs: ângulo de visão médio – onde a cena é desenhada como se estivesse acontecendo na altura dos olhos do leitor; ângulo de visão superior – como se a cena estivesse acontecendo abaixo do leitor; ângulo inferior – como se a cena estivesse acontecendo acima do leitor. Veremos em seguida alguns exemplos de ângulos de visão.



17



18



Imagens 17, 18 e 19: Ângulos de visão: médio (17), superior (18) e inferior (19).

Fontes: 17 – *Chico Bento*, nº28 (2009, p. 31); *Sandman*, nº 14 (1990, p. 25); *Jovens Titãs*, nº 1 (2005, p. 32).

A diagramação é a organização dos quadrinhos na página, decidindo a forma e o tamanho dos quadrinhos. Não existe uma forma definida para dispor os quadrinhos, particularmente nas revistas em quadrinhos. As tiras de jornais tem suas limitações de espaço, mas mesmo assim alguns autores conseguem realizar montagens diferenciadas. Na montagem deve-se levar em conta o fato de que o quadrinho de abertura deve situar os leitores; cada página deve ser como um bloco de ações, considerando o último quadrinho da página como um gancho para a próxima, além do fato de que o quadrinho final deve ser o coroamento da história, ou o gancho para a próxima. A página inicial, também chamada “*splash page*”, funciona como uma introdução à narrativa, nela deve ser levado em conta “quando” e “como” colocar o logotipo e o título da história (geralmente em um local de destaque no quadrinho inicial). Esta página pode ter um único quadro ou ser formada por um grande quadro e dois outros menores.



Imagens 20 e 21: Página inicial com o logotipo da história (20), página como um bloco de ação e gancho para a página seguinte (21).

Fonte: 20 - *Fábulas Pixel*, nº1 (2008, p.89); 21 - *Turma da Mônica Jovem*, nº 5 (2008, p. 47).

Quanto aos tipos de personagens, a maioria das histórias possui um protagonista fixo, que geralmente dá nome a série. Além do protagonista temos vários tipos de personagens que, juntos, formam a narrativa: o antagonista, que na maioria das vezes é o vilão da história, o amigo do protagonista, a namorada do herói, os familiares, enfim uma gama de tipos. A técnica de desenho dos personagens e os cenários também variam de acordo com o tipo de história: caricatos, comuns em histórias de humor, mais realistas nas histórias de super-heróis, aventuras e histórias policiais ou estilizados em vários tipos de quadrinhos.



Imagem 22: Protagonista e personagens secundários – Peter Parker (homem-aranha), seu interesse romântico (Mary Jane), seus antagonistas (Kraven o caçador e Electro), um membro da família (Tia May), o chefe (JJ Jameson) e a Tia de seu interesse romântico.

Fonte: *Homem-Aranha*, edição extra, nº 1 (1991, p. 1).

Também fazem parte da linguagem visual as linhas cinéticas e as metáforas visuais. As linhas cinéticas dão ideia de movimento nos quadrinhos. Elas dão ideia da trajetória e da velocidade do objeto. Enquanto as metáforas visuais são símbolos e expressões gráficas que expressam idéias e sentimentos através de imagens, facilitando o entendimento da ideia.



Imagens 23 e 24: Dois quadrinhos com várias linhas cinéticas – giro do coelho, andar aos saltos da Mônica, virar da cabeça para os dois lados do Cebolinha – e uma metáfora visual – ver estrelas e planetas (23);

metáforas visual – palavrão falado pelo Seu Massami – linha cinética – trajetória da melancia e movimentos do Cascão (24).

Fonte: 23 – *Cebolinha*, nº 32 (2009, p.8); 24 – *Cascão*, nº 12 (2007, p. 42).

## 2.4.2 LINGUAGEM VERBAL

Em se tratando da linguagem verbal encontramos nos quadrinhos três situações distintas, os diálogos e os pensamentos, as legendas ou letreiros e as onomatopéias.

Os diálogos e os pensamentos encontram-se nos balões, o elemento próprio dos quadrinhos. Tradicionalmente o balão possui a forma arredondada, com um rabicho apontando para o personagem que está falando, mas existe uma grande variação de balões, cada um com um significado diferente. Os diversos balões formam um código que o leitor precisa dominar para entender a história. Este código, assim como vimos no formato do requadro, passa ao leitor informações importantes, sem que o autor precise explicar, economizando quadrinhos e páginas. O autor não precisa criar uma série de explicações para informar que o personagem está pensando. Basta usar o balão próprio para esta situação. É assim também para grito, medo, frio e várias outras situações. Como veremos na Imagem 25.



Imagem 25: Tipos de balões  
Fonte: Heine, 2009.



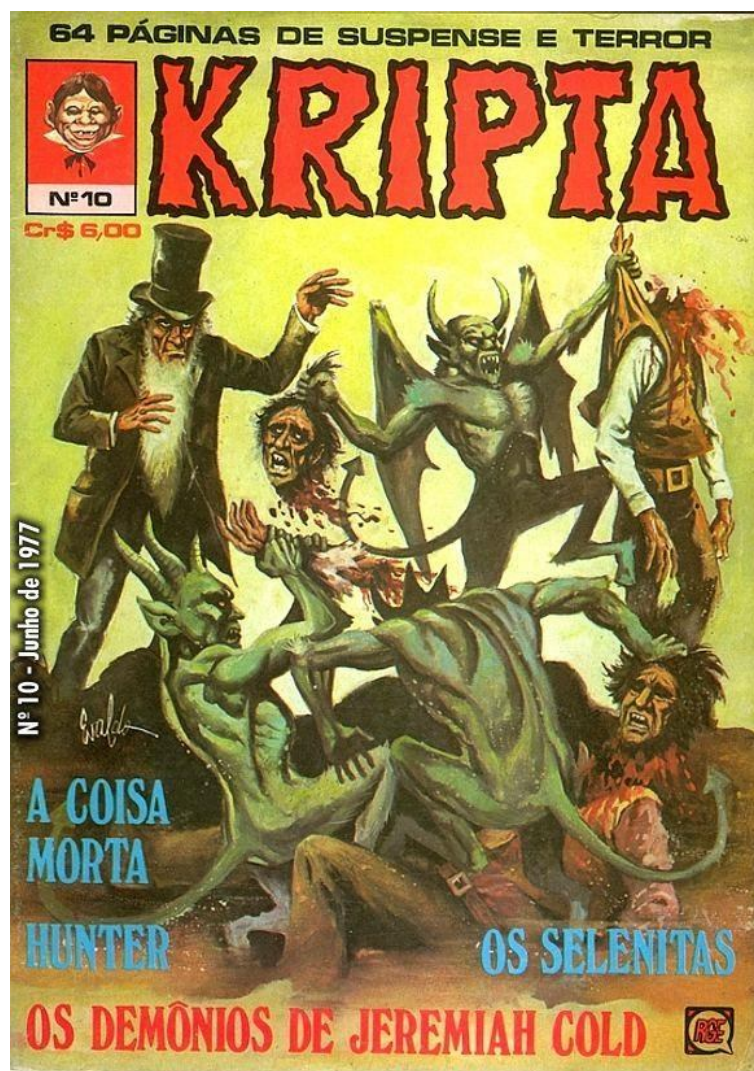
Através da legenda ou letreiros os narradores conversam com o leitor, seja passando informações importantes, quer seja no início da história, ligando uma cena à outra, ou indicando os locais por onde a história passa. Elas conduzem a história. A legenda pode ser uma forma de o autor conversar diretamente com o leitor ou de enviar mensagens indiretas. Como veremos a seguir.

Onomatopéia é a forma de colocar som em uma histórias em quadrinhos. Os sons são “traduzidos” para a forma escrita e colocados em pontos estratégicos do quadrinho. Um mesmo som, ou tipo de som, pode ter mais de uma onomatopéia, e esta, tanto pode estar associada a uma situação quanto pode ser um vocábulo expresso por um personagem. Realmente existe uma variada gama de utilização para as onomatopéias, como podemos ver na Imagem 26.



Imagem 26: Tipos de onomatopéia  
Fonte: Heine, 2009.

### 3. DIDÁTICA E PRÁTICAS EDUCATIVAS



Capa 3: Cripta do Terror nº 10 (1977).

### **3 DIDÁTICA E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Neste trabalho temos como objetivo geral investigar a apropriação das formas de uso das histórias em quadrinhos pelos professores da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RPMECRJ). Em outras palavras, estudar as formas do uso das histórias em quadrinhos em práticas educativas em sala de aula. É preciso então tratar da trajetória da didática até chegarmos aos dias de hoje. Também procuramos verificar o que a RPMECRJ sinaliza em relação ao uso das HQs nas práticas didáticas. Explicitamos práticas didáticas e, por último, analisamos as dificuldades encontradas pelos professores ao confrontarem a teoria da didática com as suas práticas diárias.

#### **3.1 O QUE É DIDÁTICA?**

Sabedores de que “o vocábulo didática deriva da expressão grega Τεχνή διδακτική (techné didaktiké), que se traduz por arte ou técnica de ensinar (CENTRO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL, 2008), podemos dizer que, desde os primórdios da humanidade, a didática já existia. Quando o primeiro homem das cavernas ensinou ao outro como caçar ou pescar, temos a didática em ação. Seguindo os pensamentos na mesma linha dos pesquisadores em histórias em quadrinhos, quase poderíamos dizer que as pinturas rupestres seriam os primeiro registros didáticos, isso porque transmitiam os conhecimentos sobre as atividades dos homens das cavernas.

A didática é então uma necessidade da humanidade, pois foi a capacidade de passar os conhecimentos para a próxima geração que permitiu à humanidade evoluir ao longo do tempo: de caçadores e coletores para agricultores, de nômades para povos fixos em uma localidade; de simples povoações à grandes civilizações como a egípcia, a gregas, a romana, os maias, os astecas, um processo que seguiu até os dias de hoje.

Mas o que é a didática? Ao procurarmos uma primeira definição para o vocábulo Didática encontraremos com facilidade nos dicionários da língua portuguesa, como veremos a seguir:

1. Procedimento pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando. 2. Conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento. (DICIONÁRIO LARUSSE DIGITAL, 2008);
2. 1 Técnica de ensinar. 2 O estudo dessa técnica. (DICIONÁRIO MICHAELIS ESCOLAR DIGITAL, 2008);
3. Arte de ensinar; o procedimento pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando, nas escolas ou em obras especializadas. Conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento. (ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO KOOGAN/HOUAISS DIGITAL, 2008).

Estas definições nos chamam a atenção para três dimensões da didática: o ato de ensinar, as técnicas e teorias de ensinar e o estudo de como passar o conhecimento. Como ato de ensinar, a didática se configura como a forma como o conhecimento é transmitido, do educador para o educando. O Koogan-Houaiss chega a comparar este ato a uma arte. As várias formas de ensinar são estudadas há séculos, constituindo as técnicas e a teoria de ensino.

No entanto essas definições não dão conta das dimensões da didática. Libâneo (2008, p. 16) considera a didática “como uma disciplina da Pedagogia que estuda os objetivos, conteúdos, meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais”. Para Cordeiro (2007, p. 18) a didática é “uma disciplina ou parte de uma disciplina mais ampla da Pedagogia. A didática, desde Comenius, significa o tratamento dos “preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-lo eficiente”. Martins (2002, p. 14) entende a “didática como disciplina que terá que compreender o processo de ensino em suas múltiplas determinações.”

Libâneo (2008) considera a didática um dos ramos de estudo da Pedagogia. Cordeiro chama a atenção para o fato de que a didática e a pedagogia, quando consideradas em seus significados gerais, tem o mesmo sentido, transmissão e orientação. Sendo assim não podemos separar o estudo de uma sem falar na outra.

### 3.2 UMA BREVE HISTÓRIA DA DIDÁTICA

Como vimos na sessão anterior, a didática como o ato de transmitir conhecimento existe desde o surgimento da humanidade, enquanto o termo didática surgiu na Grécia antiga. Para Amélia Domingues Castro (2008), da Grécia antiga até o Século XVII, temos o que ela denomina “Didática difusa” onde se “ensinava intuitivamente e/ou seguindo-se a prática vigente” e pode-se identificar traços didáticos em alguns professores, como Sócrates, ou “na *lectio* e na *disputatio* medievais”.

A didática, como é conhecida nos dias de hoje, “teoria [...] para investigar as ligações entre ensino e aprendizagem[surge]no século XVII quando João Amós Comenius (1592-1670) [...]escreve a primeira obra clássica sobre Didática, a *Didacta Magna*”. Comenius foi o primeiro a falar em universalização do ensino e criar princípios e regras para este fim (Libâneo, 2008). Sua principal preocupação era encontrar um método universal de ensino:

Que mostra a arte universal de ensinar tudo a todos, ou seja o modo certo e excelente para criar em todas as comunidades, cidades ou vilarejos de qualquer reino cristão escolas tais que a juventude dos dois sexos, sem excluir ninguém, possa receber uma formação em letras, ser aprimorada nos costumes,educada para a piedade e assim, nos anos da primeira juventude, receba a instrução sobre tudo o que é da vida presente e futura, de maneira sintética, agradável e sólida. (Comenius, 2006, p. 11)  
[...] Nós ousamos prometer uma didática magna, ou seja, uma **arte universal de ensinar tudo a todos**: de ensinar de modo certo para obter resultados; de ensinar de modo fácil, portanto sem que docente e dissentes se enfadem [...] (Comenius *op. cit.*, p.13, grifos nossos)

Para Cordeiro (2007), a obra de Comenius é considerada o marco inicial da disciplina didática, tanto pelo seu pioneirismo quanto por sua grande influência, à época e tempos depois. Lembrando que a pretensão de Comenius de criar um método universal de ensino, ecoa até mesmo nos dias de hoje.

Partindo de Comenius até o final do século XVIII só foram registrados alguns trabalhos isolados na área da didática. Eis que surgem os trabalhos de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), feito que provocou uma revolução na didática. Rousseau não foi um sistematizador da Educação, mas com sua obra surge o conceito de infância, que será utilizado principalmente por Henrique Pestalozzi (1746-1827), este elabora uma teoria que

transporta o foco do ensino para o desenvolvimento harmônico do aluno. (CASTRO, 1991). Em seu método de ensino “apresentavam-se objetos simples para chegar aos mais complexos; partia-se do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, do particular para o geral” (GADOTTI, 2005, p. 97-98), princípios que continuam sendo utilizados em nossas escolas.

Influenciado pelos pesquisadores mencionados anteriormente, Johann Friedrich Herbart (1766-184), junto com uma formulação teórica dos fins da educação e da pedagogia como ciência, desenvolveu uma análise do processo psicológico-didático de aquisição de conhecimento, sob a direção do professor. Herbart estabeleceu quatro passos didáticos que deveriam ser seguidos rigorosamente pelo educador e assim “fortalecer a inteligência e pelo cultivo dela, formar a vontade e o caráter” (GADOTTI, 2005, p. 99). Estes passos didáticos são: a clareza, a apresentação, a assimilação, a generalização e a aplicação. Mais tarde esses passos foram desenvolvidos pelos discípulos de Herbart, sendo ordenados em cinco passos muito adotados no cotidiano escolar pela maioria dos professores (Libâneo, 2008):

**Preparação:** iniciar a aula recordando o que o aluno já sabe. O professor pode realizar esta ação por meio da correção dos exercícios da aula anterior;

**Apresentação:** apresentar o novo conteúdo partindo do concreto;

**Assimilação:** usar estratégias que façam com que o aluno compare o novo conhecimento com o velho; para tal pode ser utilizado exemplos e formas de aplicar o conhecimento;

**Generalização:** dar possibilidades ao aluno de abstrair o novo conhecimento partindo do concreto e chegando a conceitos gerais;

**Aplicação:** usar exercícios para que o aluno evidencie o que sabe.

O método de Herbart influencia o pensamento e a prática pedagógica desde a sua época. É e continua sendo utilizado, mesmo que muitos professores nem conheçam a origem de sua forma de trabalhar.

Para Libâneo, os autores Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart, juntos com alguns outros, formaram a base da pedagogia européia, difundida para o mundo todo. Eles demarcaram as duas grandes concepções pedagógicas, que orientam as práticas educacionais: a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Renovada.

A Pedagogia Tradicional engloba várias correntes que têm como característica principal a ação de agentes externos na formação do aluno. O enfoque principal é a transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade. A metodologia de ensino não privilegia o conhecimento do aluno baseando-se na transmissão verbal dos conteúdos. O professor, detentor do saber, ensina, e o aluno recebe passivo, recebe ou, muitas vezes, memoriza o conhecimento, totalmente descontextualizado.

A Pedagogia Renovada também engloba várias correntes desejosas da renovação da escola, opondo-se a pedagogia tradicional. O foco desta pedagogia é o aluno, considerado o agente do seu próprio desenvolvimento. Esta pedagogia leva em conta os conhecimentos da biologia e da psicologia em relação ao desenvolvimento da criança. Esta pedagogia embasa o movimento da Escola Nova.

Candau (2000), ao chamar a atenção para o conflito entre as Pedagogias Tradicional e Renovada, mostra-nos o que ambas têm em comum. Elas estão marcadas por um caráter formalista do ponto de vista didático. O formalismo da didática da Pedagogia Tradicional estaria na tentativa de encontrar o método único, recurso que ensinaria tudo a todos, não levando em conta nem o sujeito da aprendizagem, nem os conteúdos ensinados ou o contexto da aprendizagem. O formalismo da didática da Pedagogia Renovada, chamada pela autora de Didática Escolanovista, estaria na subjetividade. A subjetividade do aluno passa a ter o papel estruturante do processo de ensino. Nesta didática, assim como na Pedagogia Tradicional, tanto os conteúdos ensinados quanto o contexto da aprendizagem não são levados em consideração.

### **3.3 A DIDÁTICA E O PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO**

Após tratarmos da Didática Geral é preciso contextualizá-la no Brasil. No início de sua colonização, de imediato, o Brasil foi colônia extrativista, e depois colônia de economia

agrícola e como tal a educação não era meta prioritária. A metrópole (Portugal) enviava religiosos para o trabalho missionário e pedagógico. A intenção era converter os gentios e impedir que os colonos se desviassem da fé. Nesse sentido, a educação assumia um papel colonizador. Dentre as ordens religiosas, a Companhia de Jesus, com os seus jesuítas, foi considerada a ordem que obteve os resultados mais significativos, embora estudos mais recentes demonstrem que outras ordens religiosas (tais como: franciscanos, beneditinos e carmelitas) foram também importantes. No entanto, estas não deixaram o mesmo volume de documentação. Durante os Séculos XVI, XVII e XVIII os jesuítas tiveram atuação constante sobre os nativos e na sociedade colonial. Eles introduziram a tradição religiosa do ensino, sistema que perdurou até a República.

O pensamento pedagógico brasileiro começa a ter mais autonomia com o desenvolvimento das teorias da Escola Nova. Em 1924, quando a Associação Brasileira de Educação (ABE) foi criada tinha como principal propósito reconstruir a sociedade através da educação, superando estes séculos de tradição religiosa do ensino. (GADOTTI, 2005).

O movimento anarquista também foi importante para o desenvolvimento das ideias pedagógicas brasileiras. Para os anarquistas, a educação não era o principal agente desencadeador do processo revolucionário, mas proporcionaria as mudanças necessárias mentalidade das pessoas, para que a revolução social fosse alcançada. O princípio de liberdade era o que permeava a educação anarquista. Temos assim o pensamento pedagógico libertário, contrário à opressão e à coerção. Este pensamento teve como sua principal difusora Maria Lacerda de Moura (1887-1944), combatendo principalmente o analfabetismo, que chegava a 80%.

Mas, de um modo geral, os autores tendem a classificar as tendências pedagógicas brasileiras em dois grupos: as de cunho liberal - onde se encontram a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Renovada e o Tecnicismo Educacional - e as de cunho progressista - onde encontramos a Pedagogia Libertadora, a Pedagogia Libertária, a Pedagogia Crítico Social dos conteúdos/Pedagogia Crítica

As tendências de cunho liberal têm como meta principal preparar o indivíduo para desempenhar o seu papel social, sempre de acordo com as suas aptidões individuais. O



indivíduo precisa se adaptar aos valores e as normas da sociedade e das classes. Prega a igualdade de oportunidade, sem levar em conta as desigualdades de condições.

As tendências de cunho progressista analisam e criticam a realidade social que sustenta as finalidades sóciopolíticas da educação. A Pedagogia Progressista não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista, por isso se constitui num instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais.(VEIGA, 2008)

A didática dentro destas tendências assume vários papéis: na pedagogia tradicional é o de organizar o ensino, impondo dogmas e regras rígidas de controle da disciplina e de conteúdos, de forma a garantir o alcance dos objetivos da sociedade burguesa em ascensão. Na pedagogia renovada ela representa a direção técnica da aprendizagem, Também é sua função garantir a justaposição da teoria com a prática. Na pedagogia tecnicista o papel da didática é o da elaboração do planejamento e dos materiais instrucionais. Nas teorias crítico-reprodutivistas ela aponta o conteúdo ideológico da educação, buscando a sua desmistificação. Enquanto na pedagogia crítica, o papel da didática é o de articular as disciplinas do currículo, visando à superação do intelectualismo formal tradicional, o espontaneísmo escolanovista, o combate à orientação desmobilizadora do tecnicismo e a recuperação da dimensão técnica perdida no discurso reprodutivista. Por fim, a didática passa a analisar a realidade social na qual a escola está inserida (VEIGA, 2008).

Em 1982 ocorreu na PUC/RJ o 1º Seminário “A Didática em Questão”, marco inicial do movimento de revisão da didática. Este movimento, inicialmente, voltou-se para a crítica ao caráter meramente instrumental da didática e em seguida buscou alternativas para o conhecimento desta área (CANDAUI, 2000). A didática contemporânea é fruto de todo este longo caminho, de Comenius aos dias de hoje.

### **3.4 A DIDÁTICA NOS DIAS DE HOJE**

A didática nasceu como uma disciplina preocupada apenas com os aspectos técnicos do processo pedagógico. Uma tentativa de encontrar um método para ensinar tudo a todos seguindo os princípios de uma suposta neutralidade do processo educativo. Mas a educação não é neutra. Há condições sóciopolíticas que configuram diferentes concepções de sociedade

e, com isso, diversos pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relação professor-aluno, técnicas de ensino etc. A sociedade é formada por classes sociais com interesses antagônicos e cabe à escola mesclar estes interesses.

Sendo assim, a didática nos dias de hoje precisa refletir sobre o papel sociopolítico da educação, da escola e do ensino; instrumentalizar teórica e metodologicamente o professor, para perceber e resolver problemas sugeridos pela prática pedagógica, considerando a realidade atual; considerar a sala de aula como um espaço formador de alunos e professores pesquisadores; redimensionar, de forma interdisciplinar, a prática pedagógica, numa perspectiva que considere a coerência entre as várias dimensões da educação, pois, como Candau mostra:

A educação é um processo multidimensional. De fato ela apresenta uma dimensão humana, uma dimensão técnica e uma dimensão político-social. (CANDAU, 2000, p.55)

A dimensão humana está na “relação interpessoal presente em todo processo educativo. Educação supõe comunicação humana, direta ou indireta” (CANDAU, 2000, p. 52). A dimensão técnica está na “organização e operacionalização dos componentes do processo ensino-aprendizagem: objetivos, seleção de conteúdos, estratégias de ensino, avaliação etc.” (CANDAU, 2000, p.51-52) enquanto a dimensão político-social mostra que a educação é uma “prática social em íntima conexão com o sistema político vigente [...] Sua prática nunca é “neutra”. Está a serviço do *status quo* ou da transformação social (CANDAU, 2000, p. 52-53).

O educador dos dias de hoje deve repensar a sua prática levando em conta estas três dimensões. Em se tratando dos professores da nossa pesquisa, eles também precisam pensar a sua prática dentro da rede de ensino a qual estão vinculados, por isso analisaremos a sinalização da Secretaria Municipal da Educação SME/RJ em relação à Mídia e a Educação.

### **3.5 A RELAÇÃO MÍDIA E EDUCAÇÃO NA SME/RJ**

Como estamos tratando das práticas educativas dos professores da rede que utilizam a mídia das histórias em quadrinhos, faz-se necessário verificar o que a SME/RJ sinaliza sobre

o uso desta mídia na educação. Com este objetivo analisamos um dos fascículos de atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação (Multieducação), da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RPMECRJ). O fascículo em questão é o Mídia e Educação que:

tem como objetivo continuar a discussão na perspectiva de apropriação crítica e do uso das diferentes mídias na/pela escola [...] pretende contribuir para a reflexão sobre as relações que se estabelecem entre mídia e educação, buscando subsidiar o desenvolvimento de práticas mídia/educativas. (RIO DE JANEIRO, 2007)

Ou seja, o uso de mídias por parte dos professores está respaldado pelo seu próprio currículo. Mais ainda, o próprio fascículo apresenta aspectos norteadores para a construção/consolidação de práticas mídia/educativas. Quatro deles nos chamam a atenção:

O desenvolvimento de práticas mídia/educativas na escola não se traduz pelo simples uso de diferentes mídias na sala de aula. É preciso refletir sobre as **bases teóricas que fundamentam a ação educativa** a fim de evitar o risco de que novas tecnologias sirvam apenas para reforçar velhas tecnologias; (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 24)

As ações pautadas pela total rejeição às mídias e aos usos, ou por atitudes de *deslumbramento* diante da *ilusão redentora* dos meios, não favorecem o desenvolvimento de práticas mídia-educativas significativas. A apologia da tecnologia como panacéia pedagógica, assim como sua total negação, não contribuem para o **desenvolvimento do trabalho numa perspectiva crítica de apropriação e produção**; (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 24-25)

A apropriação crítica das tecnologias da informação e comunicação na escola envolve, necessariamente, o exercício cotidiano das trocas efetivas entre professores e alunos, buscando constituir coletivamente novos conhecimentos, a partir dos diversos contextos de uso, produção e articulação das diferentes linguagens. Entende-se que é neste contexto de parceria e co-autoria, e a partir deles, que se estabelecem as mediações necessárias ao processo de negociação de sentido, (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 25)

A incorporação e o desenvolvimento de práticas mídia/educativas ultrapassam as perspectivas reducionistas da *escolarização/didatização dos meios*. Para além da aula de informática ou da hora do vídeo, tais práticas devem estar a serviço de um **currículo vivo**, cuja dinâmica não se limite à realização de atividades ou eventos estanques, mas que, ao contrário, possibilite o **acesso diversificado às diferentes linguagens, tanto nas salas de aula como nos demais espaços da escola**. Tais atividades precisam

estar em consonância com o projeto político pedagógico, desenvolvendo ações que envolvam a comunidade escolar no exercício cotidiano de trocas significativas; (RIO DE JANEIRO, 2007, p. 25)

Estes aspectos nos chamam a atenção pelo fato de que, pelo menos em tese, apresentam uma preocupação com as três dimensões da Educação: a humana, a técnica e a político-social. Reconhecemos a preocupação com a dimensão humana porque sinaliza a importância das trocas efetivas entre professor e aluno para a construção de novos conhecimentos. Identificamos a dimensão técnica na preocupação com o desenvolvimento de práticas mídia/educativa, enquanto a dimensão político-social, surge na consonância com o projeto político pedagógico e no desenvolvimento de ações que envolvam a comunidade escolar. Observamos também uma preocupação com uma visão crítica de apropriação e produção, bem aos moldes da didática crítica.

A análise do fascículo Mídia e Educação revelou uma grande preocupação com as mídias do computador e da internet, todavia as outras mídias não foram esquecidas. Entretanto, as histórias em quadrinhos, alvo de nosso trabalho, não são mencionadas nesta obra. Destacamos apenas o fato de que uma tirinha da Mafalda tenha sido utilizada para demonstrar a penetração da televisão nos nossos dias.

Para saber então como as histórias em quadrinhos são vistas pela SME/RJ buscamos a página da Empresa Municipal de Múltiplos Meios (MultiRio), órgão que, por definição, “promove a democratização da informação e do conhecimento, a formação e a atualização dos profissionais da educação, a aproximação e a integração social e o acesso da população aos bens culturais da cidade.” (MULTIRIO, 2009).

A MultiRio sinaliza que os quadrinhos são uma mídia bem-vinda nas atividades didáticas: sua Revista *Nós da Escola*, em sua edição de outubro de 2005, apresentou um encarte (Anexo A), voltado para o uso das histórias em quadrinhos em contexto didático das aulas de língua portuguesa. Várias das atividades de sua seção “sala de aula” preconizam a criação de histórias em quadrinhos como forma de apresentação de pesquisa e, em sua parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (Comedine), a revista promove um concurso para os alunos da escola da RPMECRJ, evento no qual três categorias de premiação são para a criação de histórias em quadrinhos.

Ao final desta análise vemos que o uso de mídias, como as HQs, pelos professores da RPMECRJ, não só representa uma prática sancionada, mas também incentivada de várias formas no discurso oficial\*. Contudo, a maneira como isso se traduz nas práticas efetivas dos professores é o que veremos a seguir na apresentação e discussão de nossos resultados.

### **3.6. DIDÁTICA E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

O exercício do magistério, prática educativa, tem o seguinte objetivo: assegurar aos alunos o domínio do conhecimento científico, caracteriza-se pela atividade de ensino das matérias escolares. Nele se combinam objetivos, conteúdos, métodos e formas de organização do ensino tendo em vista a assimilação ativa, por parte dos alunos, de conhecimentos, habilidades, hábitos e do desenvolvimento de sua capacidade cognitiva. A tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, através de processo de ensino. Cabe aos professores, organizar sua proposta de educação a partir da realidade dos aprendizes, de seus saberes, linguagem, desejos, curiosidades, pois a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. (LIBÂNEO, 2008)

A aula é o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino, em função da atividade própria do aluno no processo de aprendizagem. Cada aula é uma situação didática específica, na qual conteúdos e objetivos se combinam com o método e formas didáticas visando a assimilação do conhecimento. Para Libâneo (2008) a aula tem cinco momentos da metodologia do ensino: a orientação inicial – incentivo ao aluno com a colocação dos objetivos e os resultados esperados; a transmissão/assimilação da matéria nova – familiarização com a matéria que vai estudar; a consolidação e aprimoramento dos conhecimentos, habilidades – exercício e recordação da matéria; a aplicação de conhecimentos, habilidade e hábitos – comprovação da assimilação dos conhecimentos; a verificação dos conhecimentos e habilidades – avaliação dos resultados da aprendizagem.

---

\* Em tempo: é preciso destacar que a Multieducação era o currículo que vigorava nas escolas à época de nossa pesquisa(2008). Em 2009 com outra administração, ainda não há uma posição oficial sobre a sua continuidade ou não.

A aula e toda atividade escolar são momentos em que a teoria da didática encontra-se com a realidade da prática de ensino. E é sobre este encontro que trataremos em seguida.

### **3.7 O CONFLITO ENTRE DIDÁTICA TEÓRICA E DIDÁTICA PRÁTICA**

Nos cursos de formação de professores a disciplina Didática deve ser uma matéria que sintetiza e organiza o processo de ensino e tem grande destaque na formação do futuro professor. Os autores destacam como pontos fundamentais de estudo da didática: a formulação dos objetivos, a seleção de conteúdos, os métodos de ensino, a relação professor-aluno, a avaliação e o planejamento. Estes pontos estão bem fundamentados teoricamente, mas como Martins (2002) demonstra, na prática, não é bem assim que ocorre. Existe um conflito entre a didática teórica, dos livros e disciplinas de didática, e a didática prática, vivida no dia-a-dia da sala de aula. A didática teórica não entra em conflito com a prática porque representa um ideal que não se concretiza.

Na didática ideal, a determinação dos objetivos é o ponto “principal do planejamento, seleção e organização dos métodos e técnicas de ensino, recursos materiais e formas de avaliação, bem como do conteúdo do trabalho” (MARTINS, *op. cit.*, p.23), ou seja, é o norteador de todo o trabalho escolar. Entretanto, na prática, na maioria das vezes, os objetivos são traçados por outros, que não o professor. Estes, por sua vez, podem receber esses objetivos prontos e precisarão segui-los.

A seleção dos conteúdos na didática teórica é uma tarefa importante do planejamento para a organização e realização do plano de ensino. Entretanto, na prática, os conteúdos de ensino são definidos pelo plano curricular da escola/rede de ensino e pelos livros didáticos adotados.

Metodologia é a instância, por muitos, considerada sinônimo de didática, pois é confundida com as técnicas de ensino – “componentes operacionais de cada proposta metodológica” (MARTINS, *op. cit.*, p. 40) – mas, a metodologia é o elemento sistematizador do processo de ensino. Esta confusão ocorre porque na didática teórica não há uma preocupação em distinguir métodos e técnicas. Ambas são abordadas como sinônimos. Na didática prática este deveria ser o momento em que o professor teria mais autonomia, já que é

ele quem escolhe a melhor maneira de assegurar a aprendizagem do aluno. Mas, segundo Martins (*op. cit.*), sem o conhecimento profundo por parte dos professores dos recursos técnicos e de suas possibilidades de aplicação no plano teórico, na maioria das vezes, poderá esbarrar em dificuldades, chegando até ao fracasso na aprendizagem.

A relação professor-aluno é fundamental no processo de ensino e está intimamente vinculada à organização da instituição escolar. Na pedagogia tradicional essa relação é vertical – o conhecimento passa do professor para o aluno como verdade absoluta. Na teoria escolanovista o professor assume o papel de orientador das atividades dos alunos e este tem um papel ativo, participativo, no processo de ensino. A didática teórica, no que se refere à questão relação professor-aluno, baseia-se no pensamento escolanovista. Mas, na didática prática, o professor se depara com uma realidade diferente, pois, diante da extensão programática e do tempo reduzido para cumprí-la, só resta ao professor uma alternativa: falar enquanto os alunos escutam.

Na didática teórica a avaliação constitui um ponto importante da prática educativa, estando vinculada diretamente aos objetivos. Ela permite que o professor verifique se os objetivos foram alcançados e é fonte de elementos para o planejamento de novas etapas do processo de ensino, ou para o replanejamento, quando os objetivos não foram alcançados. Na prática cotidiana, no entanto, esta não é a realidade da maioria dos professores dos anos iniciais, já que estes não elaboram as suas próprias avaliações; nem a dos professores dos anos finais, já que os mesmos não encontram tempo para realizar avaliações mais completa, ficando restritos à aquisição do conhecimento transmitido.

Na didática teórica o planejamento é fundamental para que a aprendizagem tenha êxito. Nele encontramos os objetivos e todas as estratégias necessárias para alcançá-los, além da forma de avaliação dos alunos e do trabalho docente, fornecendo subsídio para um novo planejamento ou replanejamento. Mas, na realidade escolar, o planejamento acaba se constituindo em uma ferramenta burocrática e sem sentido, muitas vezes considerada como um documento a mais a ser preparado pelo professor – que muitas vezes apenas copia o do ano anterior – para ser arquivado.

Nem todas estas condições estão presentes na realidade dos professores, mas a dificuldade para exercer a dimensão técnica da Educação é uma realidade.

## 4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO



Capa 4: Graphic Novel nº 8 – O Edifício (1989).



## 4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

Neste capítulo trataremos do uso das histórias em quadrinhos como recurso didático dentro da escola. Para isso tratamos da relação entre histórias em quadrinhos e Educação e finalmente analisamos as formas de utilizar as histórias em quadrinhos na escola encontradas nos trabalhos de pesquisa na área.

### 4.1 QUADRINHOS E EDUCAÇÃO UMA RELAÇÃO CONTURBADA

Nos dias de hoje a relação histórias em quadrinhos e educação já não causa estranhamento. Graças ao seu grande poder de comunicação elas vêm sendo empregadas em livros didáticos, campanhas educativas, bem como nas áreas de saúde, educação ambiental e trânsito. Também são empregados para facilitar a compreensão de livros renomados como *O Capital*, de Karl Max, na *Bíblia Sagrada*, ou até mesmo nos códigos de direitos. E, na escola, as HQs, que antes entravam escondidas, agora são vistas como recursos didáticos.

No entanto, se hoje a relação entre histórias em quadrinhos e educação estão bem amigáveis, nem sempre foi assim. Os quadrinhos já foram associados à delinquência juvenil e queimados em praça pública por pais, educadores e religiosos preocupados. Esta perseguição, que se iniciou nos Estados Unidos, foi difundida para vários países, inclusive para o Brasil.

A preocupação com a influência das histórias em quadrinhos já existia desde os primórdios de sua criação, mas enquanto estavam restritas às tiras de jornais não criavam muito alarde. Em a *Indústria dos quadrinhos* (RIO DE JANEIRO, 2003; p.17) observamos que uma das primeiras medidas de repressão ao gênero surge em 1865, quando foi criada uma “lei federal regulando a postagem de material obsceno”, para assim coibir o envio de romances ilustrados adultos para a frente de batalha da guerra civil daquele país.

À medida que as revistas em quadrinhos foram se popularizando, e se tornando uma forma de entretenimento acessível, as preocupações foram aumentando. Surge a preocupação com o efeito dos quadrinhos sobre as mentes das crianças. Com a chamada *Era de Ouro dos*

*Quadrinhos*<sup>1</sup> a repressão cresceria, até chegar ao seu auge, na década de 1950, quando a indústria dos quadrinhos sofreu um grande revés.

Como explica Vergueiro (2006), no final da Segunda Guerra Mundial e no início da Guerra Fria, a situação política e social dos Estados Unidos era propícia para a criação do ambiente de desconfiança em relação aos quadrinhos. Em pleno macartismo<sup>2</sup>, a perseguição do psicólogo alemão, Dr. Fredric Wertham (1895 - 1981), aos quadrinhos, resultou numa ação de censura, inimaginável até então. Após publicar vários livros na área de psicologia e psicopatologia, como *The Brain as an Organ*, *Dark Legend* e *Show of Violence*, e escrever vários artigos detratando as histórias em quadrinhos, este psicólogo publicou *A sedução dos Inocentes* obra que marcou com um golpe profundo, primeiramente a indústria das histórias em quadrinhos estadunidenses, mas refletiu em várias partes do mundo como na França, na Itália e na Grã-Bretanha, e até mesmo, no Brasil.

Este livro, baseado no tratamento que o psicólogo fez em crianças e adolescentes com distúrbios de comportamento, mostrava, segundo o autor, o perigo que os quadrinhos traziam aos jovens leitores. Para ele, os jovens copiariam o conteúdo dessa leitura que trazia maus exemplos em cada página: a cabeça do Pernalonga era um símbolo fálico, e o autor chegou a contar em uma única história quantas vezes às orelhas do coelho se ergueram, como em uma ereção; a personagem da Mulher Maravilha por ser forte e prender os homens com seu laço mágico, era lésbica e sadomasoquista; o Super-homem, um extraterrestre, é acusado de ser um estrangeiro, fingindo ser passar por estadunidense, além de representar a eugenia nazista por sua perfeição. Mas nenhum personagem foi tão atacado como a “dupla dinâmica”, Batman e Robin foram acusados de pregar a homossexualidade e a pedofilia. Após a publicação de “*A Sedução do Inocentes*” o autor passaria a fazer palestras em todo o país, provocando um pânico geral em relação às histórias em quadrinhos. Revistas começaram a ser devolvidas, pais e mestres queimaram HQs em praça pública.

---

<sup>1</sup> Foi um período na história dos quadrinhos estadunidense ((1938-1950) em que este ganhou um grande impulso. Especialmente com a invenção do gênero dos super-heróis, com a publicação da primeira história do Superman na *Action Comics* nº 1, em 1938, e vai até 1950, quando as vendas de HQs caíram drasticamente.

<sup>2</sup> Macartismo (em inglês McCarthyism) é o termo que descreve um período de intensa patrulha anticomunista, perseguição política e desrespeito aos direitos civis nos Estados Unidos, uma época que durou do fim da década de 1940 até meados da década de 1950. Foi uma época em que o medo do Comunismo e da sua influência em instituições estadunidenses tornou-se exacerbado, juntamente com o medo de ações de espionagem promovidas pela União Soviética. Originalmente, o termo foi cunhado para criticar as ações do senador estadunidense Joseph McCarthy, tendo depois sido usado para fazer referências a vários tipos de condutas, não necessariamente ligadas às elaboradas por McCarthy (WIKIPÉDIA, 2009).

Para reagir a essa grave crise a indústria dos quadrinhos, representada pela *Comics Magazine Association of America* (CMAA), criou o *Comic Code Authority*, visando garantir aos pais e educadores que o conteúdo das histórias em quadrinhos não seria prejudicial ao desenvolvimento dos seus leitores. O *Comic Code Authority*, original de 1954, era muito rigoroso, fixava padrões morais sobre várias situações controversas como violência, linguagem, sexo, casamento e religião. Entre seus postulados podemos citar:

- Em qualquer situação, o bem triunfará sobre o mal e o criminoso será punido.
- Embora gírias e coloquialismo sejam aceitáveis, o uso excessivo deve ser desencorajado.
- Relações sexuais ilícitas não podem ser mencionadas ou retratadas.
- Cenas de sexo violento e anormalidades sexuais são inaceitáveis.
- Divórcio não pode ser tratado com humor, nem mostrado como desejável.
- Ridicularização ou ataques a qualquer grupo religioso ou racial não são permitidos.

Como resultado direto da adoção do *Comic Code Authority*, um grande número de editoras desapareceu e as histórias em quadrinhos passaram a tender para a mediocridade.

Segundo Gonçalo Júnior (2004), a perseguição aos quadrinhos no Brasil não foi nem um pouco menos implacável do que nos Estados Unidos (EUA). Copiando a tese italiana de que os *comis* “desnacionalizavam” as crianças, os padres foram os primeiros a se levantar contra as HQs no Brasil. Em 1939, em uma reunião de bispos, diversos foram os religiosos que propuseram até mesmo a censura a este meio de comunicação, argumentando que os mesmos tinham temas prejudiciais as crianças.

Um golpe pior aconteceu em 1944, quando uma pesquisa do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP) veio a público, identificando “as “funções” deseducativas nos quadrinhos” (GONÇALO, 2004, p. 114), afirmando que as histórias em quadrinhos causavam lerdeza mental, fazendo com que os seus leitores não se interessassem pelos livros. Como repercussão desta pesquisa muitos pais e educadores passaram a proibir a leitura de HQs.

A perseguição continuou em 1946, com a ação do político e jornalista Carlos Lacerda, e em 1948, com a série de reportagem do *Diário de Notícias*, que visava denegrir a imagem

de seu concorrente, Roberto Marinho dono do *O Globo*, mas prejudicial para toda a indústria dos quadrinhos. Essas reportagens foram tão contundentes que o Estado de São Paulo chegou a criar uma comissão de censura aos quadrinhos. Outros políticos, como o então vereador Jânio Quadros e a vereadora Lia Correia Dutra perseguiram os quadrinhos.

A defesa dos quadrinhos foi realizada por várias pessoas, como Rodolfo Aizem, o "Pai das Histórias em Quadrinhos do Brasil" e fundador da Editora Brasil-América (Ebal) que defendeu de forma ferrenha os quadrinhos em inúmeras entrevistas, artigos e campanhas, afirmando que as revistas, na realidade, estimulavam o hábito de ler, sendo de uma importância ímpar na educação. Mas, uma das maiores defesas aos quadrinhos aconteceu em 1949, quando Gilberto Freire, o escritor de *Casa Grande e Senzala* foi relator da comissão que o Congresso Nacional criou para analisar os quadrinhos. Em seu relatório Freire concluiu que os quadrinhos: não são bons ou maus em si mesmos, dependiam do uso que era feito deles conclui também que eles ajudavam na alfabetização e preenchiam as necessidades de aventura das mentes infantis.'

Mas a perseguição continuou. Em outubro de 1954, a revista *Seleções Reader's Digest* publicou a condensação do primeiro capítulo do livro "*A sedução dos Inocentes*", do Dr. Wertham. A revista publicou, também várias reportagens denunciando a perniciosidade dos quadrinhos.

Os ataques e as defesas aos quadrinhos duraram décadas e neste ínterim os gibis passaram a ser vistos "quase unanimemente como desprezíveis por vários segmentos da sociedade" (GONÇALO, 2004, p.343). Mesmo estratégias de defesa, como a adoção de um código de ética ou de autoregulamentação, aos moldes do *Comic Code Authority* estadunidenses, não surtiram muito efeito. Na prática levou anos para que os quadrinhos deixassem de ser considerados perniciosos e, mesmo na década de 1980, essas visões ainda persistia, como Bibe-Luyten (1987) relata na passagem já vista na introdução:

"Quantas vezes todos nós já levamos uma bronca dos pais, sendo pegos "em flagra" com uma revista de quadrinhos na mão e eles diziam: "Larga esse gibi! Não tem coisa melhor para ler?" (Bibe-Luyten, 1987, p. 9).

Foi preciso muito trabalho para que as histórias em quadrinhos fossem vistas com outros olhos. Destaca-se a atuação de Will Eisner<sup>3</sup>, que cunhou o termo “arte seqüencial” elevando os quadrinhos ao *status* de arte. Em uma das primeiras obras teóricas sobre os quadrinhos o livro “Quadrinho e Arte Sequencial” o autor diz:

Quando comecei a desvendar os componentes complexos, detendo-me em elementos até então considerados instintivos e tentando explicar os parâmetros dessa forma artística, descobri que estava envolvido mais **com uma arte de comunicação** do que com uma simples aplicação de arte. (EISNER, 1999, p.6) grifos nossos.

Este artista teve uma importância decisiva para demonstrar que histórias em quadrinhos não são apenas um meio de entretenimento para crianças e adolescentes, mas também um campo legítimo para discussões acadêmicas, oferecendo com isso um clima melhor para a produção e o conteúdo das HQs.

Hoje, os quadrinhos são considerados a nona arte, são tratados como um tema legítimo de pesquisas acadêmicas e têm as suas possibilidades didáticas reconhecidas em obras que tratam do assunto, como veremos a seguir.

## 4.2 INDICAÇÕES DE USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Na educação as histórias em quadrinhos (HQs) podem contribuir de diversas formas, pois, além de entreter, esse gênero literário também pode fornecer subsídios para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor. As HQs podem também estimular a imaginação e a criatividade e, fundamentalmente, despertar o interesse pela leitura e escrita, contribuindo para a produção de textos.

Por isso, diversos autores vêm recomendando a utilização das HQs como recurso didático em sala de aula. Alguns autores, como Carvalho (2006), Barbosa *et al.* (2006), escreveram livros, e outros, como Bibe-Luyten (1984), escreveram capítulos de livros tratando deste tema. Assim, existem a disposição dos professores, e de outros interessados, várias indicações de como utilizar histórias em quadrinhos em situação didática. Aqui vamos

---

<sup>3</sup> Eisner é considerado por muitos, o precursor das HQs modernas, além de criador de um personagem mítico é responsável também pela criação de um novo gênero de quadrinhos a *Graphic Novel* (novela gráfica). Eisner dá nome ao prêmio mais importante concedido aos artistas dos quadrinhos e aqueles que se dedicam de variadas formas a sua produção. Prêmio este recebido por Rodolfo Aizen por uma vida dedicada aos quadrinhos.

analisar o trabalho de cada um, em ordem cronológica, citando as indicações em práticas pedagógicas.

Nós não temos a pretensão de esgotar o assunto compilando todos estes métodos, mas vamos nomear uma série de indicações de uso das histórias em quadrinhos, apresentadas pelos autores já citados. Seleccionamos dois livros e um capítulo de livro de autores que se preocuparam, especialmente, com a prática pedagógica em sala de aula, utilizando as histórias em quadrinhos.

#### **4.2.1 HQ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA - SONIA M. BIBE LUYTEN, 1984**

Sonia M. Bibe-Luyten (1984) advoga que as HQs possibilitarão inúmeras práticas educativas, assim que pais e educadores passarem a considerarem as HQs como aliadas. Esta idéia é apresentada em “*HQ como prática pedagógica*”, último capítulo do livro “*Histórias em quadrinhos leitura crítica*”, organizado por esta mesma autora. O capítulo apresenta um roteiro com sete possibilidades práticas, que podem ser desenvolvidas de acordo com o momento, o local ou a circunstância, são elas: 1. Análise das HQs; 2. Uso das histórias em quadrinhos como tema de discussão; 3. Uso das HQs na linguagem escrita e oral; 4. O uso das histórias em quadrinhos e identificação projetiva da personalidade; 5. Histórias em quadrinhos e livro didático; 6. Uso de histórias em quadrinhos nas comunidades e paróquias e grupos; 7. A utilização do álbum de figurinhas no contexto pedagógico e 8. Estímulo à pesquisa de histórias em quadrinhos museus e cursos.

Como este trabalho tem objetivos específicos, não tratamos das indicações que não estão ligadas diretamente a pesquisa em curso. Sendo assim, não foram analisadas, as seguintes indicações: 4 – a mais relacionada à psicologia; 5 – a que trata do livro didático e não da ação espontânea do professor em usar os quadrinhos; 6 – a que trata de contexto não escolar e a 7 – a que trata dos álbuns de figurinhas e não dos quadrinhos.

1. Análise das histórias em quadrinhos: esta análise pode ser realizada quanto à forma e quanto ao conteúdo. Quanto à forma, analisa-se como os personagens são apresentados, o dinamismo da história, como a realidade é apresentada, a quadrinização, os enquadramentos, o uso adequado das cores ou trabalho em preto e branco, a qualidade da impressão e do papel e o uso adequado dos elementos das histórias em quadrinhos como título, balões e legendas.

Quanto ao conteúdo pode ser analisada a condução da narrativa, os personagens, a manutenção ou não dos estereótipos.

2. O uso das HQs como tema de discussão: esta prática deve ser baseada na prática anterior. A partir de uma reflexão sobre o conteúdo das HQs podemos diferenciar a “linguagem aparente” e a “linguagem oculta”, identificando-as no nível de discursos que aparece em todos os meio de comunicação. A partir daí a HQ pode ser utilizada como o centro de interesse em torno de um tema de aula, como por exemplo, uma discussão sociohistórica, deflagrada a partir de uma personagem indígena, pelo qual pode-se considerar temas gerais como o racismo, o amor ou a violência, partindo de uma HQ específica (para isso o professor precisa selecionar a revista previamente) e da análise dos valores críticos da sociedade que produziu aquela HQ.

3. O uso das histórias em quadrinhos na linguagem oral e escrita: os quadrinhos se prestam a várias atividades de linguagem escrita e oral, podendo ser um ótimo estímulo às aptidões pessoais, tanto na área literária quanto na área das artes gráficas. O estímulo á criação de uma HQ; à leitura de um texto e posterior quadrinização ou vice-versa; à tradução das histórias para uma língua estrangeira ou o contrário (da língua estrangeira para o português).

4. A estimulação da pesquisa sobre histórias em quadrinhos: existem vários espaços como museus, bibliotecas e gibitecas que podem ser visitados a fim de obter maior acesso e mais informações sobre as histórias em quadrinhos.

#### **4.2.2 A EDUCAÇÃO ESTÁ NO GIBI – DEJOTA CARVALHO, 2006.**

Antes de apresentar suas ideias para a utilização das HQs em práticas pedagógicas, Carvalho (2006), em seu livro *A educação está no gibi*, chama a atenção para que antes de se utilizar as histórias em quadrinhos como recurso didático, os alunos devem ser apresentados a vários tipos de histórias em quadrinhos. Estas podem ser utilizadas de duas formas: “como ferramenta para(didática) [...], ou como exercício multidisciplinar, na criação de histórias em quadrinhos” (CARVALHO, 2006, p. 62). Para o caso de serem usadas como ferramenta paradidática, as histórias em quadrinhos seriam utilizadas em exercícios e em exemplos de diversas disciplinas como:

História – nesta disciplina as histórias em quadrinhos poderiam ser trabalhadas de duas formas, inicialmente mostrando como as histórias em quadrinhos foram utilizadas ao longo da história. Elas foram utilizadas como propaganda antinazista na 2ª. Guerra Mundial, o Capitão América e a Mulher Maravilha foram personagens criados especialmente para isso. A outra forma de utilizar as histórias em quadrinhos seria a análise daquelas que retratam acontecimentos reais da história. Existem muitas histórias com cunho histórico. Algumas são fundamentais em estudos históricos sérios e outras misturam ficção e realidade, por isso, cabe ao professor analisar as histórias, antes de apresentá-las aos seus alunos.

Geografia – como muitos desenhistas de histórias em quadrinhos pesquisam as características geográficas do ambiente que deseja reproduzir, antes de desenhar suas histórias, estas podem ser utilizadas para mostrar estas características.

Física – para esta disciplina o autor recomenda a utilização dos personagens de histórias em quadrinhos nos enunciados dos exercícios. O que os tornariam mais agradáveis. Ele também recomenda a discussão de conceitos de física, do ponto de vista dos personagens, salientando que os “super-heróis”desrespeitam várias delas.

Química – o autor também sugere a utilização dos personagens na elaboração dos exercícios e na análise de vários personagens em confrontos com alguns conceitos (Hulk - radiação; Homem-aranha – prática de produção de teia).

Biologia – nesta disciplina o autor recomenda a comparação entre personagens que são animais, ou têm origem em vegetais, e os verdadeiros exemplares da natureza. Recomenda também a análise da fisiologia de alguns personagens, como a Magali da turma da Mônica, que come o equivalente a várias vezes o seu peso por dia.

Matemática – como figuras geométricas são facilmente identificadas nas imagens das histórias em quadrinhos, a geometria é uma parte da matemática que pode ser facilmente trabalhada com os quadrinhos, mas não é a única. Proporção, potenciação e até equações podem ser trabalhadas com as HQs, segundo o autor. A questão da proporção é trabalhada no fato de que as histórias não são desenhadas no mesmo tamanho em que são vistas, elas sofrem redução. A potenciação pode ser trabalhada em histórias onde os personagens crescem ou



encolhem, aludindo ao uso da lei dos quadrados e cubos (quando o tamanho é dobrado a sua superfície aumenta pelo quadrado de dois e a massa aumenta pelo cubo de 4). Na criação de uma revista, a ordenação das páginas para a impressão pode ser organizada pela equação  $PP+PI+T+1$  (página par+página ímpar é igual ao número total de páginas mais 1) n o que permite trabalhar com equações.

Línguas estrangeiras – os quadrinhos importados podem ser utilizados para incentivar a leitura, para fixar conceitos de ortografia e semântica, além de aumentar o vocabulário. Os quadrinhos estrangeiros também podem ser utilizados para discutir diferenças culturais, com questões como a dificuldade de entendimento e a pronúncia de nomes.

Língua Portuguesa – como misturam texto e imagem os quadrinhos se constituem em um material rico para esta disciplina. Eles podem ser utilizados de várias formas, tais como: leitura crítica – analisando a motivação e os possíveis resultados de ações dos personagens; criatividade – lendo as histórias e recontando-as ou reescrevendo os diálogos; caracterização dos personagens – trabalhando regionalizações/ortografia; concisão/coesão do texto – as histórias em quadrinhos devem ser coesas e concisas para serem entendidas; metáforas visuais – para fixar conceitos os professores, podem buscar o auxílio de metáforas existentes nas histórias em quadrinhos.

Literatura – muitos clássicos da literatura foram adaptados para histórias em quadrinhos, assim, podem constituir uma primeira aproximação com estes textos. Algumas obras fazem releituras de textos clássicos e também podem ser utilizadas em situações didáticas.

#### **4.2.3 – COMO USAR OS QUADRINHOS EM SALA DE AULA - BARBOSA ET AL**

Barbosa *et al.*, no livro “*Como usar os quadrinhos em sala de aula*” (2006), apresenta formas de utilizar os quadrinhos em quatro disciplinas: Língua Portuguesa, Geografia, História e Artes.

Para a Língua Portuguesa são apresentadas entre outras propostas:

Adequação e inadequação – ao chamar a atenção para a fala dos personagens, os professores podem ajudar a fixar a noção de qual é o contexto da situação, o que torna o uso da linguagem adequado ou inadequado.

Variação linguística – usando personagens de regiões diferentes, ou revistas antigas, ou até um mesmo personagem em situações diferenciadas do dia-a-dia, pode-se demonstrar que a língua não é homogênea, variando em diferentes aspectos como o regional ou o temporal.

Preconceito linguístico – ao chamar a atenção dos alunos para as diferentes linguagens e para o afastamento de algumas normas da forma culta, os quadrinhos poderão ser usados para atestar a existência do preconceito linguístico. Resaltando o fato de que alguns acham que a forma culta é única correta, e quem não usa é inculto, assinalando também que as várias formas de linguagem são igualmente válidas, devendo ser utilizada de acordo com a situação.

Fala e escrita – ao observar as falas reproduzidas nos balões, o professor poderá exemplificar a noção de falar, bem como contrapor à noção de escrita. Lembrando que fala e escrita são modalidades linguísticas complementares e o entendimento de suas noções é essencial para o estudo da língua portuguesa.

Aspecto da oralidade – ao analisar a organização dos balões ou a supressão da fala de um dos personagens, o professor pode justificar o entendimento de que a fala não é desregrada, tendo características especiais, próprias da comunicação.

Caracterização dos personagens – ao observar as falas dos personagens, os alunos poderão notar como estas são importantes para caracterizar um personagem. Um estrangeiro fala com o sotaque de seu país de origem, um nordestino fala com o seu sotaque característico, tal como vimos anteriormente.

Quanto a Geografia as propostas trabalham:

Cartografia – nesse caso é possível trabalhar com as HQs os símbolos gráficos, a questão da escala e da perspectiva. Tal feito é possível comparando os símbolos gráficos

utilizado nas HQs e na cartografia; observando como as HQs utilizam as escalas, assim como as escolhas de perspectiva de uma dada história.

Paisagem e espaço geográfico no universo dos quadrinhos – a observação de paisagens selecionadas, de histórias em quadrinhos pode ser empregada para desenvolver o senso de observação dos alunos, levando-os a reparar os tipos de paisagens, os elementos formadores e as relações entre eles, tornando-se, desse modo, um exercício de observação, de descrição e de levantamento de hipótese sobre a paisagem.

A família pato e os ideais capitalistas – muitas histórias Disney sobre o Pato Donald e sua família podem ser utilizadas para identificar as características do modo de produção capitalista, tais como a divisão do trabalho, as relações sociais e o processo de produção.

Geopolítica na reportagem quadrinizada de Joe Sacco – nesta proposta os autores apresentam os dois álbuns produzidos pelo repórter e quadrinista, Joe Sacco, sobre a Palestina (*Palestina: uma nação ocupada* e *Palestina: na faixa de Gaza*), como fonte de estudo sobre a questão da Palestina.

O Rural e o Urbano – usando histórias em quadrinhos ambientadas em paisagens rurais e urbanas pode-se caracterizar ou não essas áreas. Um exemplo é o caso do personagem Chico Bento, de Maurício de Souza. Os autores instruem os professores a perguntar se o número de componentes da família do personagem é compatível com o número real de uma família do meio rural, quais são os elementos das histórias indicam que é uma paisagem rural, quais os elementos que podem ser identificados como urbanos.

Outras ideias citadas, mas não desenvolvidas pelos autores, tratavam do estudo da África, a partir da leitura de Tarzan; a análise das metrópoles nos quadrinhos, como Gotham City (Batman) e Metrópolis (Super-homem); o espaço urbano e o conceito de “lugar” em Will Eisner, a Amazônia em “*Mapiguari e Outras Histórias*” (Flavio Collin) e discutindo a Guerra Fria com Mafalda.

O uso das histórias em quadrinhos na aula de História não apresenta propostas metodológicas, como no caso da Língua Portuguesa e da Geografia. Os autores optaram por discutir a possibilidade do uso das HQs nesta disciplina e desenvolver alguns temas pertinentes.

A série de histórias em quadrinhos “*Redescobrimo o Brasil*” foi destacada por mesclar didatismo e humor, e também por seu pioneirismo, mostrando que é possível divulgar os conhecimentos de história por meio das histórias em quadrinhos. Nesse sentido, elementos comuns das histórias em quadrinhos podem servir para trabalhar noções importantes no estudo de História.

Os recordatórios podem ser utilizados para trabalhar sucessão, duração e simultaneidade através das expressões como “logo depois”, “enquanto isso”... Histórias com *flashbacks* podem ser utilizadas para ajudar o aluno a compreender a questão da memória. Além dos vários pontos de vista que podem ser encontrados em uma mesma história, provocando a reflexão sobre a existência de diferentes versões da História.

Os quadrinhos também podem ser utilizados para fornecer ideias sobre os aspectos sociais de comunidades no passado ou **de outras regiões geográficas** (inferência pessoal). Embora, os autores lembrem que “toda obra ficção histórica fornece mais informações a respeito da época em que foi criada do que sobre a época em que é ambientada” (Barbosa *et al.*, p. 109).

Os autores chamam a atenção para perguntas que devem ser feitas quando se utilizam as histórias em quadrinhos como documento histórico: que(m) é(são) o(s) autor(es), chamam a atenção também para os autores anônimos, como os que produzem os quadrinhos da Turma da Mônica; quando e onde foram produzidas (?); por quem (?); para quem se destinam (?) e quais são as suas finalidades.

Um outro fator levantado é o de que nem todas as histórias em quadrinhos são ficcionais. Muitas têm caráter autobiográfico, constituindo-se em uma memória do autor. As obras com estas características citadas pelos autores são: *Maus* (Art Spiegelman) – conta a história do pai do autor, um judeu que sobreviveu aos campos de concentração; *Gen: pés descalços* (Keiji Nakazawa) – conta a histórias de uma família em Hiroshima, durante a Segunda Guerra Mundial; *No coração da Tempestade* (Will Eisner) – biografia mal disfarçada do autor que viveu a Grande Depressão Americana e a Segunda Guerra Mundial.

O conceito de anacronismo pode ser mais facilmente compreendido com a utilização de histórias em quadrinhos que empregam este recurso. Os autores destacam o “Príncipe Valente” como uma obra rica em anacronismo. Este anacronismo é intencional e fruto de intensa pesquisa por parte do seu criador, como no caso de Hall Foster. *Asterix*, *Hagar* e o *Mago de Id*, são outras histórias ricas em anacronismo citadas pelos autores. Nestas, o anacronismo se presta ao humor, quando situações dos dias atuais são transportadas para a época em que ocorrem as histórias.

Os conteúdos da disciplina Artes que podem ser desenvolvidos com a ajuda das histórias em quadrinhos são:

Perspectiva – os alunos podem ser instigados a descobrir em uma cena os “pontos de fuga” de uma cena das histórias em quadrinhos. Os artistas das HQs utilizam um, dois ou três pontos de fuga, além de ângulos diferentes para dar tridimensionalidades às cenas. Outra perspectiva, muito comum em histórias de super-heróis, é o olho de peixe.

Anatomia – as diferentes formas de retratar a figura humana das histórias em quadrinhos podem ser comparadas às diferentes formas de reproduzir a forma humana ao longo da história. Os antigos estabeleceram como proporção ideal de um corpo, o equivalente a sete cabeças e meia; os estadunidenses utilizam oito cabeças (e até mais, quando se trata dos super-heróis); os europeus sete cabeças e os japoneses têm a tendência anatômica de deixar os corpos mais longilíneos. As diferenças anatômicas também podem estar relacionadas à natureza étnica. A mulher idealizada pelos estadunidenses têm seios fartos e quadris estreitos, já os desenhistas de origem latina desenharam a mulher de ancas mais largas, os europeus buscam em diferentes povos as características para desenhar uma mulher ideal, enquanto no Japão, os desenhos chamam a atenção pelos olhos grandes e cheios de expressão.

Luz e sombra – o trabalho com luz e sombra resulta na maior percepção da imagem, tornando-a mais depurada, aumentando o seu realismo. As primeiras histórias em quadrinhos só podiam contar com o autocontraste e as hachuras para se valer desse recurso, mas nos dias de hoje, com a computação, este recurso está bem desenvolvido. É o que observamos em obras como *Sin City* (Frank Miller), *X-men* e, sobretudo, nos mangás japoneses, pela maioria das obras serem em branco e preto.

Composição – a análise de uma cena de histórias em quadrinhos é ideal para o estudo desta técnica. Os autores, em geral, utilizam os ângulos cinematográficos para dispor personagens e elementos cênicos.

Em artes, as HQs podem se constituir também em um exercício prático, proporcionando aos estudantes a chance de criarem a sua própria história e assim vivenciar todo o processo criativo de uma história em quadrinho. Desde a criação do argumento, roteiro, *plot*, *subplots*, *scripts*, *model sheet*, esboço, lápis final, tinta, colorização, montagem, até a formação de um exemplar da revista, pronta para a cópia e distribuição.

O argumento é a idéia central que dará origem às ações dos personagens. O roteiro vem em seguida, ele é a descrição da história. O *plot* é a descrição detalhada das ações do personagem principal, enquanto suas falas constituem os *scripts*. Os *subplot* descrevem as ações dos outros personagens. Tendo definido a ação e as falas dos personagens é preciso desenhá-los em vários ângulos, a fim de que a forma do desenho não mude ao longo da história, este conjunto de desenhos é o *model sheet*. Para desenhar os cenários e os objetos cênicos é preciso munir-se de referências, principalmente fotos. O desenho das páginas, inicialmente, deve ser bem solto, definindo apenas a distribuição dos quadros. Geralmente utilizam-se folhas de papel A4, o cenário é desenhado primeiro, seguido dos personagens. Caso o aluno esteja preparando uma revista em quadrinhos deve sempre lembrar que uma revista é constituída por um jogo de quatro páginas, por isso, a revista, incluindo a capa, deverá ser formada por quatro páginas, ou chegar ao final com número total que corresponde a um de seus múltiplos. Os esboços devem ser feitos a lápis e já conter os balões e as falas. As onomatopéias e as linhas cinéticas também devem ser acrescentadas ao esboço, antes de passar para o lápis final. No momento em que os desenhos são definidos as linhas em excesso são retiradas e pode-se, ou não, optar pela colorização da história, antes de montar a revista e iniciar a cópia dos exemplares.

#### **4.3 SÍNTESE DAS FORMAS DE USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

São três obras e três formas distintas de trabalhar o mesmo tema. Eles apresentam algumas propostas em comum e algumas diferentes. Passamos agora a sintetizar estas informações, como uma preparação para a análise dos dados oriundos das escolas. Observamos duas formas distintas de uso das histórias em quadrinhos: a criação de uma histórias em quadrinhos e o uso de histórias em quadrinhos prontas.

Quanto à criação de uma histórias em quadrinhos, já escrevemos anteriormente sobre o seu desenvolvimento, bem explicitado por Barbosa *et al* quando tratou da disciplina Arte. Partindo dessas considerações verificaremos entre os professores que utilizam este recurso se, ao fazê-lo, estão seguindo aqueles passos ou se possuem uma forma própria de encaminhar o trabalho de criação das histórias em quadrinhos.

Quanto ao trabalho com as histórias prontas, observamos que as possibilidades didáticas, indicadas por Bibe-Luyten, englobam cada uma das várias propostas expressas nas outras obras, podendo, assim, ser utilizadas como categorias para sistematizar as propostas dos outros autores. No entanto, acreditamos que falta uma categoria, a fim de utilização dos personagens e de seus aspectos. Sendo assim, as nossas propostas para utilização das histórias em quadrinhos serão classificadas nas seguintes categorias: a análise das histórias em quadrinhos; o uso das HQs como tema de discussão; o uso das histórias em quadrinhos na linguagem oral e escrita; a pesquisa sobre histórias em quadrinhos e o uso dos personagens e suas características.

A primeira categoria é comum a todas as propostas, porque antes de utilizar uma história em quadrinho é preciso que seja feita uma análise, a fim de que esta possa ser utilizada. Construímos o Quadro 01 para demonstrar em quais das outras categorias as propostas de uso das histórias em quadrinhos se encontram, relacionando as propostas e estas categorias.

| <b>Disciplina</b> | <b>Proposta</b>  | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> |
|-------------------|--|----------|----------|----------|
| <b>Artes</b>      | Perspectiva  |          | X        |          |
|                   | Anatomia   |          |          | X        |
|                   | Luz e sombra   |          | X        |          |
|                   | Composição   |          | X        |          |
| <b>Biologia</b>   | Comparação entre personagens que são animais ou têm origem em vegetais e os verdadeiros exemplares da natureza |          |          | X        |
|                   | Análise da fisiologia de alguns personagens  |          |          | X        |
| <b>Física</b>     | Utilização dos personagens de histórias em quadrinhos nos enunciados dos exercícios                            |          |          | X        |
|                   | Discussão de conceitos de física do ponto de vista dos personagens   |          |          | X        |

Quadro 01: Sistematização das indicações do uso das histórias em quadrinhos, segundo a categoria de classificação das propostas de uso das histórias em quadrinhos: 1 - O uso das histórias em quadrinhos na linguagem oral e escrita; 2 - A estimulação do estudo sobre histórias em quadrinhos; e 3 - O uso dos personagens e suas características.

Fonte: Barbosa et al (2006); Bibe-Luiten, (1984) & Carvalho (2005).

| <b>Disciplina</b>              | <b>Proposta</b>   | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> |
|--------------------------------|---|----------|----------|----------|
| <b>Geografia</b>               | Mostrar características geográficas do ambiente.  |          | X        |          |
|                                | Cartografia   |          | X        |          |
|                                | Paisagem e espaço geográfico no universo dos quadrinhos.  |          | X        |          |
|                                | A família pato e os ideais capitalistas   |          | X        |          |
|                                | Geopolítica na reportagem quadrinizada de Joe Sacco.  |          | X        |          |
|                                | O Rural e o Urbano  |          | X        |          |
|                                | Estudo da África a partir da leitura de Tarzan  |          | X        |          |
|                                | As metrópoles nos quadrinhos  |          | X        |          |
|                                | O espaço urbano e o conceito de “lugar” em Will Eisner  |          | X        |          |
|                                | Amazônia em “Mapiguari e Outras Histórias”  |          | X        |          |
|                                | Discutindo a guerra fria com Mafalda  |          | X        |          |
| <b>História</b>                | Mostrar como as histórias em quadrinhos foram utilizadas ao longo da história   |          | X        |          |
|                                | Análise de histórias que retratam acontecimentos reais  |          | X        |          |
|                                | Possibilidade de divulgar os conhecimentos de história através das histórias em quadrinhos                                |          |          | X        |
|                                | Recordatórios utilizados para trabalhar sucessão, duração e simultaneidade  | X        | X        |          |
|                                | Vários pontos de vistas em uma mesma história, provocando a reflexão sobre a existência de diferentes versões da História |          | X        |          |
|                                | Fornecer informações sobre aspectos sociais de comunidades no passado ou de outras regiões geográficas                    |          |          | X        |
|                                | Quadrinhos com caráter autobiográfico   |          |          | X        |
|                                | Criação de histórias em quadrinhos  |          |          |          |
| <b>Línguas Estrangeiras</b>    | Conceito de anacronismo   |          | X        |          |
|                                | Utilizar quadrinhos importados  | X        |          |          |
|                                | Traduzir histórias em quadrinhos  |          | X        |          |
| <b>Língua Portuguesa</b>       | Discutir diferenças culturais   |          |          | X        |
|                                | Leitura crítica   |          |          |          |
|                                | Criatividade – lendo as histórias e recontando-as ou reescrevendo os diálogos   | X        |          |          |
|                                | Caracterização dos personagens – trabalhando regionalizações/ortografia   | X        |          |          |
|                                | Concisão/coesão do texto – as histórias em quadrinhos devem ser coesas e concisas para serem entendidas                   | X        |          |          |
|                                | Metáforas visuais – para fixar o conceito os alunos podem buscar as metáforas visuais nas histórias em quadrinhos         | X        |          |          |
|                                | Adequação e inadequação   | X        |          |          |
|                                | Variação linguística  | X        |          |          |
|                                | Preconceito linguístico   | X        |          |          |
|                                | Fala e escrita  |          |          | X        |
| Aspecto da oralidade           |   | X        |          |          |
| Caracterização dos personagens | X   |          |          |          |

Quadro 01: Continuação



| <b>Disciplina</b> | <b>Proposta</b>  | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> |
|-------------------|--|----------|----------|----------|
| <b>Literatura</b> | Usar clássicos da literatura que foram adaptados para as histórias em quadrinhos     | <b>X</b> |          |          |
|                   | Usar obras que fazem releituras de textos clássicos                                  | <b>X</b> |          |          |
| <b>Matemática</b> | Trabalhar as figuras geométricas encontradas nas imagens das histórias em quadrinhos |          |          |          |
|                   | Trabalhar proporção pela observação das HQs que sofrem redução                       |          |          | <b>X</b> |
|                   | Trabalhar potenciação em histórias onde os personagens crescem ou encolhem           |          |          | <b>X</b> |
|                   | Trabalhar com equações usando a organização das páginas para impressão               |          | <b>X</b> |          |
| <b>Química</b>    | Análise de vários personagens em confronto com alguns conceitos da disciplina        |          |          | <b>X</b> |

Quadro 01: Continuação

Ao analisar este quadro observamos que a maioria das indicações da literatura utiliza as histórias em quadrinhos como algo próprio do universo cultural dos alunos, sem considerar as características que **definem** histórias em quadrinhos (suas características específicas). Os autores afirmam que é necessário conhecer a linguagem dos quadrinhos, antes de utilizá-los em atividades didáticas. Entretanto, a maioria das atividades apresentadas estão desvinculadas desses conhecimentos, funcionando apenas como suporte de conteúdos escolares.

## 5. PASSOS DA PESQUISA



Capa 5: Batman o cavaleiro das Trevas, nº 4 (1987)

## **5. PASSOS DA PESQUISA**

Nesta seção trataremos de todas as etapas de nossa pesquisa e das opções tomadas para seguir cada uma delas: desde a definição final do tema a ser pesquisado, a escolha da população alvo, a delimitação do espaço da pesquisa, a seleção da amostra, a solicitação de autorização da pesquisa, a elaboração dos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa de campo, o processo de sistematização dos dados, entrevista e a obtenção de imagens.

Trata-se de um estudo descritivo, ou seja, procuramos descrever as características de uma determinada população e estabelecer relações entre elas. Ao longo do trabalho foram vários os procedimentos metodológicos utilizados e cada um deles será descrito na medida em que tratamos de cada etapa realizada.

Em nossa pesquisa decidimos: investigar a apropriação das formas de uso das histórias em quadrinhos por professores da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RPMECRJ). A RPMECRJ foi escolhida pelo seu tamanho – é a maior da América Latina – isso explica, portanto, toda a riqueza e diversidade que pode oferecer.

Uma vez traçado o objetivo e definido os sujeitos da pesquisa, precisávamos delimitar os seus limites, embora a opção pelos professores da RPMCRJ pareça uma escolha simples, é preciso lembrar que em função da dimensão da rede, não pode ser pesquisada como um todo, considerando o limitado tempo de um mestrado. Foi preciso então definir os parâmetros que limitassem a pesquisa.

### **5.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

Enquanto pesquisávamos a RPMCRJ para descobrir que parâmetros usar, tomamos conhecimento de que as unidades escolares contam com Salas de Leituras (SL). Um espaço especial, voltado para a promoção da leitura e para formação de leitores. Esse espaço tem como objetivo o desenvolvimento de projetos voltados para a formação do leitor, atividades que incorporem o uso e a produção de diferentes mídias e suas respectivas linguagens. Para tal, as SLs contam com um acervo variado, constituído por livros de literatura brasileira, literatura infantil e juvenil, livros para a formação de professores, revistas, fitas de vídeo e

áudio, CDs, jornais, obras de referência, tais como dicionários e enciclopédias e, o que mais nos interessa, histórias em quadrinhos.

Outro aspecto muito promissor desta descoberta foi saber que as SLs são organizadas em Salas de leitura – Pólo (SL-P) e Salas de leituras Satélites.

As Salas de Leitura-Pólo são responsáveis pela irradiação, multiplicação e acompanhamento das orientações do trabalho, oriundas da Divisão de Mídia Educação, para as demais Salas de Leitura, denominadas satélites (RIO DE JANEIRO, 2007).

Segundo os dados da página da Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro (SME-RJ), a RPMECRJ conta com trinta SL-Ps, distribuídas nas dez Coordenadorias Regionais de Ensino (CREs). Como as histórias em quadrinhos são o foco de nossa pesquisa, acreditamos que uma escola que tenha toda a infraestrutura para a promoção dessa leitura seria o local ideal para a nossa pesquisa. Devido ao caráter exclusivo das SL-Ps, este acabou se tornando o nosso parâmetro, o fator que limitaria a pesquisa. As escolas pesquisadas precisavam ter uma SL-P.

Com este parâmetro qualquer uma dessas trinta unidades escolares atenderiam aos nossos critérios, mas, como sabemos que nenhuma escola é igual a outra, especialmente se levarmos em conta fatores como distância geográfica e poder econômico, entendemos que uma escola da zona norte seria bem diferente de uma da zona sul ou do subúrbio do Rio de Janeiro. Assim, resolvemos realizar a pesquisa em uma das escolas com SL-P, de cada uma das dez CREs da cidade do Rio de Janeiro. As CREs estão distribuídas pela cidade do Rio de Janeiro, congregando unidades escolares de uma mesma região geográfica. Mesmo entre as escolas das CREs existem diferenças, mas todas as SL-P formam um conjunto selecionado por critérios próprios da SME-RJ, possibilitando a nossa seleção para a pesquisa.

## **5.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA**

As unidades escolares selecionadas obedeceram aos seguintes critérios: ser uma escola com SL-P e oferecer o ensino do 6º ao 9º ano de Ensino Fundamental, segmento em que o ensino é dividido em disciplinas, ministradas por professores específicos. A lista das unidades escolares escolhidas encontra-se no quadro 2.

| <b>CRE</b> | <b>Designação</b> | <b>Escola</b>                     | <b>Endereço</b>                | <b>Bairro</b>      |
|------------|-------------------|-----------------------------------|--------------------------------|--------------------|
| 01         | 01.03.005         | Mario Claudio                     | Rua Haddock Lobo 148.          | Rio Comprido       |
| 02         | 02.06.005         | George Pfisterer                  | Praça. N. S. Auxiliadora, S/nº | Gávea              |
| 03         | 03.13.036         | Rio Grande do Sul                 | Rua Adolfo Bergamini, 201      | Engenho de Dentro  |
| 04         | 04.30.003         | Bahia                             | Av. Guilherme Maxwell, 243     | Bonsucesso         |
| 05         | 06.22.022         | Rose Klabin                       | Rua Reginópolis, 135           | Guadalupe          |
| 06         | 05.14.022         | Mário Paulo de Brito              | Rua São Leonardo, 51           | Irajá              |
| 07         | 07.16.027         | 25 de Abril                       | Rua Mamoré, 78                 | Freguesia          |
| 08         | 08.17.071         | Rubem Berta                       | Rua Do Magistrado S/n.º        | Bangu              |
| 09         | 09.18.033         | Professor Gilberto Bento da Silva | Rua Francisco Motta, 850       | Campo Grande       |
| 10         | 10.26.010         | Bertha Lutz                       | Rua Gabriel M. Machado S/nº    | Pedra de Guaratiba |

Quadro 02: Escolas da pesquisa

Fonte: SME/RJ (2009).

Essas escolas foram escolhidas aleatoriamente, dentro do grupo de escolas com SL-P de cada CRE. Com exceção das unidades escolares da 5ª CRE, que só tinha duas escolas com SL-P, e uma delas atuava apenas com os anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **5.3 AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA**

Tendo definido as escolas para a pesquisa, precisávamos então da autorização para realizar estas pesquisas, pois, quando se decidi realizar uma pesquisa com professores de escolas públicas não se pode simplesmente entrar nas unidades escolares, recolher os dados e pronto, está feito. É preciso todo um processo burocrático para a obtenção da autorização. A responsabilidade e a preocupação com a integridade dos educandos e demais componentes das unidades escolares exige que trâmites legais sejam seguidos, para que se possa adentrar em uma escola. Para termos os passos corretos desses trâmites, visitamos pessoalmente a SME/RJ e pedimos informações. Fomos encaminhadas ao Departamento Geral de Educação (E-DGED), local onde recebemos as instruções: era preciso apresentar uma cópia do projeto, com os instrumentos de coleta de dados e uma declaração do programa de pós-graduação apresentando a aluna e solicitando a autorização.

Uma vez cumprida esta etapa recebemos uma autorização geral (presente no Anexo B) que precisou ser validada em cada uma das CREs. Com esta validação, cada

Coordenadoria foi devidamente informada das visitas que seriam feitas às unidades escolares. Todas elas providenciaram documentos de apresentação (exemplo no Anexo C) para as unidades escolares, e houve àquelas que ligaram pessoalmente para os diretores das escolas, perguntando se eles aceitariam receber a pesquisadora e/ou informando desta visita. As visitas também tiveram que ser autorizadas pelos diretores das escolas. Em cada escola visitada esta foi a primeira figura a ser procurada. Após receber a autorização, algumas vezes fomos encaminhadas para a coordenação pedagógica ou diretamente para sala de professores, espaço onde procedemos a coleta dos dados.

#### **5.4 COLETA DOS DADOS**

As visitas às escolas revelaram-se uma atividade muito interessante e enriquecedora, não só para a pesquisadora, mas também para a professora, recém-ingressa na rede. Afinal, conhecer a diversidade das escolas, suas formas de trabalhar, sua organização espacial, entre outros conhecimentos, certamente ajudarão também em sua prática docente. Nas salas de professores sempre procuramos explicar a todos a finalidade de nosso trabalho, antes de solicitar o preenchimento dos questionários e de realizar as entrevistas. Fomos muito bem recebidos em várias escolas, inclusive com convite para o almoço sempre que passávamos o dia inteiro. Uma vez reconhecida como integrante da Rede, muito era feito para que tivéssemos um bom acolhimento. Em algumas escolas tivemos que voltar mais de uma vez, a fim de conseguir um mínimo de questionários preenchidos. Em outras, duas vezes era o suficiente para completar todas as atividades necessárias. A saber: o preenchimento de questionários e as entrevistas.

Embora não tivéssemos previsto em nosso trabalho, aproveitamos as visitas nas escolas para visitar as SL-P, e sempre procurando conversar com as professores regentes deste setor importante da escola. Aprendemos muito com estas conversas e obtivemos várias ideias para melhorar as atividades em nossa própria unidade escolar.

#### **5.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Como vimos anteriormente, decidimos inicialmente, aplicar um questionário padrão para a coleta de dados, atingindo um número representativo de professores das unidades escolares pesquisadas. E, em seguida, realizamos entrevistas individualizadas com professores

que utilizam histórias em quadrinhos em suas atividades didáticas. O questionário foi elaborado de forma criteriosa, sendo submetido à análise, pré-testado e tendo recebido contribuições da banca de qualificação.

O questionário construído (Apêndice 01) foi baseado no questionário do SAEB (Brasil, 2008) e no de Gouvêa & Oliveira (2006). Ele passou por uma revisora de português e por uma psicopedagoga antes de seu pré-teste. As perguntas foram organizadas em blocos, de acordo com os objetivos da pesquisa.

O primeiro bloco Leitura de HQs tem apenas três perguntas: o professor leu HQs quando criança; qual o tipo de HQ de sua preferência e como é seu o hábito de leitura nos dias de hoje. Estas perguntas procuravam verificar se os professores tiveram contato com as HQs quando criança, o quanto se lembram delas e se ainda têm contato com elas. Assim, poderíamos verificar se esse contato tem alguma relação com o uso das HQs nos dias de hoje.

Em seguida temos o bloco Contexto didático das HQs com informações mais relevantes para a pesquisa: Ele começa com a pergunta: você utiliza as HQs nas suas atividades didáticas? Caso o professor responda não, ele recebe a instrução para pular para a última pergunta do mesmo bloco, onde pedimos que ele descreva uma situação didática, utilizando as histórias em quadrinhos. O motivo pelo qual pedimos, até mesmo aos professores que não utilizam HQs, para responder a esta pergunta é que, partindo dessa resposta poderíamos encontrar professores com ideias para o uso das HQs mesmo preferindo não utilizá-las. Os professores que utilizam ou já utilizaram as HQs, têm mais oito perguntas sobre o seu uso: quando a utilizaram pela última vez, o tipo de história utilizada e o momento em que foi utilizada. Temos também uma pergunta dissertativa, investigando para quais conteúdos didáticos as HQs são empregadas. A pergunta objetiva porque utiliza os quadrinhos tem algumas alternativas, mas deixa espaço para uma resposta do próprio professor. A pergunta por que utiliza HQs deve informar o que o professor espera encontrar nas HQs. Há também uma pergunta sobre o tempo que uma atividade com HQ demanda de preparação, a mesma foi idealizada para descobrirmos se o uso das HQs é uma atividade trabalhosa.

Obrigatoriamente, um professor não precisa fazer uso histórias em quadrinhos, mas, isso não significa que deixe de utilizar recursos didáticos diferenciados. Assim, criamos o bloco Outros tipos de mídias ou recursos didáticos, a fim de recolher informações sobre o

emprego de outras mídias, que não as HQs, espaço onde colhemos informações sobre os outros recursos utilizados pelos professores, traçando um painel dos recursos didáticos utilizados pelos professores da SME-RJ.

Para traçar o perfil dos professores temos o bloco Dados pessoais, nele colhemos informações sobre o sexo e a faixa etária. Neste mesmo bloco incluímos perguntas sobre o convívio com crianças, leitoras ou não de HQs, possibilitando a identificação de personagens que estas crianças gostem. Usamos esta pergunta como pretexto para verificar se os professores conhecem HQs através de suas crianças.

Em Situação profissional colhemos informações sobre o tipo de professor (PI ou PII<sup>4</sup>) participante, uma vez que algumas das escolas com SL-P lecionam para todos os ciclos<sup>5</sup>. Também apresentamos perguntas sobre a formação inicial para exercer o magistério, a formação atual e as atividades de formação continuadas, desse modo verificamos a continuidade dos estudos dos professores. As perguntas relativas ao tempo na escola e aos anos de magistério buscam descobrir se o uso ou não de HQs está relacionado com o tempo de magistério e a um possível vínculo com a escola. Em outros dados como a quantidade de escolas em que trabalha, os turnos, o total de horas-aula semanais e as horas dedicadas às atividades didáticas, fora do horário de trabalho, procuramos relacionar a carga de trabalho com às atividades com HQs. O último item deste bloco é o regime de trabalho (estatutário, CLT ou contrato), pelo qual procuramos buscando descobrir se o vínculo empregatício tem alguma influência no trabalho do professor.

Além do questionário criamos o protocolo de entrevistas semiestruturada, para os professores que utilizam as histórias em quadrinhos. Este instrumento de análise recebeu valiosas contribuições da banca de qualificação e tem sua redação final no apêndice 2. Ele trata inicialmente da trajetória como leitor, do conhecimento sobre a linguagem e da produção das HQs, do uso das HQs, da motivação para a sua utilização, da percepção da receptividade dos alunos, das metodologias de utilização, do conhecimento de leitura dos alunos e de professores, que também utilizam HQs, além de outros recursos didáticos. Também trata das

---

<sup>4</sup> PII são os professores que atuam da alfabetização ao quarto ano, enquanto PI são os professores do quinto ao nono ano do ensino fundamental.

<sup>5</sup> O sistema de ensino da SME-RJ apresenta três ciclos de três anos. Os dois primeiros anos do ciclo intermediário são lecionados por professores PII e o último ano deste ciclo é lecionado por professores PI. Algumas escolas só atendem alunos do primeiro ciclo e os dois primeiros anos do segundo ciclo, enquanto outras atendem aos alunos do último ano do segundo ciclo e o ciclo final e outras ainda atendem a alunos de todos os ciclos.



opiniões dos professores sobre a leitura das histórias em quadrinhos. As entrevistas foram realizadas em cada escola, com um ou dois professores que utilizam histórias em quadrinhos. Como forma de esmiuçar as respostas tratadas nos questionário, complementamos com a apresentação dos dados das entrevistas.

Como as perguntas do questionário estão vinculadas às questões da pesquisa, construímos o quadro 03 demonstrando esta relação.

| <b>Questões da pesquisa</b>  | <b>Questões do questionário</b> | <b>Observações</b>   |
|--|---------------------------------|--|
| Quem são os professores que utilizam os quadrinhos                                     | 1, 2, 3, 15 até 35              | As perguntas procuram formar um perfil do professor entrevistado. As perguntas estão nos blocos Dados pessoais, Situação Profissional, Outras mídias, Leitura de HQs e Contexto didático das HQs. As perguntas para esta questão da pesquisa formam a maior parte do questionário, uma vez que as outras questões serão mais aprofundadas com as entrevistas |
| Por que utilizam as histórias em quadrinhos  | 9; 12                           | As perguntas pretendem descobrir as motivações que levam o professor a utilizar as HQs. Uma delas é dissertativa para que o professor expresse suas razões com as próprias palavras  |
| Como utilizam as histórias em quadrinhos   | 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12'13    | Assim como na questão anterior e na próxima, as respostas para esta questão foram mais bem explicitadas nas entrevistas. As respostas para as questões, encontradas nos questionários, são mais importantes para ajudar na seleção dos entrevistados   |
| De onde vêm as formas de utilização das histórias em quadrinhos                        | 14                              | Temos apenas uma pergunta para esta questão, pelos motivos explicitados na observação da questão anterior  |
| Como as formas de utilização se inserem dentro das propostas encontradas na literatura | 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12'13    | Esta pergunta foi respondida através da interação entre os dados obtidos na questão da pesquisa “como utilizam as histórias em quadrinho” e os dados obtidos nas obras que tratam do uso das histórias em quadrinho e trabalho didático. Por isso, as questões do questionário são as mesmas para ambas as questões da pesquisa                              |

Quadro 3: Correlação entre as questões da pesquisa e às questões do questionário.

Fonte: A Autora.

## 5.6 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Após a aplicação dos questionários, os dados foram sistematizados em um banco de dados digital, criado no programa *Microsoft Office Access 2003*. Este programa foi escolhido por organizar os dados, gerar tabelas de consultas relacionadas e ser de fácil manuseio. Para correlacionar os dados obtidos e proceder as estatísticas utilizamos mais dois programas: *Microsoft Office Excel 2003* e *PASW Statistics 17*. O Excel foi útil para a criação de tabelas com cálculos simples, como porcentagens e todos os gráficos, enquanto o PASW foi utilizado para cálculos mais elaborados, como correlações e frequências. A fim de criar os gráficos as tabelas resultantes dos cálculos com o PASW foram transportadas para o Excel, uma vez que este programa permite um maior controle na elaboração de gráficos.

## 5.7 UNIVERSO DA PESQUISA

Após a análise dos dados verificamos que haviam 223 professores distribuídos nas cinco disciplinas da pesquisa. Com exceção da disciplina história, na Escola Mário Paulo de Brito, todas as disciplinas foram contempladas em nossa pesquisa. Para apresentar o universo da pesquisa optamos por organizar os dados na tabela 1 e, assim, facilitar a sua visualização.

Tabela 01: Total de professores distribuídos pelas escolas e disciplinas

|        |                                   | Disciplinas |           |          |                   |            | TOTAL |
|--------|-----------------------------------|-------------|-----------|----------|-------------------|------------|-------|
|        |                                   | Ciências    | Geografia | História | Língua portuguesa | Matemática |       |
| Escola | Mario Claudio                     | 3           | 3         | 3        | 4                 | 5          | 18    |
|        | George Pfisterer                  | 4           | 6         | 7        | 10                | 9          | 36    |
|        | Rio Grande do Sul                 | 5           | 5         | 5        | 6                 | 7          | 28    |
|        | Bahia                             | 4           | 3         | 3        | 4                 | 3          | 17    |
|        | Rose Klabin                       | 3           | 3         | 3        | 6                 | 6          | 21    |
|        | Mário Paulo de Brito              | 2           | 3         | 0        | 3                 | 3          | 11    |
|        | 25 de Abril                       | 5           | 4         | 4        | 6                 | 6          | 25    |
|        | Rubem Berta                       | 5           | 5         | 5        | 6                 | 6          | 27    |
|        | Professor Gilberto Bento da Silva | 3           | 5         | 3        | 4                 | 5          | 20    |
|        | Bertha Lutz                       | 3           | 3         | 3        | 5                 | 6          | 20    |
| TOTAL  |                                   | 37          | 39        | 36       | 54                | 56         | 223   |

Fonte: SME-RJ (2009).

Observando estes dados verificamos que as disciplinas com mais professores são as de Matemática e Língua Portuguesa, responsáveis também pela maior carga horária de aulas dos estudantes. De acordo com o número de professores verificamos também que existem diferenças claras entre as escolas. Algumas escolas pequenas, que não chegam a ter vinte professores, outras, escolas maiores, contam com mais de trinta.

Em um universo deste tamanho, com o tempo que tínhamos para o trabalho de campo, e mesmo com a diversidade dos entrevistados, não esperávamos conseguir passar os questionários para todos os professores. Mas também não queríamos recusar entrevistados, delimitando previamente uma amostra através de cálculos estatísticos. Assim, optamos por um mínimo de 30% de professores, por disciplina. Este valor mínimo foi estabelecido pelo Teorema do Limite Central<sup>6</sup>. Também levamos em conta a diversidade das escolas, desse modo adotamos um segundo critério mínimo: conseguir pelo menos um professor de cada disciplina, em cada escola. Podemos ver na tabela 02, o número de questionários obtidos em nossa pesquisa de campo.

Tabela 02: Questionários preenchidos por disciplinas em cada escola

|        |                                   | Disciplinas |           |          |                   |            | Total |
|--------|-----------------------------------|-------------|-----------|----------|-------------------|------------|-------|
|        |                                   | Ciências    | Geografia | História | Língua Portuguesa | Matemática |       |
| Escola | Mario Claudio                     | 1           | 2         | 2        | 3                 | 1          | 9     |
|        | George Pfisterer                  | 3           | 3         | 4        | 3                 | 4          | 17    |
|        | Rio Grande do Sul                 | 3           | 0         | 2        | 3                 | 3          | 11    |
|        | Bahia                             | 4           | 3         | 3        | 3                 | 2          | 15    |
|        | Rose Klabin                       | 3           | 1         | 2        | 2                 | 3          | 11    |
|        | Mário Paulo de Brito              | 2           | 3         | 0        | 1                 | 2          | 8     |
|        | 25 de Abril                       | 1           | 3         | 3        | 5                 | 3          | 15    |
|        | Rubem Berta                       | 1           | 2         | 1        | 6                 | 3          | 13    |
|        | Professor Gilberto Bento da Silva | 2           | 0         | 3        | 2                 | 3          | 10    |
|        | Bertha Lutz                       | 2           | 2         | 1        | 4                 | 1          | 10    |
| Total  |                                   | 22          | 19        | 21       | 32                | 25         | 119   |

Fonte: SME-RJ (2009).

6 O Teorema do Limite Central (CLT) estabelece que se amostras de tamanho  $n$ , onde  $n \geq 30$ , forem tiradas de uma população qualquer, com média  $\mu$  e um desvio padrão  $\sigma$ , então a distribuição amostral de médias das amostras se aproximará de uma distribuição normal (A Distribuição Normal e o Teorema do Limite Central, 2009)

Como foi possível observar os valores mínimos foram obtidos na quase totalidade das escolas. Apenas não conseguimos contar com um professor de geografia, nas escolas da 3ª e 9ª CRE. Apesar de repetidas visitas às escolas enfrentamos problemas como: professores de licença e uma recusa expressa em participar da pesquisa.

Organizamos a tabela 03 para melhor visualizarmos a correlação entre o número de professores nas escolas e o número de questionários obtidos, revelando o número total de professores por disciplina, o total de questionários obtidos, em número e porcentagem.

Tabela 03: Total de professores (P) e número de questionários respondidos, em número (Q) e porcentagem (%), por escola e por disciplina.

| Escolas                           | Disciplinas |    |     |           |    |     |          |    |     |                   |    |     |            |    |    | Total |     |    |
|-----------------------------------|-------------|----|-----|-----------|----|-----|----------|----|-----|-------------------|----|-----|------------|----|----|-------|-----|----|
|                                   | Ciências    |    |     | Geografia |    |     | História |    |     | Língua Portuguesa |    |     | Matemática |    |    |       |     |    |
|                                   | P           | Q  | %   | P         | Q  | %   | P        | Q  | %   | P                 | Q  | %   | P          | Q  | %  | P     | Q   | %  |
| Mario Claudio                     | 3           | 1  | 33  | 3         | 2  | 67  | 3        | 2  | 67  | 4                 | 3  | 75  | 5          | 1  | 20 | 18    | 9   | 50 |
| George Pfisterer                  | 4           | 3  | 75  | 6         | 3  | 50  | 7        | 4  | 57  | 10                | 3  | 30  | 9          | 4  | 44 | 36    | 17  | 47 |
| Rio Grande do Sul                 | 5           | 3  | 60  | 5         | 0  | 0   | 5        | 2  | 40  | 6                 | 3  | 50  | 7          | 3  | 43 | 28    | 11  | 39 |
| Bahia                             | 4           | 4  | 100 | 3         | 3  | 100 | 3        | 3  | 100 | 4                 | 3  | 75  | 3          | 2  | 67 | 17    | 15  | 88 |
| Rose Klabin                       | 3           | 3  | 100 | 3         | 1  | 33  | 3        | 2  | 67  | 6                 | 2  | 33  | 6          | 3  | 50 | 21    | 11  | 52 |
| Mário Paulo de Brito              | 2           | 2  | 100 | 3         | 3  | 100 | 0        | 0  | 0   | 3                 | 1  | 33  | 3          | 2  | 67 | 11    | 8   | 73 |
| 25 de Abril                       | 5           | 1  | 20  | 4         | 3  | 75  | 4        | 3  | 75  | 6                 | 5  | 83  | 6          | 3  | 50 | 25    | 15  | 60 |
| Rubem Berta                       | 5           | 1  | 20  | 5         | 2  | 40  | 5        | 1  | 20  | 6                 | 6  | 100 | 6          | 3  | 50 | 27    | 13  | 48 |
| Professor Gilberto Bento da Silva | 3           | 2  | 67  | 5         | 0  | 0   | 3        | 3  | 100 | 4                 | 2  | 50  | 5          | 3  | 60 | 20    | 10  | 50 |
| Bertha Lutz                       | 3           | 2  | 67  | 3         | 2  | 67  | 3        | 1  | 33  | 5                 | 4  | 80  | 6          | 1  | 17 | 20    | 10  | 50 |
| Total                             | 37          | 22 | 59  | 39        | 19 | 49  | 36       | 21 | 58  | 54                | 32 | 59  | 56         | 25 | 45 | 223   | 119 | 53 |

Fonte: SME-RJ (2009).

Lembrando que o nosso critério para a amostra ser significativa era o de ser igual ou maior que 30%, verificamos que a quantidade de questionários obtidos forneceu uma amostra significativa, tanto em relação às disciplinas quanto em relação às escolas. E embora nosso critério individual para as escolas exigisse apenas um professor de cada disciplina, verificamos que as amostras obtidas por disciplina, em cada escola, também foram significativas na maioria das escolas.

## 5.8 ENTREVISTAS

Durante as visitas nas escolas, também foram realizadas entrevistas com professores selecionados. Infelizmente não foi possível a realização das entrevistas em duas escolas. Também, não foi possível a realização de entrevistas com professores de Geografia. Em compensação, realizamos mais de uma entrevista em com professores de outras disciplinas e outras escolas, o que fez com que o número de entrevista ultrapassasse o número de escolas. Foram realizadas quatorze entrevistas com professores de quatro disciplinas que estão organizadas na tabela 04.

Tabela 04: Total de entrevistas realizadas por escola e disciplinas

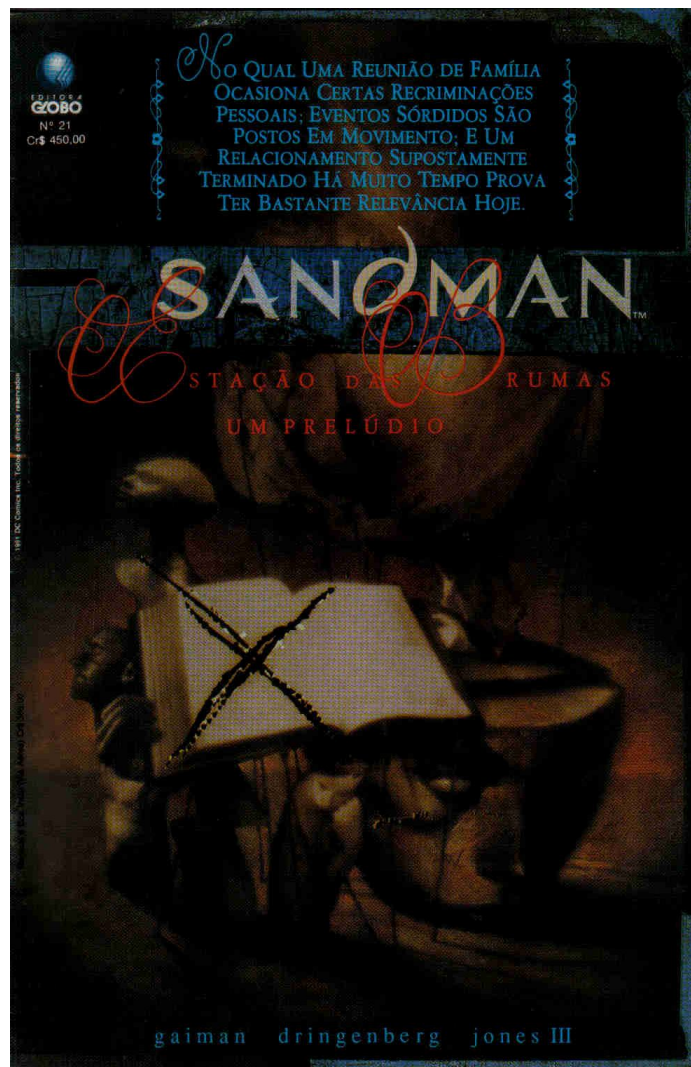
|               |                    | Disciplinas |          |                   | Total |            |
|---------------|--------------------|-------------|----------|-------------------|-------|------------|
|               |                    | Ciências    | História | Língua Portuguesa |       | Matemática |
| <b>Escola</b> | Bahia              | 1           |          | 1                 | 2     |            |
|               | Bertha Lutz        | 1           |          | 1                 | 2     |            |
|               | George Pfisterer   |             | 1        | 1                 | 2     |            |
|               | Mario Claudio      |             |          | 1                 | 1     |            |
|               | Professor Gilberto |             | 1        |                   | 1     |            |
|               | Bento da Silva     |             |          |                   |       |            |
|               | Rio Grande do Sul  | 1           |          |                   | 1     |            |
|               | Rose Klabin        |             |          | 1                 | 2     |            |
|               | Rubem Berta        |             | 1        | 1                 | 2     |            |
| <b>Total</b>  |                    | 3           | 3        | 6                 | 2     | 14         |

Fonte: SME-RJ (2009).

## 5.9 OBTENÇÃO DE IMAGENS

O trabalho realizado, pelo tema abordado, não poderia deixar de apresentar, entre as suas ilustrações, imagens diversas. Algumas foram encontradas na internet e foram devidamente referenciadas. As de nossa autoria foram obtidas com duas câmeras digitais diferentes, uma 3.1 Mp, embutida em um celular, *Sony Ericsson W760*, e uma câmera digital, *Sony Saber Shot* modelo DSC-P93A, com 5.1 Mp. Algumas fotos receberam tratamento nos programas *Firework 8*, e *Photoshop 6* ambos da Adobe.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO



Capa 6: Sandman nº 21 –Estação das Brumas (1989)

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados e sua discussão optamos por analisar cada bloco de dos questionários isoladamente. Estes dados foram completados, quando necessário, com as informações das entrevistas. O bloco de perguntas Contexto didático foi deixado por último, considerando a necessidade de chegar a esta etapa com as disposições dos dados que podem ou não influenciar, nos resultados, encontrados neste bloco de perguntas, o ponto central de nossa pesquisa. Assim, estamos partindo do mais geral para o específico. Iniciamos com os Dados pessoais, a Situação profissional, o Uso de outras mídias, a Leitura de quadrinhos e terminamos com o Contexto didático. As falas dos professores entrevistados foram colocados ao longo da apresentação dos blocos de perguntas, sempre que necessários.

Observamos, na análise dos blocos de dados mais gerais, a existência de três grupos distintos em nossa pesquisa: o primeiro é formado por todos os professores de nossa amostra, o segundo e categorizado pelos professores que utilizam ou já utilizaram histórias em quadrinhos e, finalmente, o grupo de professores que não utilizam histórias em quadrinhos, conforme apresentamos na tabela 05, que compara os dados dos três grupos, a serem analisados de acordo com as escolas onde realizamos a coleta dos dados.

Tabela 05: Grupos que compõem a pesquisa

| Escola                            | Todos os professores | Utilizam HQs | %   | Não utilizam HQs | %  |
|-----------------------------------|----------------------|--------------|-----|------------------|----|
| Mario Claudio                     | 9                    | 9            | 100 | 0                | 0  |
| George Pfisterer                  | 17                   | 12           | 71  | 5                | 6  |
| Rio Grande do Sul                 | 11                   | 8            | 73  | 3                | 3  |
| Bahia                             | 15                   | 11           | 73  | 4                | 5  |
| Rose Klabin                       | 11                   | 11           | 100 | 0                | 0  |
| Mário Paulo de Brito              | 8                    | 6            | 75  | 2                | 2  |
| 25 de Abril                       | 15                   | 12           | 80  | 3                | 3  |
| Rubem Berta                       | 13                   | 7            | 54  | 6                | 7  |
| Professor Gilberto Bento da Silva | 10                   | 5            | 50  | 5                | 6  |
| Bertha Lutz                       | 10                   | 7            | 70  | 3                | 3  |
| Total                             | 119                  | 88           | 75  | 31               | 35 |

Fonte: SME-RJ (2009)

Os professores que utilizam os quadrinhos estão juntos dos professores que já utilizaram e não utilizam mais, porque estes também explicitaram a sua forma de empregar as HQs e, dessa modo, podemos ter todas as informações referentes a estes professores

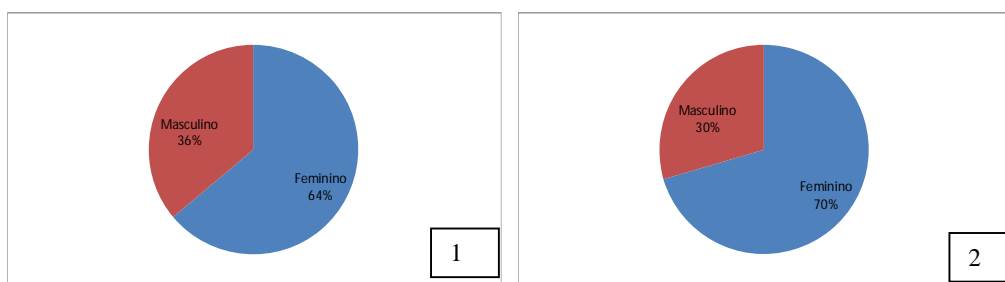


mostrando assim, um painel com todos os professores que, em sua prática, já utilizaram as histórias em quadrinhos como recurso didático.

Na apresentação dos resultados procuramos sempre comparar as respostas de todos os professores com os dados dos professores usuários das histórias em quadrinhos e, quando julgamos pertinente, comparamos também com os dados dos professores que não utilizam as histórias em quadrinhos. Por isso, sempre que se fizer necessário, a fim de comparação, colocaremos os dados, em forma de gráfico ou tabela referente aos três grupos. No bloco Contexto didático não é possível realizar comparações, pois, contamos apenas com grupo dos professores que, alguma vez, em sua vida docente, utilizou histórias em quadrinhos.

## 6.1 DADOS PESSOAIS

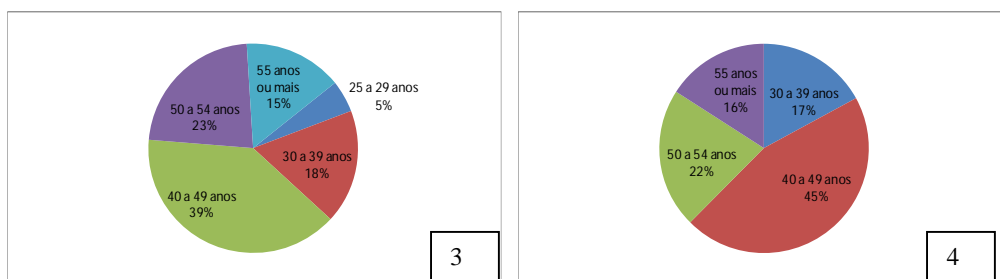
Analisando o bloco Dados Pessoais, verificamos que 76 professores eram do sexo feminino e 43 do sexo masculino. Dados que apontam a feminização do ensino, sempre tão estudada (Nogueira & Schelbauer, 2009; Rabelo, & Martins, 2009; Uekane, 2009) no que se refere à escola “primária” (alfabetização ao 5º ano), como algo que também vem acontecendo em outros segmentos da Educação. Embora não possamos nos esquecer que nesta pesquisa não foram contempladas todas as disciplinas, tendo ficado de fora a Educação Física, todas as artes e as línguas estrangeiras. Entre os professores que utilizam as histórias em quadrinhos, o percentual do sexo feminino é um pouco maior do que no geral.



Gráficos 1 e 2: Sexo dos professores que responderam aos questionários (1) e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (2).

Fonte: SME-RJ (2009)

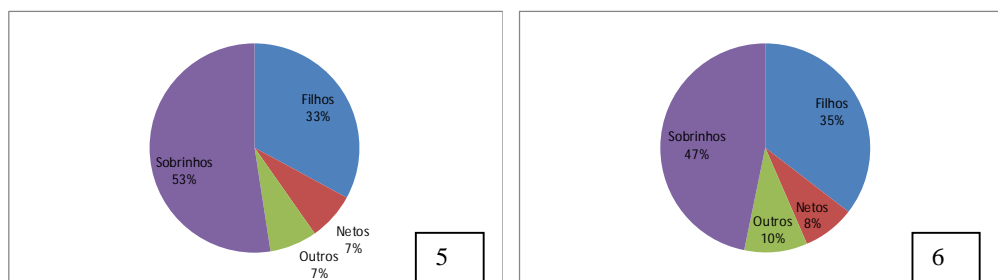
Quanto a faixa etária, não encontramos professores com idade abaixo de 25 anos. Todos estavam entre as faixas de 25 a 29 anos e mais de 55 anos. Há uma predominância de professores na faixa de 40 a 45 anos (39%). A grande diferença entre o padrão de distribuição da faixa etária, entre os professores que responderam aos questionários e o grupo que utiliza histórias em quadrinhos, é a ausência de professores da faixa etária de 25 a 29 anos, entre os professores que utilizam histórias em quadrinhos.



Gráficos 3 e 4: Faixa etária dos professores que responderam aos questionários (3) e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (4).

Fonte: SME-RJ (2009)

Em relação ao convívio com crianças, 69% dos professores informaram que sim, convivem com crianças. Entre os professores que utilizam as histórias em quadrinhos este número é praticamente o mesmo (70%). Estas crianças são sobrinhos, filhos, entre outros, como podemos observar nos gráficos 05 e 06.



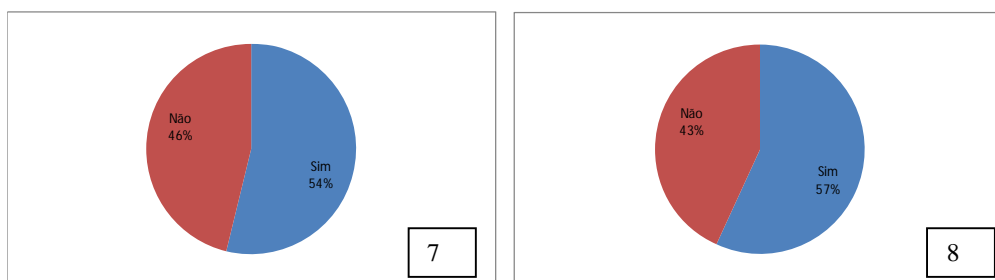
Gráficos 5 e 6: Convívio com crianças dos professores que responderam aos questionários (5) e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (6).

Fonte: SME-RJ (2009)

Observamos que o grupo de sobrinhos, netos e outros (filhos de amigos, vizinhos e primos) formam, nos dois grupos, mais de 65% dessas crianças. Sabendo que, em geral, o convívio com essas classes de crianças não é tão estreito quanto o de pais e filhos, ficamos um

pouco surpresos e com certa desconfiança nos resultados obtidos pelas perguntas subsequentes.

Mais da metade das crianças com as quais os professores convivem são leitoras de histórias em quadrinhos, como podemos ver nos gráficos 07 e 08. Mostrando que este hábito ainda está presente nos dias de hoje. Apesar de se falar que as crianças de hoje não leem mais.

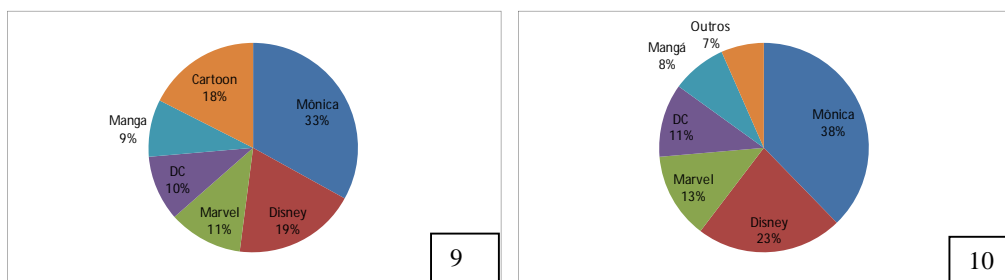


Gráficos 7 e 8: Leitura de HQs pelas crianças dos professores que responderam aos questionários (7) e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (8).

Fonte: SME-RJ (2009)

Apenas 3% de seus tios, pais ou etc, não conseguem citar os personagens que eles costumam ler, entre os professores que utilizam histórias em quadrinhos este número cai para 1%. O que parece demonstrar que esses professores ouvem suas crianças, quando elas falam de seus entretenimentos.

Entre os personagens citados encontramos os velhos conhecidos da *Turma Mônica* (33%) e *Disney* (19%), mas também grupos novos como o personagens do *Cartoon Network* (19%) e dos *Mangás*. Assim, percebe-se que muitos personagens antigos ainda fazem sucesso, mesmo havendo renovação, com novos grupos de personagens sendo apontados.



Gráficos 9 e 10: personagens das HQs que as crianças lêem, lembrados pelos professores que responderam aos questionários (09) e aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (10).

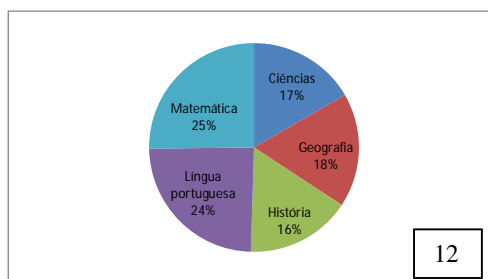
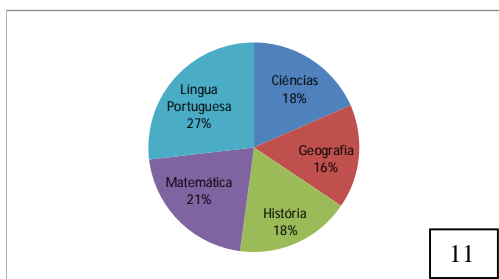
Fonte: SME-RJ (2009)

No entanto, temos certa reserva quanto a estes resultados, uma vez que na época da pesquisa já não havia nas bancas a publicação da linha de revistas do *Cartoon Network*. Acreditamos que os professores podem ter lembrado de personagens que as crianças comentaram, sem saber se estes vieram das leituras de HQs que leram ou de outros lugares. Este pode ser o caso, por exemplo, da citação do personagem “Ben 10” que, no Brasil, só aparece em desenhos animados e em produtos voltados para crianças, como cadernos e mochilas.

Em resumo, não há uma diferença significativa entre os professores que responderam aos questionários e o grupo de professores que utilizam histórias em quadrinhos. Eles são, em sua maioria, do sexo feminino, a maior parte deles está na faixa etária de 40 a 49 anos, convivem com crianças em idade escolar, mas a maioria dessas crianças não são seus filhos. Essas crianças são leitoras de HQs e seus tios, pais etc. conseguem lembrar dos personagens que elas gostam, seja dos quadrinhos ou não.

## 6.2 DADOS PESSOAIS

No bloco de perguntas Dados profissionais observamos que a distribuição por disciplina dos professores que responderam ao bloco (gráfico 30), está bem próxima da distribuição no universo da pesquisa (gráfico 31), com uma variação máxima de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, o que demonstra que a amostra é, realmente, significativa, aproximando-se do normal.



Gráficos 11 e 12: Distribuição das disciplinas ministradas pelos professores que responderam aos questionários (11) e o Universo da pesquisa (12).

Fonte: SME-RJ (2009)

Mas a comparação entre o gráfico dos professores que responderam aos questionários (11) e o gráfico dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos (gráfico 13) demonstra o predomínio de Língua Portuguesa e a baixa participação da Matemática.

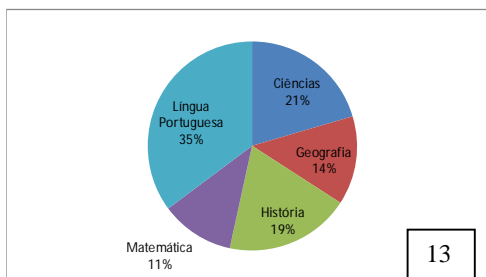


Gráfico 13 – distribuição das disciplinas nos professores que utilizam histórias em quadrinhos.

Fonte: SME-RJ (2009)

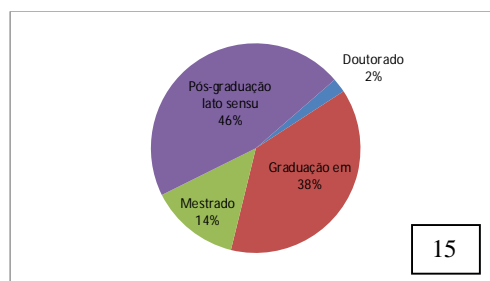
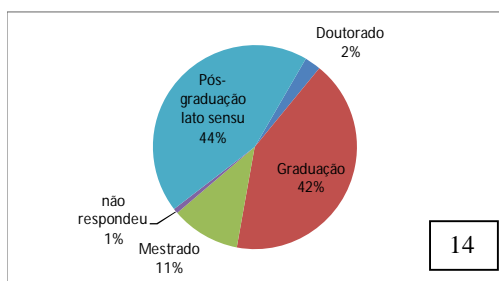
A grande participação dos professores de Língua Portuguesa já era esperada pela especificidade da disciplina. Como na Língua Portuguesa deve-se trabalhar as várias linguagens, os quadrinhos tornam-se um objeto próprio de ensino. Como podemos constatar na fala de uma de nossas entrevistadas, respondendo à pergunta: por que utiliza as histórias em quadrinhos? Eis a resposta

“Porque é um tipo de linguagem. Porque eu, como professora de Português, eu trabalho os vários tipos de linguagem, né! É artes plásticas, é os quadrinhos, é o jornal e o texto publicitário é o... é o cartaz com palavras e figuras é o cartaz só com figuras que faz parte dos várias linguagens, A gente tem que ... a bula até a bula de remédio é um tipo de linguagem , a receita culinária...”

Entre os professores que responderam aos questionários são poucos os que começaram a lecionar a partir do curso de formação de professores, apenas 17%. A maioria, 83%, realizou cursos de licenciatura. Quase o mesmo percentual (81%) ocorre com os professores que utilizam histórias em quadrinhos. Como a Rede de Ensino do Município do Rio de Janeiro

segue as determinações da LDB<sup>8</sup>, exigindo que todos os professores tenham formação universitária, não encontramos professores leigos nestas escolas.

Quanto à formação atual, cinquenta professores (42%), possuem apenas a graduação; outros cinquenta e dois (44%), fizeram pós-graduação *lato sensu*; treze professores (11%) realizaram o Mestrado e três (2%), o Doutorado, enquanto um professor não respondeu a questão. Entre os professores que utilizam histórias em quadrinhos, trinta e três (46%) possuem apenas a graduação, quarenta (44%), fizeram pós-graduação *lato sensu*; doze (11%) professores realizaram o Mestrado e dois (2%) o Doutorado.



Gráficos 14 e 15 – formação atual dos professores que responderam aos questionários (14) e dos que utilizam HQs (15).

Fonte: SME-RJ (2009)

Comparando as duas distribuições verificamos que os professores que realizaram algum tipo de pós-graduação são os que mais utilizam as histórias em quadrinhos, como podemos observar na tabela 06.

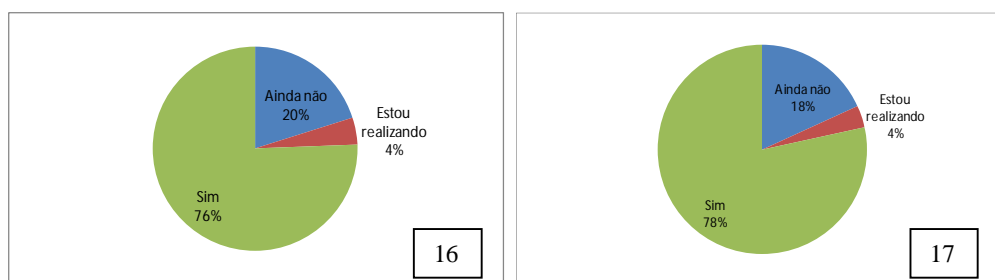
<sup>8</sup> De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases LDB, aprovada em 1996, até janeiro de 2007, todos os professores do Ensino Fundamental deveriam ter licenciatura.

Tabela 06 – formação profissional dos professores que responderam o questionário e que utilizam histórias em quadrinhos em número e porcentagem.

|          |                                 | Formação Atual |    |     |
|----------|---------------------------------|----------------|----|-----|
|          |                                 | Q              | U  | %   |
| Formação | Doutorado                       | 3              | 2  | 67  |
|          | Graduação                       | 50             | 33 | 66  |
|          | Mestrado                        | 13             | 12 | 92  |
|          | Pós-graduação <i>lato sensu</i> | 52             | 40 | 77  |
|          | Não respondeu                   | 1              | 1  | 100 |
| Total    |                                 | 119            | 88 | 74  |

Fonte: SME-RJ (2009)

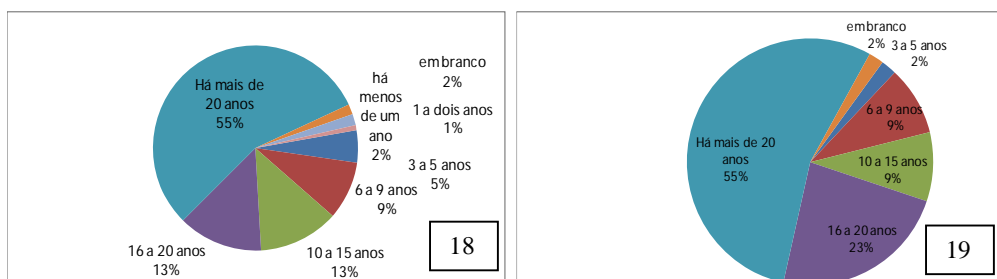
Em relação a realização de pós-graduação verificamos que a imensa maioria, 76% dos professores, concluíram ao menos um curso. Alguns dos cursos realizados não tem relação com o magistério, por isso não foram computados na pergunta anterior, que dizia respeito à atividade de ensino. Os que ainda não haviam realizado nenhum tipo de curso somavam vinte e quatro professores (20%) e cinco estavam realizando algum tipo de pós-graduação. Entre os professores que utilizam histórias em quadrinhos o padrão é muito parecido.



Gráficos 16 e 17 – realização de pós-graduação pelos professores que responderam aos questionários (16) e dos que utilizam HQs (17).

Fonte: SME-RJ (2009)

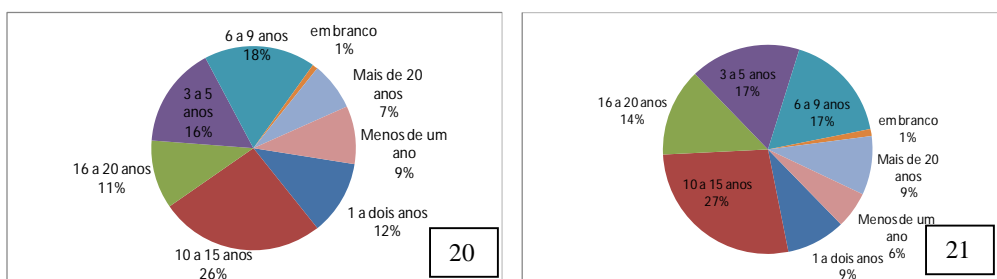
A maioria dos professores já tem uma boa experiência em lecionar. A maioria deles, 55%, tem mais de vinte anos de magistérios. Esse percentual somado aos 13% que lecionam de dezesseis a vinte anos, e aos 13% que lecionam de dez a quinze anos faz com que tenhamos um total de 76% dos professores com dez ou mais anos de experiência profissional. Entre os professores que utilizam histórias em quadrinhos não encontramos professores com menos de três anos de magistério.



Gráficos 18 e 19: Tempo de magistério dos professores que responderam aos questionários (18) e dos que utilizam HQs (19).

Fonte: SME-RJ (2009)

Em relação ao tempo que os professores lecionam na escola da pesquisa, a maioria já tem uma relação antiga com a escola. Entre estes professores, 44% estão na mesma unidade escolar há dez ou mais anos. O padrão para os professores que utilizam as histórias em quadrinhos quase não difere do padrão geral, mas não encontramos professores com menos de três anos na escola.



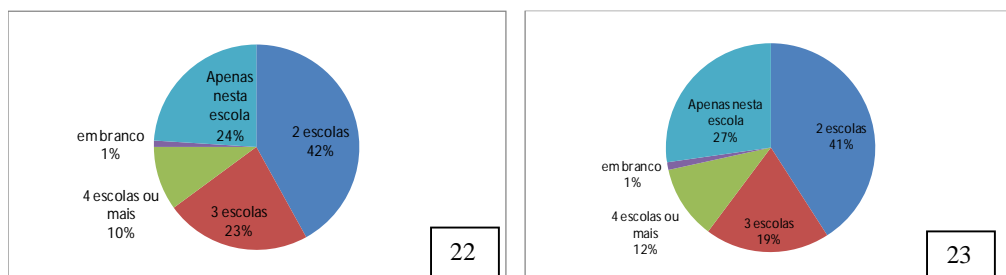
Gráficos 20 e 21: Tempo de permanência na escola da pesquisa dos professores que responderam aos questionários (20) e dos que utilizam HQs (21).

Fonte: SME-RJ (2009)

O contingente de professores que leciona há menos de três anos indica que mitos ainda estão em estágio probatório na Rede.



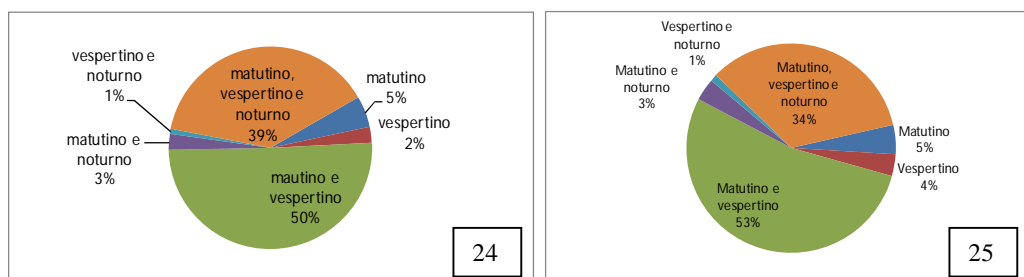
Quando perguntados sobre a quantidade de escolas em que os professores lecionam, a maior parte (42%) respondeu que leciona em duas escolas, quase um quarto (24%), leciona apenas na escola da pesquisa, e quase este mesmo número (23%), leciona em três escolas. Também existe um contingente de 10% que leciona em quatro escolas.



Gráficos 22 e 23: Número de escolas em que os professores que responderam aos questionários (22) e os que utilizam HQs (23) lecionam.

Fonte: SME-RJ (2009)

Para a maioria dos professores (54%) a jornada de trabalho compreende dois turnos (matutino e vespertino – 50%; matutino e noturno – 1%; e vespertino e noturno – 3%), mas 39% dos professores cumprem uma tripla jornada de trabalho (matutino, vespertino e noturno). O padrão dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos é muito parecido e isto chama a atenção para o fato de que, mesmo uma jornada de trabalho tripla não impede a maioria de procurar realizar atividades mais interessantes para os seus educandos.

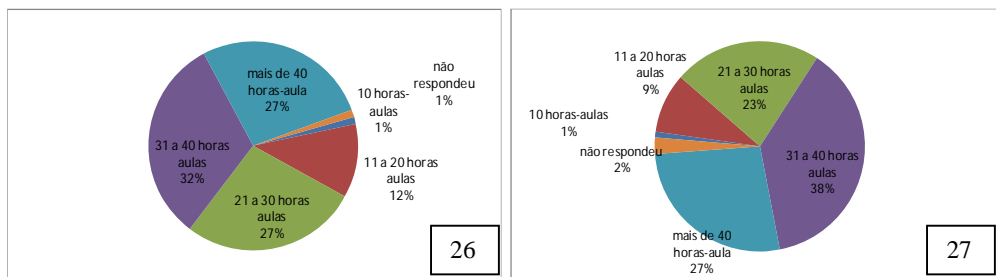


Gráficos 24 e 25: Jornada de trabalho dos professores que responderam aos questionários (24) e dos que utilizam HQs (25).

Fonte: SME-RJ (2009)

Como já era de se esperar, em função da jornada de trabalho, a carga horária semanal desses educadores é pesada. Especialmente, lembrando que a maioria é do sexo feminino, o que significa cumprir também outra jornada de trabalho, dessa vez, em casa. Para 38% desses professores está carga horária está entre 31 e 40 horas semanais, 27% deles trabalham mais de

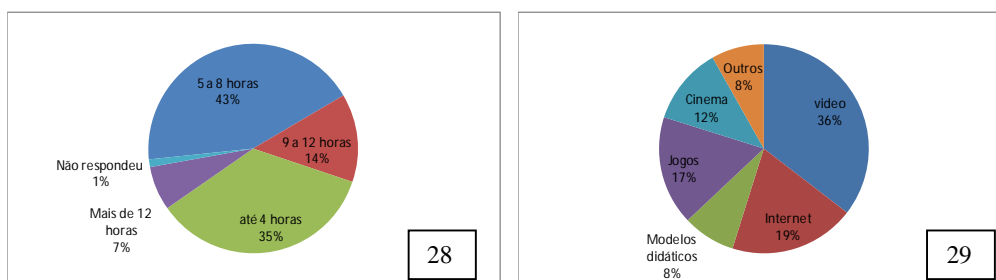
40 horas e 23% trabalham de 21 a 30, horas por semana. Isto acontece tanto para o grupo geral de professores quanto para aqueles que utilizam as histórias em quadrinhos.



Gráficos 26 e 27: Carga horária semanal dos professores que responderam aos questionários (26) e dos que utilizam HQs (27).

Fonte: SME-RJ (2009)

Como o trabalho docente não se resume apenas aquele que é realizado dentro da unidade escolar, procuramos saber quanto tempo os professores dedicam ao trabalho escolar fora da escola. A maioria (42%) dedica de 5 a 8 horas semanais, esse percentual somado aos 36% de professores que se dedicam até no máximo 4 horas, temos uma imensa maioria (78%) que se dedica menos que 10 horas a este trabalho. O que já era previsto, levando em conta a carga horária e a jornada de trabalho que a maioria desses professores realiza. Não se poderia esperar mais destes professores com toda a sua carga de trabalho. Mas, observando que o padrão dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos quase não difere do grupo geral, ficamos admirados com o empenho destes professores.



Gráficos 28 e 29: Tempo de trabalho em casa dos professores que responderam aos questionários (28) e dos que utilizam HQs (29).

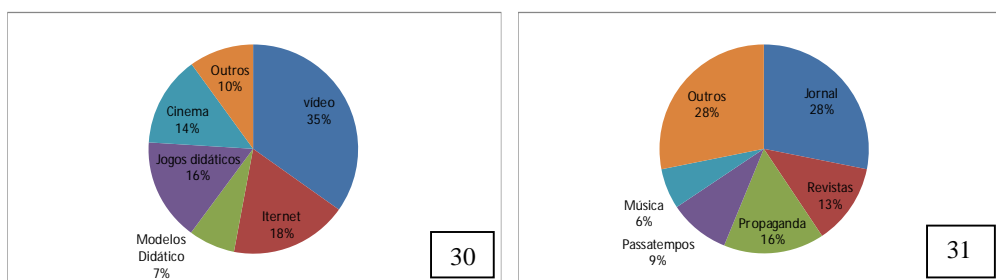
Fonte: SME-RJ (2009)

Não encontramos em nenhuma das escolas professores que não fossem efetivos. Todos eram estatutários, ou seja, concursados.

Após a análise das repostas dos blocos de perguntas, considerando tanto a totalidade de nossa amostra quanto a de professores que utilizam as histórias em quadrinhos, trabalharemos agora com dados obtidos a fim de responder às questões centrais da pesquisa, utilizando, quando necessário, informações das entrevistas para corroborar a análise. Lembramos que cento e dezenove professores participaram da pesquisa, respondendo ao questionário, o que corresponde a um percentual de participação de 53%. Entre os que responderam aos questionários, oitenta e oito (74%), utilizam (84%) ou já utilizaram (16%), histórias em quadrinhos em suas atividades didáticas. Como a parte do questionário que buscava as informações sobre a forma de uso das histórias em quadrinhos colheu as informações, dos professores que também já não as utilizam mais, optamos por analisar estas informações juntas, e, assim, não perder nenhum dado.

### 6.3 OUTRAS MÍDIAS

Analisando o bloco de perguntas Outras mídias verificamos que 94% dos professores utilizam outras mídias, além do livro didático. Quanto aos professores que utilizam as histórias em quadrinhos, todos eles, sem exceções, utilizam outras mídias em suas atividades didáticas. Estas mídias variam muito, tanto para o total de participantes quanto para o grupo dos professores que utilizam HQs, como podemos observar nos gráficos 30 e 31.



Gráficos 30 e 31: Tipos de mídias utilizados pelos professores que responderam aos questionários (30) e por aqueles que utilizam histórias em quadrinhos (31).

Fonte: SME-RJ (2009)

Deste gráfico podemos concluir que a utilização das histórias em quadrinhos, não exclui a possibilidade de usar outros meios ou ferramentas, e que os professores, no geral, não estão restritos apenas ao quadro e giz, como muito se apregoa.

Além das mídias indicadas na questão objetiva, os professores listaram outros meios que enriquecem suas aulas (gráfico 32).

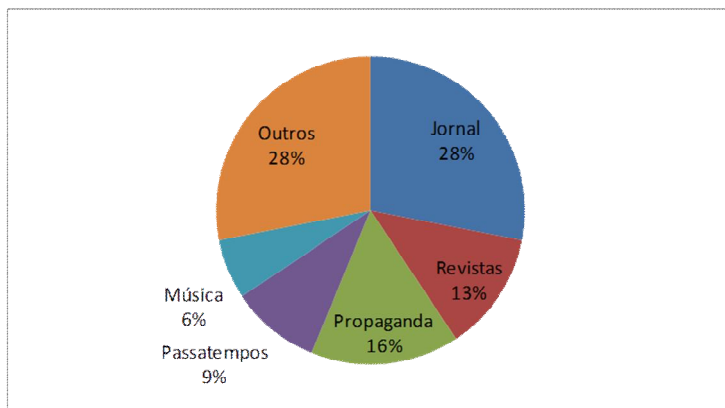


Gráfico 32: Outros meios que enriquecem as aulas indicadas pelos professores que responderam aos questionários.

Fonte: SME-RJ (2009)

A Disciplina de Língua Portuguesa foi a que mais indicou outras mídias, enquanto a disciplina de Ciências não indicou nenhuma outra, como podemos constatar no gráfico 33.

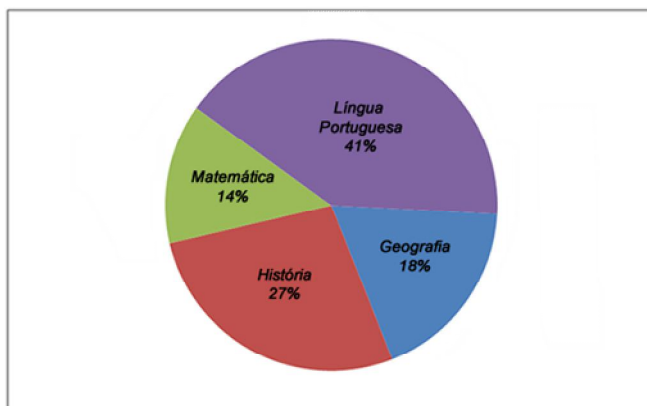


Gráfico 33: Outros meios que enriquecem as aulas indicadas pelos professores que responderam aos questionários de acordo com as disciplinas.

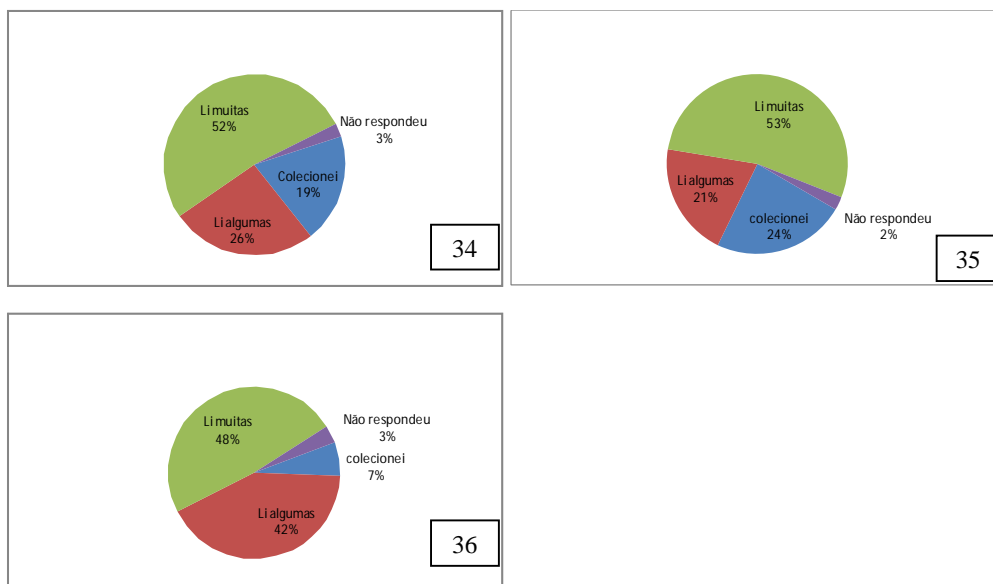
Fonte: SME-RJ (2009)

A especificidade da disciplina Língua Portuguesa poderia explicar o porquê desta disciplina ser a que mais apresenta outras mídias. Mas, fica a dúvida, uma vez que não houve nenhum exemplo apresentado pela disciplina Ciências. Afinal, os jornais costumam

apresentar páginas dedicadas às Ciências, existem muitas revistas sobre o tema, existem músicas que apresentam conceitos de Ciências, além de várias propagandas que usam a Ciência, como forma de vender os seus produtos, entre outras mídias.

#### 6.4 LEITURA DE HQS

Analisando o Bloco Leitura de HQs, percebemos que, a maioria dos professores (52%) leu muita revista em quadrinhos quando era criança, esse percentual somando ao de professores que colecionaram esse gênero de revistas, faz com que tenhamos 71% dos professores como leitores regulares de HQs. A comparação entre os percentuais dos professores que responderam aos questionários (gráfico 34) e os que utilizam HQs (gráfico 35) demonstra que há um percentual maior de colecionadores entre os que utilizam as histórias em quadrinhos, mais, no geral, o grupo tem um padrão de leitura semelhante. Estes dois grupos diferem bastante do grupo e de professores que não utilizam histórias em quadrinhos, como podemos observar no gráfico 36.



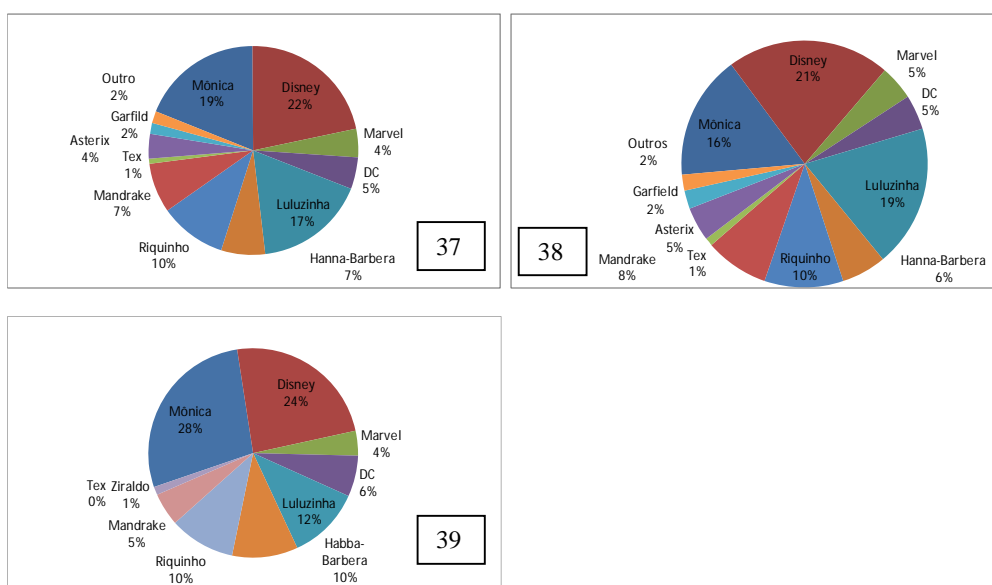
Gráficos 34, 35 e 36: Leitura de histórias em quadrinhos quando criança nas respostas de todos os professores (34), dos que utilizam (35) e dos que não utilizam (36) HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

Os professores que não utilizam os quadrinhos leram menos HQs na sua infância, o número de colecionadores não chega à metade dos que utilizam, ou do total de

professores que responderam aos questionários. A porcentagem de professores que liam muito, número que nos dois primeiros gráficos passa da metade, cai, e o de professores que liam pouco, aumenta, significativamente, em relação aos outros dois gráficos.

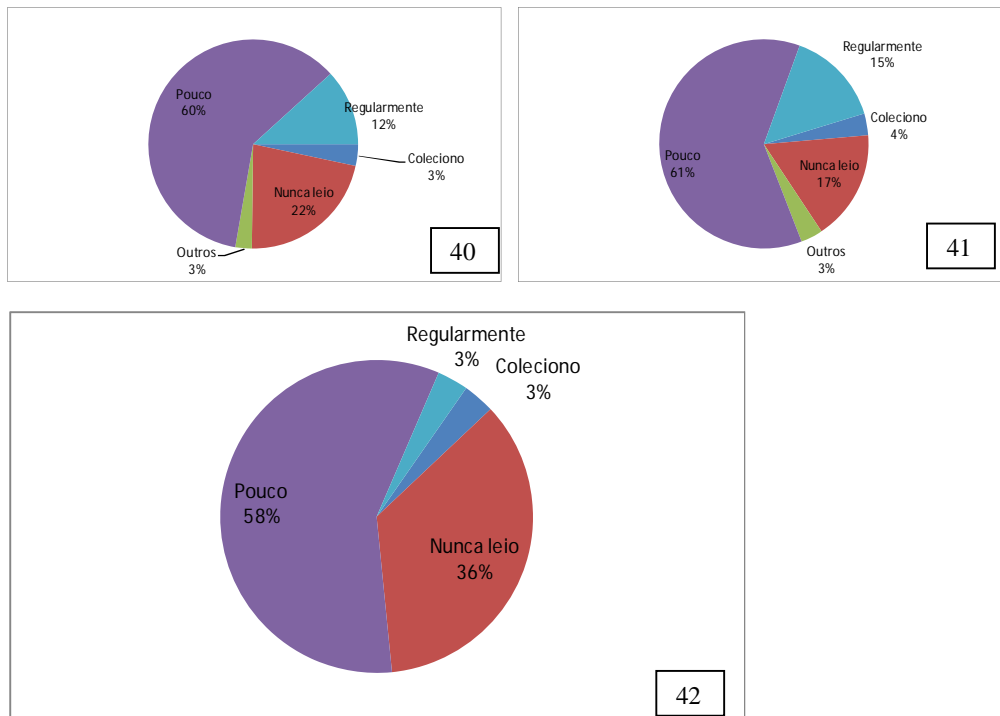
Os quadrinhos lidos são variados, destacam-se as Revistas do *Universo Disney* (22%), *Turma da Mônica* (19%) e *Luluzinha* (17%). Também foram lembrados os Personagens/Universo do *Snoopy*, *Tintim*, *Menino Maluquinho*, *Denis O Pimentinha*, *Hagar O Terrível* e *Calvin*. Esta variedade também é encontrada entre os professores que utilizam e os que não utilizam HQs, constatamos nos gráficos 37, 38 e 39.



Gráficos 37, 38 e 39: Quadrinhos lidos quando criança nas respostas de todos os professores (37), dos que utilizam (38) e dos que não usam (39) HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

No conjunto dos professores que responderam aos questionários, quanto ao hábito de leitura nos dias de hoje, a maioria (60%), lê pouco, 22% já nem lê mais. Somando os leitores regulares aos colecionadores temos apenas 15% dos professores (gráfico 40), mostrando que este hábito de leitura diminui muito com a passagem para a idade adulta. Isso acontece da mesma forma para os professores que utilizam histórias em quadrinhos (gráfico 41), assim como para aqueles que não utilizam HQs (gráfico 42).



Gráficos 40, 41 e 42: Quadrinhos lidos quando criança nas respostas de todos os professores (40), dos que utilizam (41) e dos que não utilizam (42) HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

É interessante observar que, no gráfico dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos como material didático, existe 17% (quinze professores) que não têm mais o hábito de leitura. Desses professores, podemos retirar seis que já não utilizam mais as HQs, mas, ainda temos nove professores que utilizam os quadrinhos, mesmo sem o hábito de ler este material. Estes professores são de todas as disciplinas, quando criança, a maioria (56%), lia muitas histórias em quadrinhos, esse mesmo percentual trabalha mais do que 30 horas por dia (56%), ainda os mesmos 56% exploram os conteúdos didáticos encontrados na HQ, outros 67% havia feito o mesmo no ano da pesquisa e os outros, 33%, no ano anterior.

São professores que, na infância, criaram um vínculo afetivo com as histórias em quadrinhos, hoje em dia trabalham muito, não tendo tempo de ler, mas não deixam de utilizar, uma vez que tenham em seu acervo, revistas que abordam os conteúdos de seu interesse.

Para uma das professora deste grupo o que a impede de ler é a falta de tempo “hoje em dia não tenho mais tempo, mas gosto”, mas o vínculo afetivo permanece.

## 6.5 CONTEXTO DIDÁTICO DAS HQs

No Bloco Contexto didático das HQs, no que se refere à pergunta sobre o uso das histórias em quadrinhos, verificamos que a maioria (62%) utiliza as histórias em quadrinhos, quer seja de vez em quando (53%) ou regularmente (9%). 12% dos professores já utilizaram e, por algum motivo, não utilizam mais. Apenas 26% não utilizam as histórias em quadrinhos e, desses, 2%, não utilizam porque não sabem como. Isso demonstra que esta mídia vem sendo um recurso didático para muitos desses professores. Estes dados podem ser vistos no gráfico 43.

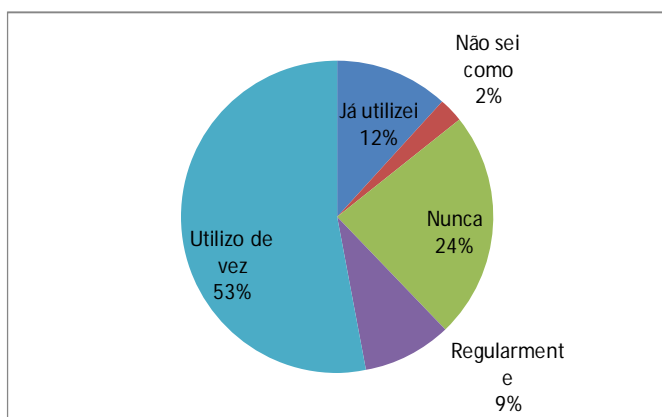


Gráfico 43: Respostas para a pergunta sobre utilização das HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

Ao perguntarmos quando as histórias em quadrinhos foram utilizadas pela última vez, obtivemos as seguintes repostas: 54% dos professores haviam utilizado as HQs no mesmo ano da coleta dos dados (2008), 15% haviam utilizado no ano anterior e 20%, há a mais de um ano. Apenas 8% não se lembravam quando haviam utilizado pela última vez e, um único professor, afirmou já ter utilizado HQ, mas não respondeu a esta pergunta. Com isso, podemos observar que este é um recurso atual para a maioria dos professores.



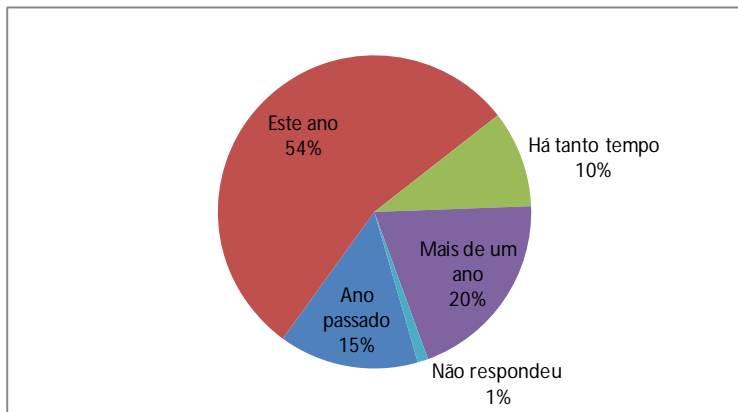


Gráfico 44: Respostas para a pergunta sobre a última vez em que as HQs foram utilizadas.

Fonte: SME-RJ (2009)

Quanto ao tipo de revista utilizada: as comerciais são as mais comuns (40%), seguidas pelas criadas pelos alunos (22%) e pelas paradidáticas (21%). O que indica que os professores, na maioria das vezes, utilizam material pronto ou criado pelos alunos.

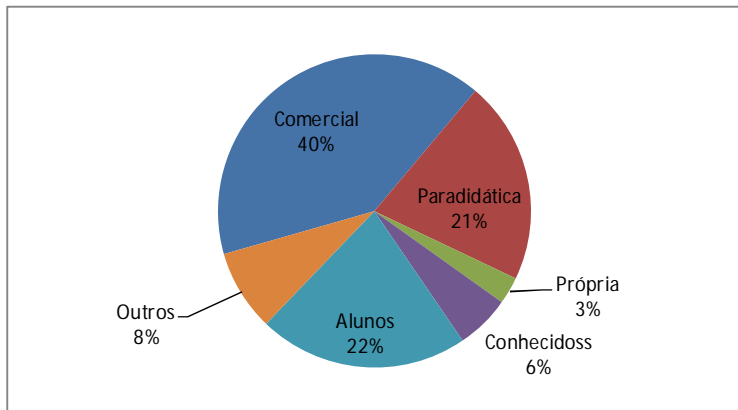


Gráfico 45: Respostas para a pergunta sobre o tipo de HQs utilizadas.

Fonte: SME-RJ (2009)

Em relação ao momento do processo didático em que as histórias em quadrinhos são utilizadas, a fixação é o mais comum (33%), mas a avaliação (25%) e o exemplo prático (19%) também são momentos em que os quadrinhos são mais utilizados. As

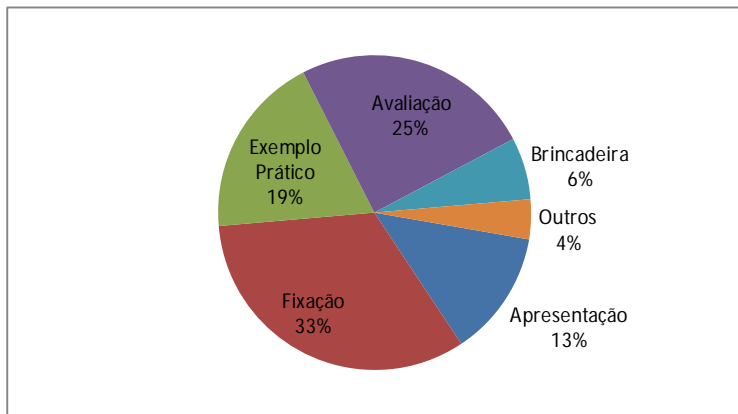


Gráfico 46: Respostas para a pergunta sobre o momento em que as HQs são utilizadas.

Fonte: SME-RJ (2009)

A pergunta sobre os conteúdos didáticos, para os quais as HQs são utilizadas, revelou uma gama variada de conteúdos didáticos. Os professores que utilizam histórias em quadrinhos listaram cento e trinta e oito conteúdos didáticos. Alguns destes conteúdos foram apresentados por mais de um professor, perfazendo um total de cento e setenta e nove indicações de usos. Esta variedade de uso mostra a criatividade dos professores, quando da utilização das histórias em quadrinhos.

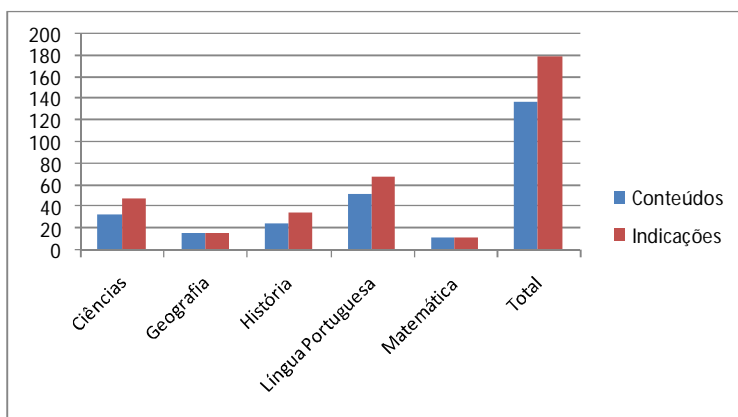


Gráfico 47: Números de conteúdos e indicações de usos das HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

Através do gráfico percebemos que a disciplina Língua Portuguesa apresenta a maior variedade de conteúdos e indicações de uso, o que já era esperado, dado a maior afinidade desta disciplina com as histórias em quadrinhos. Os conteúdos e indicações para a disciplina

Ciências é um pouco surpreendente, visto que a leitura específica apresenta apenas duas propostas de uso para esta disciplina. Isso demonstra, mais uma vez, a criatividade dos professores.

Os motivos que levam os professores a utilizarem as HQs são variados, mas para a maioria deles (49%), a preocupação com o educando é a principal razão. Ou seja, está no alvo da educação.

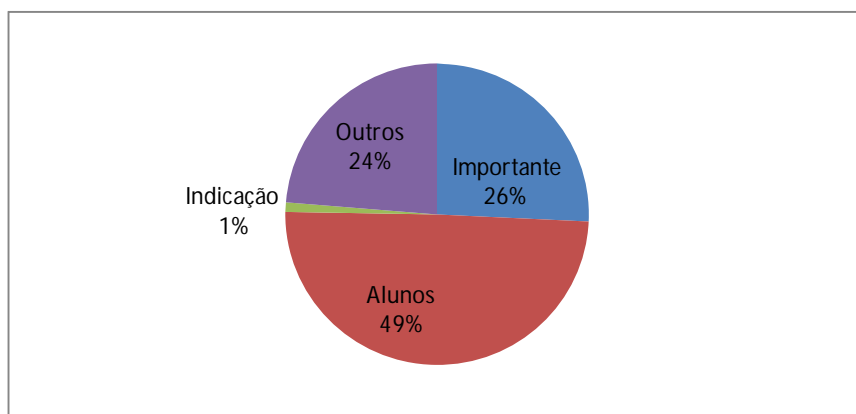


Gráfico 48: Respostas para a pergunta sobre os motivos que levam os professores a utilizarem as HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

A forma de utilizar os quadrinhos também é variada. O mais comum é utilizar a imagem ou a fala dos personagens (33%), mas os conceitos passados por esta mídia (30%) e a linguagem dos quadrinhos (18%) também são bastante abordados.

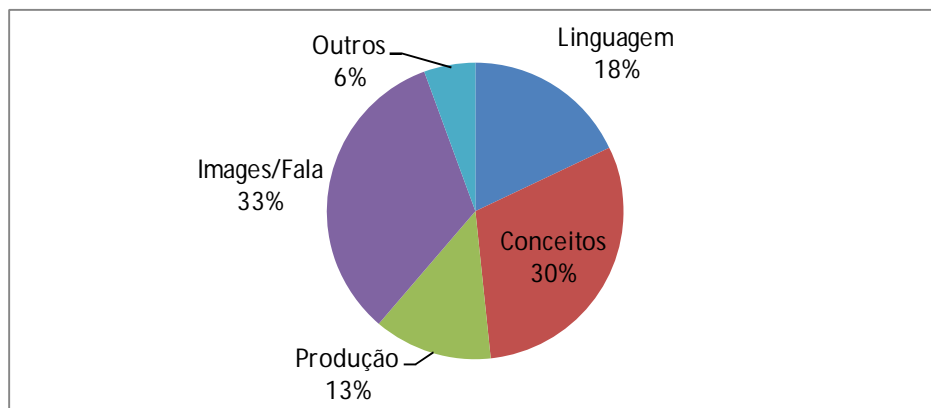


Gráfico 49: Respostas para a pergunta sobre as formas de utilizar as histórias em quadrinhos.

Fonte: SME-RJ (2009)

Para a esmagadora maioria dos professores que utilizam as histórias em quadrinhos (91%) este é um recurso que não demanda muito tempo de preparação, sendo necessário no máximo 4 horas. O que demonstra que este é um recurso de fácil manuseio ou que os professores subestimam o tempo necessário para a preparação das aulas com histórias em quadrinhos.

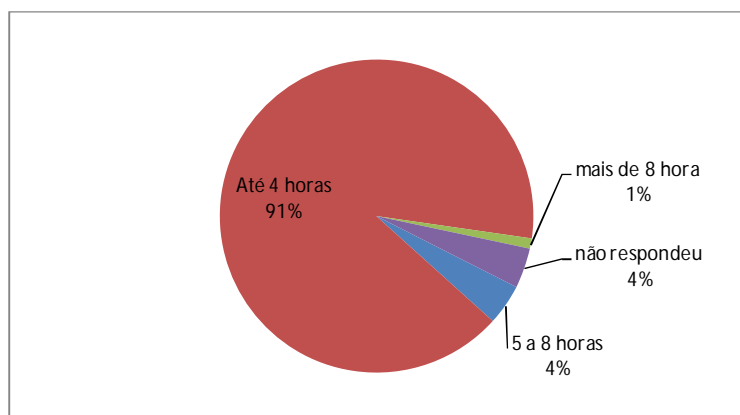


Gráfico 50: Respostas para a pergunta sobre o tempo de preparação de aulas que utilizam as histórias em quadrinhos.

Fonte: SME-RJ (2009)

A pergunta aberta sobre a motivação para utilizar as histórias em quadrinhos revelou, além das categorias que já existiam em nossa pergunta fechada, mais alguns motivos que não havíamos sido cogitado antes. Além do foco estar nos alunos (38%) encontramos, entre outros, um foco específico nos quadrinhos (24%), o desejo de usar algo lúdico (16) e a praticidade do uso das HQs.

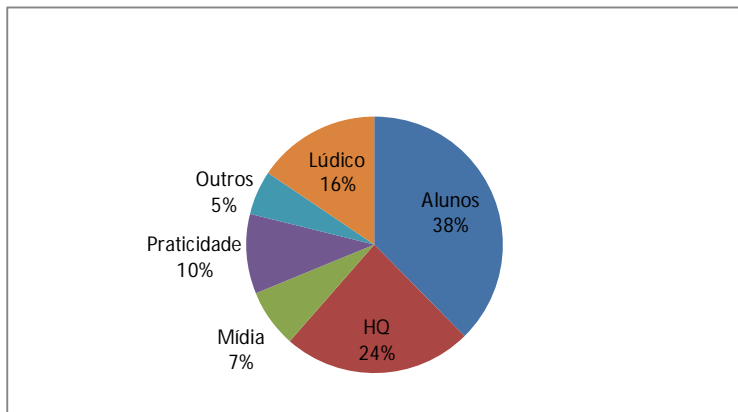


Gráfico 51: Respostas para a pergunta sobre a motivação para os professores utilizarem as HQs.

Fonte: SME-RJ (2009)

Ainda no bloco de perguntas Contexto didático das HQs solicitamos a todos os participantes da pesquisa que elaborassem uma atividade didática usando os quadrinhos. Nossa intenção ao pedir a todos, mesmo aqueles que não utilizam histórias em quadrinhos, era tentar descobrir se existiam professores que não utilizavam, mesmo sabendo como. Observamos que, apenas 43 formulários voltaram com esta opção em branco. Todos os níveis de utilizadores de HQs contribuíram com respostas, como podemos verificar no gráfico 52.

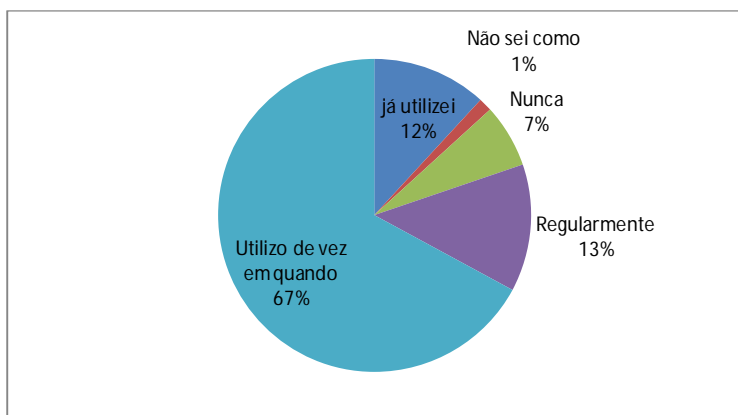


Gráfico 52: Contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos pelos diversos níveis de utilizadores da HQs

Fonte: SME-RJ (2009)

É interessante notar que um dos professores que respondeu que negativamente, alegando que não sabe como, conseguiu dar a sua contribuição quando foi solicitado. Mesmos

entre os professores que nunca utilizaram HQs há aqueles que sabem como utilizá-las em sala de aula.

Analisando os 76 formulários com repostas ao pedido de elaboração de atividade, verificamos que a disciplina Língua Portuguesa é a que mais colaborou com exemplos de utilização e, a Matemática, a que menos contribuiu. Mostrando que algumas disciplinas tem mais facilidade para trabalhar com quadrinhos do que outras.

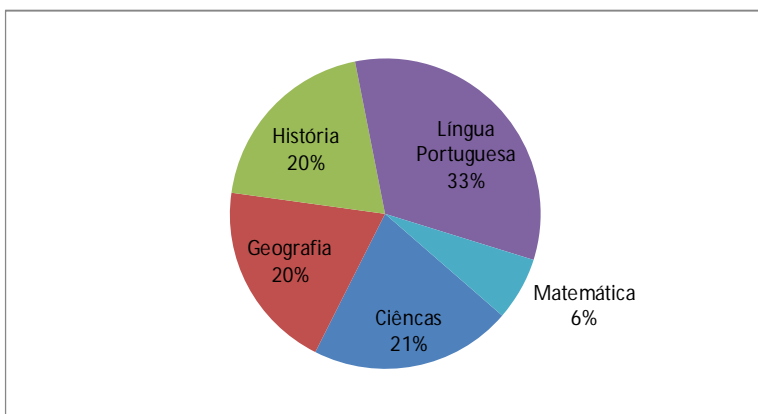


Gráfico 53: Distribuição das contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos pelas diversas disciplinas.

Fonte: SME-RJ (2009)

Os diversos exemplos de utilização das HQs foram assim classificados: criação, personagens, diálogos, inadequada, ilustração, leitura, conceito e linguagem. A distribuição dessa classificação está no gráfico 53.

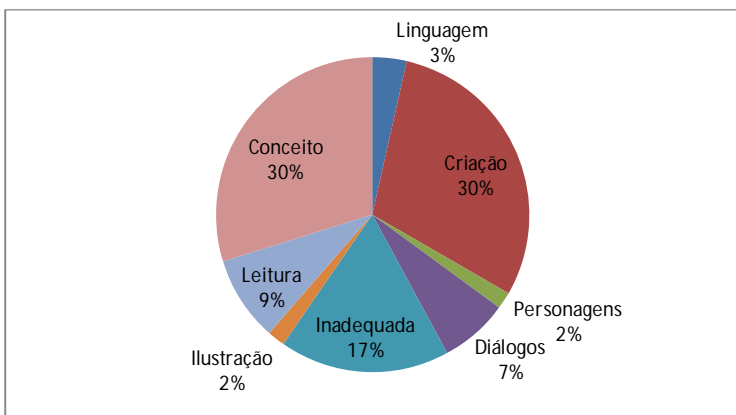


Gráfico 54: Distribuição das contribuições para a descrição de atividades com histórias em quadrinhos em diversas classes.

Fonte: SME-RJ (2009)

Esta nova classificação amplia aquela que realizamos, quando analisamos as obras que ensinam a utilizar as histórias em quadrinhos como recurso didático. Na anterior criamos quatro categorias: A análise das histórias em quadrinhos; uso das histórias em quadrinhos na linguagem oral e escrita; estimulação do estudo sobre histórias em quadrinhos e uso dos personagens e suas características. Com a observação da prática dos professores identificamos a necessidade de desdobrar estas classes, para melhor explicitar os resultados encontrados. A nova classificação envolve:

- Criação – propõe a criação de uma história em quadrinhos. Esta proposta encontra-se nos livros que ensinam a utilizar as histórias em quadrinhos, por nós analisados. É uma das atividades. Graças à colaboração de uma professora conseguimos dois exemplos de criações de histórias em quadrinhos, produzidas pelos alunos e reproduzidos nos anexos D e E. Observamos que falta a estas produções o conhecimento da linguagem dos quadrinhos.
- Conceito – propostas que utilizam um conceito ou conteúdo didático, presente nas histórias em quadrinhos. Esta proposta é utilizada por professores de todas as disciplinas, como mostram os exemplos a seguir:
  - “Utilizo a revista "*Fantasma*" para demonstrar a visão deturpada dos euro-americanos sobre a África”. (História).
  - “Uso comum em avaliações, quando se pede para que o estudante possa identificar corretamente os conceitos que aparecem na HQ.” (Geografia).
  - “Selecionar uma histórias em quadrinhos, para trabalhar o discurso direto. Transcrever a histórias em quadrinhos utilizando os elementos para uma composição de diálogos.” (Língua Portuguesa).
  - “Pedi que lessem uma histórias em quadrinhos sobre a dengue e depois fiz perguntas sobre dengue. Os alunos mostraram mais interesse e aprenderam melhor sobre a dengue.” (Ciências).
- Inadequadas – repostas que não estavam de acordo com o que foi solicitado na questão. Nem sempre os professores citaram uma atividade didática ou, às vezes, as respostas ficaram incompreensíveis, como verificaremos nos exemplos:

“uma jaqueta americana (marca) criada na China, as paisagens e as relações entre seus elementos” (Geografia).

“Pessoal (confidencial)” (Matemática).

“Não sei como utilizar” (Geografia).

Dentro deste item de classificação também encontramos respostas que, à princípio, pareceram ser inadequadas, mas com uma pesquisa, revelaram ser bem pertinentes como no caso da resposta: “filme Osmose Jone””. Inicialmente, causou-nos uma estranheza, já que não apresentava uma forma de utilizar as HQs em sala de aula. Mas, ao buscarmos o filme – cujo título correto era “Osmose Jones: uma aventura radical pelo corpo humano” – encontramos uma comédia realizada, parte com atores e parte em animação, uma verdadeira aula de Ciências, além de uma forma de trabalhar, se não com animação, pelo menos com a criação de histórias em quadrinhos.

- Leitura – englobando atividades que requerem a leitura e a interpretação de texto, não ficou restrito a professores de Língua Portuguesa:

“De acordo com os quadrinhos explique qual é o contexto da história” (Ciências).

“Interpretação de texto” (Língua Portuguesa).

“Leitura e interpretação de texto” (Língua Portuguesa).

- Diálogos – criação e reescrita de diálogos com algum propósito específico:

“Utilizei uma história com 3 quadrinhos para trabalhar preservação ambiental – só utilizei os quadrinhos para que eles colocassem as falas.” (Ciências).

“Leia a histórias em quadrinhos e transforme o discurso direto (os diálogo) em discurso indireto.” (Língua Portuguesa).

“Preencher os balões de fala das personagens, criar finais, fazer uma narrativa.” (Língua Portuguesa).

- Linguagem – trabalhou a linguagem das histórias em quadrinhos. Utilizada por dois professores de Língua Portuguesa:



“Observação das imagens, linguagem dos balões, uso das onomatopéias.” (Língua Portuguesa)

“De acordo com a série a ser trabalhada, oriento a leitura, quadrinho por quadrinho, levando os alunos a observarem fisionomia, postura, balão usado na fala, fazer relações entre os quadrinhos, principalmente.” (Língua Portuguesa)

- Ilustração – colocada como ilustração de uma avaliação. Embora em entrevista e na fala dos professores este uso era comum, na resposta aos questionários apenas um professor enfatizou esta aplicação. Esta mesma professora contribuiu com dois exemplos (Anexos F e G).

“Utilizando a tirinha para elaborar questão.” (Língua Portuguesa).

- Personagem – utiliza as características de um personagem.

“Capitão América - simbologia, vestimenta, associação forte com EUA.” (História).

Estas formas de utilizar as histórias em quadrinhos, embora variadas em seu bojo, mostram, na maioria das vezes, a utilização das histórias em quadrinhos como suporte de um conteúdo escolar. Muitas destas propostas estão nos livros que ensinam a utilizar as histórias em quadrinhos.

Quanto às origens dessas formas, elas são variadas, mas a maior parte dos professores (38%) criou a sua forma de utilização, outra boa parte (23%) aprenderam com um colega e outros ainda, 12%, aprenderam com os livros. O encarte da *Revista Nós da Escola* (Revista da SME), que apresentamos no Anexo A, também foi citado como fonte de informação

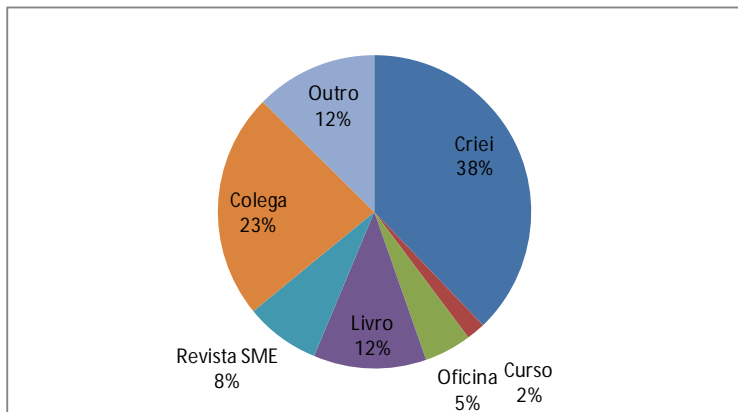


Gráfico 55: Origens das atividades com histórias em quadrinhos elaboradas pelos professores

Fonte: SME-RJ (2009)

Em “Outros” encontramos pesquisa na internet, ensino na UERJ e adaptação de uma ideia. Algumas dessas respostas, quando especificadas, revelam contradições, como a “adaptação do trabalho de um colega”, diferente de aprender com um colega. Nesse caso, o professor apropriou-se de uma, forma de utilizar as HQs criando a sua própria.

Alguns professores têm dificuldade para dizer exatamente de onde vieram as ideias para o uso dos quadrinhos. É como se essas formas surgissem de forma espontânea.

Uma das entrevistadas respondeu: Olha! Não houve assim uma aprendizagem, quer dizer, ninguém veio e me ensinou assim, não. Isso, acho, é a experiência que você vai... Vai aumentando cada vez que descobre alguma coisa a mais que você pode trabalhar, né! (transcrição literal).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Capa 7: Turma da Mônica Jovem, nº2 (2008)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como principal objetivo investigar, sem, contudo, esgotar, a apropriação das formas de uso das histórias em quadrinhos por professores da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro (RMECRJ).

Para tanto, iniciamos com a conceituação das histórias em quadrinhos, vimos uma breve história de sua criação, desde as pinturas rupestres e pinturas egípcias até a criação dos quadrinhos modernos, com as histórias ilustradas e a incorporação de elementos que fazem as histórias em quadrinhos. Investigamos também a linguagem dos quadrinhos analisados, com seus dois seus dos componentes básicos: a linguagem visual e a linguagem verbal.

Abordamos, também, a relação entre histórias em quadrinhos e educação e o modo como as histórias em quadrinhos estão sendo vistas, enquanto recurso didático. Apresentamos de forma breve o que é a didática, sua trajetória até os dias de hoje e, além desses aspectos, o conflito que existe entre a didática encontrada nos livros e a vivenciada na prática dos docentes. Como a relação entre histórias em quadrinhos e a educação nem sempre foi amigável, resgatamos esta história, antes de analisar as obras de autores preocupados, especialmente, com a prática pedagógica em sala de aula no uso das as histórias em quadrinhos.

Tratamos, ainda, de todas as etapas de nossa pesquisa e das opções tomadas para seguir cada uma delas: desde a definição final do tema a ser pesquisado, a escolha da população alvo, a delimitação do espaço da pesquisa, a seleção da amostra, a solicitação de autorização da pesquisa, a elaboração dos instrumentos e posterior coleta de dados, a pesquisa de campo constituindo o universo da pesquisa com o preenchimento dos questionários e realização das entrevistas, a sistematização dos dados e a obtenção de imagens. Em seguida, expusemos os resultados encontrados para posteriormente analisá-los, tentando responder às questões de nossa pesquisa.

Após o trabalho de campo e posterior análise dos questionários, verificamos que o uso das histórias em quadrinhos em atividades didáticas é muito comum no cotidiano escolar daqueles professores, pois, a imensa maioria dos docentes de nossa pesquisa usa (ou já usou) as histórias em quadrinhos.

O perfil desses professores é caracterizado por ser de maioria feminina, encontram-se na faixa etária de 45 a 49 anos, lecionando as disciplinas selecionadas na pesquisa, tendo realizado pós-graduação, ativos a mais de 20 anos, trabalhando em duas escolas ou mais e cumprindo jornada em dois turnos, o que resulta em mais de 30 horas semanais. Mesmo assim, trabalham mais do que 4 horas em casa, com atividades referentes à escola. Utilizam outras mídias, além das histórias em quadrinhos. Eles leram muitas histórias desse gênero quando eram crianças, mas hoje em dia quase não leem.

Os professores utilizam as histórias em quadrinhos buscando os interesses dos alunos. Partir da realidade do educando, tornando o ensino mais prazeroso ou “lúdico”, é uma fala presente no discurso de vários professores.

No entanto, o levantamento das formas de utilização das histórias em quadrinhos mostrou que os mesmos são usados apenas como suporte para o conteúdo didático. Eles quase não trabalham a linguagem específica das histórias em quadrinhos, aproveitando os mesmos mais como recurso ilustrativo das disciplinas curriculares. Mas esses professores estão em consonância com autores de obras que se preocupam com o emprego das histórias em quadrinhos como recursos didáticos. Em nossa análise, verificamos que mesmo com os autores afirmando que o conhecimento da linguagem das histórias em quadrinhos é importante para o uso dos mesmos, eles não usam este conhecimento em suas propostas para o uso das histórias em quadrinhos.

As formas de utilização das HQs são variadas passando desde a criação de histórias em quadrinhos, a utilização de personagens, diálogos, ampliação da leitura e, principalmente, utilização dos conceitos das disciplinas presentes nas histórias.

Uma forma de utilização das HQs muito comum entre estes professores é o estímulo a criação de histórias em quadrinhos, mas a falta de conhecimento e de posterior apresentação para os alunos da linguagem das histórias, em alguns casos, resultam em trabalhos que apenas lembram as histórias em quadrinhos, como as suas precursoras, as histórias ilustradas (Anexos B e C).

Quanto a origem das formas de utilização das histórias em quadrinhos é variada. A maioria criou a sua forma de utilização ou aprendeu com um colega. Livros e revistas também são fontes de idéias para esta utilização. Alguns professores têm dificuldade para dizer de onde vieram as formas de utilização das histórias em quadrinhos.

Muitas das formas de utilização das HQs, realizadas pelos professores, estão contempladas nas obras que ensinam a utilizar as histórias em quadrinhos como recurso didático. Mas, como os autores dessas obras dizem: eles apresentam apenas algumas ideias, o que os professores podem e, de fato fazem, é ampliar. Os professores aplicam as histórias em quadrinhos para um número elevado de conteúdos que não foram descritos nos livros. Alguns deles repetem as técnicas já vistas, outros criam novas formas de usar os quadrinhos.

A partir dessas primeiras observações traçamos um painel com as repostas às questões de nossa pesquisa. Analisando estas repostas podemos fazer algumas considerações, em relação ao uso das histórias em quadrinhos por esses professores.

Encontramos professores experientes buscando a formação continuada, ainda que com uma grande carga horária de trabalho nas escolas e em casa. O fato de terem sido leitores de muitas histórias em quadrinhos quando criança, não os prejudicou, como se acreditava antigamente, ao contrário, impulsionou-os a tentar práticas educativas mais interessantes para os seus alunos.

O uso frequente das histórias em quadrinhos mostra uma realidade parecida com a descrita em outros trabalhos: professores tentando criar novas formas de ensinar, ajustando o planejamento à realidade do educando, usando práticas pedagógicas alternativas, fugindo dos modelos impostos.

Entretanto, para que um recurso didático seja totalmente efetivo em seu propósito de ensino-aprendizagem, é preciso uma clareza de suas potencialidades e limitações e é necessário conhecer bem o recurso didático para tirar o maior proveito dele. Faz-se necessário também que o professor reveja a sua prática docente, buscando se aperfeiçoar para conhecer melhor a mídia que resolveu utilizar. Tal atitude é válida, não só para a mídia das histórias em quadrinhos, mas para todo e qualquer recurso didático ou técnica que se proponha utilizar.

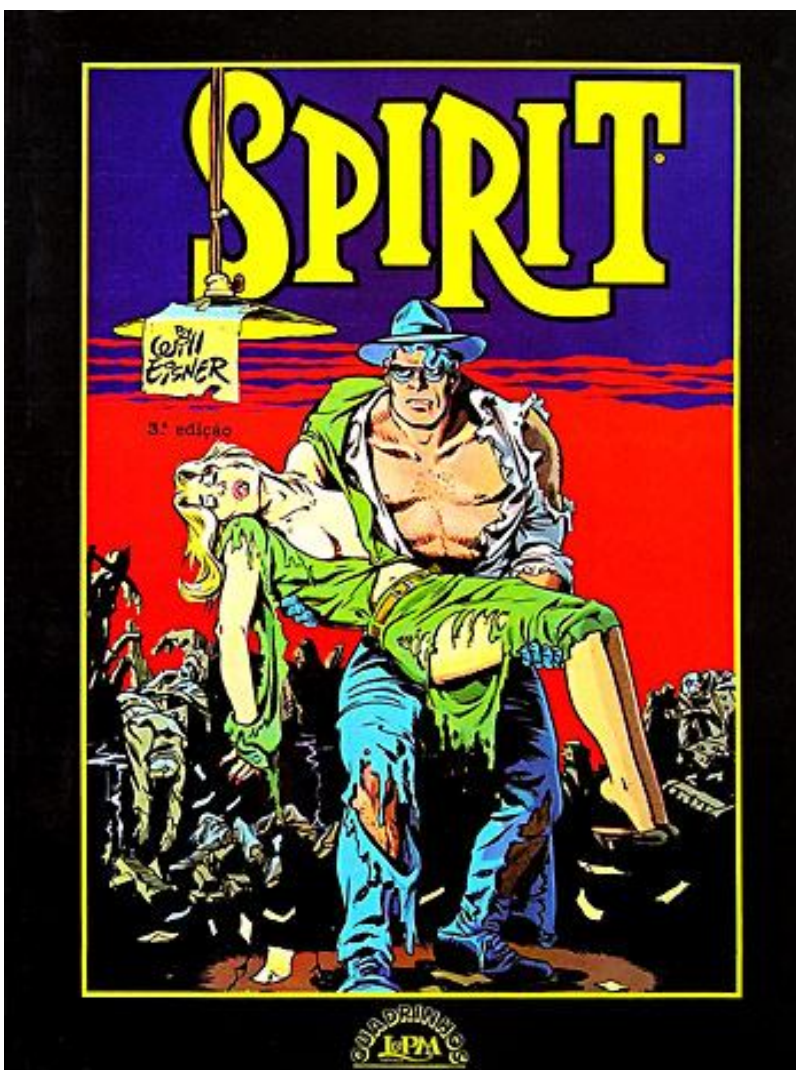
O uso espontâneo das histórias em quadrinhos, descontextualizado de qualquer pressuposto teórico-metodológico, não significa que a ideia de usar esta e outras mídias, assim como as formas de utilizá-las em sala de aula, não estão embasadas em uma teoria. Estes educadores fazem escolhas empíricas, selecionando técnicas soltas para alcançar objetivos propostos.

A falta de discussão aprofundada sobre a mídia das histórias em quadrinhos e sobre seu uso, basicamente como suporte para os conteúdos das disciplinas didáticas, situam a prática do professor fora das abordagens da didática crítica. Os professores ainda estão oscilando entre o tradicional – ênfase na passagem do conteúdo – e o espontaneísmo escolanovista – o aluno como o centro da aprendizagem.

Mas, o fato de que os professores estão buscando outras formas de trabalhar, fugindo do “cuspe e giz”, sem, no entanto, eleger uma única técnica ou mídia como fórmula mágica para ensinar “tudo a todos” mostra que estão com disposição para usar o novo, e tentando tornar o ensino mais próximo da realidade do educando. Buscando novas práticas educativas.

Em resumo, verificamos que o uso das histórias em quadrinhos, assim como o de outras mídias, é uma realidade para os professores de nossa pesquisa. Eles são criativos em seu modo de usar as histórias em quadrinhos mesmo com toda a sua carga de trabalho. Entretanto, as histórias em quadrinhos não estão sendo utilizadas na sua potencialidade máxima, isso ocorre devido ao desconhecimento por parte dos professores desta mídia e dos pressupostos teóricos que embasam as suas atividades didáticas. Mas a disposição de buscar outras formas de ensinar e o desejo de mudanças na forma de trabalhar significam os primeiros passos para as mudanças das práticas educativas desses educadores. Ao final deste trabalho, fica a vontade de entender como acontece o uso de outras mídias e o que fazer para que o seu uso seja mais significativo. Está é a indicação para nossos próximos passos.

**BIBLIOGRAFIA**



Capa 8: Spirti, nº 1 (1985)



## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. **Pedagogia e quadrinhos**. In: MOYA, Á. de. Shazam! (p. 136-170) 2ed. São Paulo: Perspectiva. 1977.
- ANSELMO, Z. A. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes. 1975. 180p.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e pedagogia: geral e do Brasil**. 3 ed. rev e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ALVES, José Moysés. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicol. cienc. prof.**, vol. 21, n. 3, p. 2-9, set. 2001.
- BARBOSA, A.; RAMOS, P. VILELA, T, RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARCELLOS, J. P. **O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte 1: a mulher pelos olhos dos homens**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm)> Acesso em: 15 mar. 2008.
- BIBE-LUYTEN, S. M. **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulina, 1984. 94p.
- BIBE-LUYTEN, S. M. **O que é histórias em quadrinhos**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, 144), 1987.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacional**. Brasília: MEC Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf)> Acesso em: 04 ago. 2008
- \_\_\_\_\_. **Questionário do professor**. Disponível em: <[www.inep.gov.br/download/saeb/2003/questionarios/Quest\\_Professor\\_errata.pdf](http://www.inep.gov.br/download/saeb/2003/questionarios/Quest_Professor_errata.pdf)> Acesso em: 04 set. 2008.
- CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. São Paulo: Papyrus, 2006.
- CASTRO, Amélia Domingues de. **A trajetória da didática**. São Paulo: FDE (Série Idéias n. 11), 1991 p. 15-25.
- CENTRO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL, **Didática**. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/didat.htm>> Acesso em: 15 set. 2008.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria - análise - didática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1977.
- COMENIUS. **Didática Magna**. 3ª. Ed São Paulo: Martins Fontes (Coleção Paidéia), 2006.
- CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

CRUZ, A. Da C. & MENDES, M. T. R.. Estrutura e apresentação de projetos, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007. 139 p.

**A Distribuição Normal e o Teorema do Limite Central.** Disponível em: <<http://www.cin.ufpe.br/~rmcrs/ESAP/arquivos/DistribuicaoNormal.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2009.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 154p.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas.** 8 ed. São Paulo; Ática (Série Educação), 2005.

GONÇALO JÚNIOR, **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-6.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOUVÊA, Guaracira & OLIVEIRA, Carmen Irene. **Educação a distância na formação de professores: viabilidades potencialidade e limites.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006. In XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande /MS, 2001.

**A história do livro.** Disponível em: <[http://www.amigosdolivro.com.br/lermais\\_materias.php?cd\\_materias=3697](http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3697)>. Acesso em: 15 out. 2008.

IANNONE, L. R., IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos.** 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994. 87p.

LEVINE, David M.; STEPHAN, David.; KREHBIEL, Timothy C.; BERENSON, Mark L. **Estatística: Teoria e aplicação usando o Microsoft® Excel em português.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** 25 re. São Paulo: Cortez (Coleção Magistério. Série formação do professor), 2008.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica/ didática prática: para além do confronto.** 7ed. São Paulo: Loyola (Coleção Magistério em Ação), 2002.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinho.** São Paulo: Makron Books, 1995. 216p.

OLIVEIRA, R. Muito obrigado Sr. Johann Gutemberg. In: MOYA, Á. de. Shazam! (p. 261-268) 2ed. São Paulo: Perspectiva. 1977.

NOGUEIRA, J. K., SCHELBAUER, A. R. Feminização do magistério no Brasil: o que relatam os pareceres do primeiro congresso da instrução do Rio de Janeiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.27, p.78-94, set. 2007 Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art07\\_27.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art07_27.pdf)> Acesso em 15 jun. 2009.

MOREIRA, H. & CALEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 248p.

RABELO, A. O. & MARTINS, A. M. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério.** Disponível em <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>. Acesso em 15 jul/2009.

RIO DE JANEIRO, Portal Multirio. **A empresa: Tecnologia a serviço da educação, cultura e cidadania.** Disponível em: < <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/>> Acesso em: Acesso em 15 jul/2009..

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Comunicação Social. **A indústria dos quadrinhos.** Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: Mídia e Educação.** Rio de Janeiro, 2007. (Série Temas em Debate),

\_\_\_\_\_. **Multieducação: Sala de Leitura.** Rio de Janeiro, 2007. (Série Temas em Debate),

SILVA, W. **Syndicates.** Disponível em: <<http://www.popbaloes.com/mats/hqnasala6.html>>. Acesso em 20 jul. 2009.

UEKANE, M. N. **Mulheres em sala de aula: um estudo acerca da feminização do magistério primário na corte (1879-1885).** Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/posteres/GT02-3332--Int.pdf>> Acesso em 15 jul. 2009.

Universo Fantástico. **Por que 30 de janeiro é o dia nacional dos quadrinhos?** Disponível em: <<http://universofantastico.wordpress.com/2009/01/30/por-que-30-de-janeiro-e-o-dia-do-quadrinho-nacional/>>. Acesso em 15 jul. 2009.

VEIGA, I. P. A. **Repensando a didática.** 26 ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2008.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no Ensino. In. BARBOSA, A.; RAMOS, P. VILELA, T, RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula.** 3ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 7-30.

VERGUEIRO, W. “A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária”. In. BARBOSA, A.; RAMOS, P. VILELA, T, RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula.** 3ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 31-64.

WIKIPÉDIA. **Imprensa.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imprensa>> Acesso em: 15 out. 2008.

\_\_\_\_\_. **Macartismo.** Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Macartismo>> Acesso em: 20 ago. 2008.

## APÊNDICE A – Modelo do Questionário



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Pesquisa:** O uso de histórias em quadrinhos (HQs) por professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro – Pesquisa sob a responsabilidade de Rosilene Ramos Gonçalves

Caro(a) professor(a),

Primeiramente agradecemos a sua boa vontade em colaborar com esta pesquisa. A sua autorização será de fundamental importância, exigindo disponibilidade pessoal, disposição interna, um certo grau de exposição e sinceridade nas respostas.

Trata-se de uma pesquisa sobre as condições de uso da mídia das histórias em quadrinhos no contexto escolar. Temos como regra básica, o sigilo profissional. Portanto, o seu nome e outros dados que possam identificá-lo não serão citados em momento algum, somente seremos beneficiados em nossas reflexões e estudos pelo fato de conhecermos mais as suas experiências.

Necessitamos, no entanto, de seu consentimento.

-----  
**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Como pessoa convidada para participação nesta pesquisa, aceito e autorizo o registro das minhas respostas, assim como o uso das informações para futuras publicações, mediante as condições apresentadas para a realização desta pesquisa.

Nome: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do professor

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008

**Leitura de HQs**

**01. Você leu HQs quando era criança?**

- (A) Não lia (passe para a questão 03)
- (B) Li poucas
- (C) Li muitas
- (D) Li poucas e colecionei
- (E) Li muitas e colecionei uma(s) poucas
- (F) Li muitas e colecionei várias

**02. Qual era o tipo de HQ de sua preferência?**

**(Marque mais de uma opção, se for o caso)**

- (A) Turma da Mônica (Mônica, Cebolinha, Cascão...)
- (B) Disney (Pato Donald, Mickey, Zé Carioca...)
- (C) Marvel (X-Men, Homem-aranha, Hulk...)
- (D) DC (Batman, Super-homem, Jovens Titãs...)
- (E) Turma da Luluzinha (Luluzinha, Bolinha...)
- (F) Hanna-Barbera (Zé Colméia, Manda Chuva...)
- (G) Riquinho, Brotoeja, Brasinha...
- (H) Mandrake, Fantasma, Tarzan...
- (I) Tex, Zagor
- (J) Asterix, Mortadelo e Salaminho...
- (K) Garfield
- (L) Outro(s) \_\_\_\_\_

**03. Como é o seu hábito de leitura de HQs nos dias de hoje?**

- (A) Nunca leio.
- (B) Leio revistas emprestadas.
- (C) Compro de vez em quando.
- (D) Leio regularmente título(s) do meu interesse.
- (E) Coleciono título(s) do meu interesse
- (F) Outro \_\_\_\_\_

**Contexto didático das HQs**

**04. Você utiliza histórias em quadrinhos nas suas atividades didáticas?**

- (A) Nunca utilizei (passe para a questão 13)

- (B) Gostaria, mas não sei como (Passe para a questão 13)

- (C) Já utilizei, mas não utilizo mais
- (D) Utilizo de vez em quando
- (E) Utilizo regularmente

**05. Quando utilizou pela última vez?**

- (A) Neste ano
- (B) No ano passado
- (C) A mais de um ano
- (D) A tanto tempo que nem me lembro bem

**06. Qual é o tipo de histórias em quadrinhos utilizadas. (Você pode marcar mais de uma opção)**

- (A) Revistas comerciais
- (B) Revistas paradidáticas
- (C) Criação própria
- (D) Criação de conhecidos
- (E) Criação dos próprios alunos
- (F) Outro \_\_\_\_\_

**07. Você utiliza as HQs em que momento? (Você pode marcar mais de uma opção)**

- (A) Apresentação do conteúdo
- (B) Fixação de um conteúdo (exercícios)
- (C) Exemplo prático de um conteúdo
- (D) Avaliação
- (E) Momento brincadeira ou horário livre
- (F) Outro \_\_\_\_\_

**08 Qual(is) é(são) o(s) conteúdo(s) didático(s) para qual você utiliza as HQs ? (Cite no máximo 3 exemplos)**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**09. Por que utiliza (ou) HQ?**

- (A) Um aluno trouxe a revista
  - (B) Ganhei a revista de \_\_\_\_\_
  - (C) Fiz o curso \_\_\_\_\_
  - (D) Outro(s) motivo(s) \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

**10. Ao utilizar HQ você (marque mais de uma opção se quiser)**

- (A) Aborda a linguagem das HQs
- (B) Utiliza os conceitos encontrados nas histórias
- (C) Trabalha a produção das HQs
- (D) Utiliza as imagens ou a fala dos personagens
- (E) Outros

**11. Quando você utiliza as HQs quantas horas você dedica ao planejamento dessa aula?**

- (A) Até 4 horas
- (B) De 4 a 8 horas
- (C) 8 horas ou mais

**12. O que o motiva a utilizar as HQs?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**13. Descreva ou elabore uma atividade didática utilizando as HQs (passe para a questão 15 questão caso nunca tenha usado HQs e não tenha nenhuma idéia de como utilizar)**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**14. De onde você tirou esta idéia para utilização das HQs?**

- (A) Criei
- (B) Fiz um curso \_\_\_\_\_
- (C) Fiz uma oficina \_\_\_\_\_
- (D) Li em um livro \_\_\_\_\_
- (E) Li o encarte da revista Nós da Escola
- (F) Aprendí com um colega
- (G) Outro \_\_\_\_\_

**Outros tipos de mídias ou recursos didáticos**

**15. Utiliza algum tipo de mídia (fora as HQs) ou recurso didático fora o livro didático?**

- (A) Não, utilizo (passe para a questão 17)
  - (B) Vídeo
  - (C) Internet
  - (C) Modelos didáticos
  - (D) Jogos didáticos
  - (E) Cinema
  - (F) Outros \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

**16. Ao utilizar esta(s) outra(s) mídia(s) (Você pode marcar mais de uma opção)**

- (A) Utiliza material pronto
- (B) Cria seu próprio material
- (C) Instrui seus alunos a prepararem o seu próprio material
- (D) Cria o material junto com os alunos
- (E) Outro \_\_\_\_\_

**Dados Pessoais**

**17. Qual é o seu sexo?**

- (A) feminino
- (B) Masculino

**18. Em que faixa etária você se encontra?**

- (A) Até 24 anos.
- (B) De 25 a 29 anos
- (C) De 30 a 39 anos
- (D) De 40 a 49 anos
- (E) De 50 a 54 anos
- (F) 55 anos ou mais

**19. Qual é o seu estado civil?**

- A) Solteiro(a)
- (B) Casado(a)
- (C) Viúvo(a)
- (D) Separado(a)/desquitado(a)/ divorciado(a)
- (E) Outros

**20. Fora de sua relação profissional as crianças de 7 a 14 anos fazem parte da sua convivência com familiaridade?**

- (A) Não (passe para a questão 25)
- (B) Sim meu(s) filhos ou enteado(s)
- (C) Sim meu(s) sobrinho(s)
- (D) Sim meu(s) neto(s)
- (E) Sim outro(s) \_\_\_\_\_

**21. Essa(s) criança (s) é(são) leitora(es) de HQs?**

- (A) Sim
- (B) Não (passe para a questão 25)

**22. Qual o tipo de HQ(s) essa(s) criança(s) lê(em). (Você pode escolher mais de uma opção)**

- (A) Turma da Mônica (Mônica, Cebolinha, Cascão...)
- (B) Disney (Pato Donald, Mickey, Zé Carioca...)
- (C) Marvel (X-Men, Homem-aranha, Hulk...)
- (D) DC (Batman, Super-homem, Jovens Titãs...)
- (E) Manga (Naruto, Dragon Ball, Inu-Yasha...)
- (F) Cartonn Network (Meninas Super poderosas, O laboratório de Dexter, A vaca e o frango...)
- (G) Outros \_\_\_\_\_

**23. Você pode citar algum(ns) personagem(ns) de história em quadrinho que essa(s) criança(s) gosta(m)**

- A) Sim
- (B) Não (passe para a questão 25)

**24. Qual o nome do(s) personagem(ns) citado(s) na pergunta anterior? (Cite no máximo 3 exemplos)**


---



---



---

## Situação Profissional

**25. Qual a disciplina que você leciona nesta escola?**


---

**26. A sua formação inicial para exercer o magistério foi**

- (A) Formação de Professor (Antigo normal)
- (B) Pedagogia
- (C) Licenciatura em \_\_\_\_\_

**27. Qual é a sua formação atual?**

- (A) A mesma da pergunta anterior
- (B) Graduação em \_\_\_\_\_
- (C) Pós-graduação lato sensu (mínimo de 360 horas)
- (D) Mestrado em \_\_\_\_\_
- (E) Doutorado em \_\_\_\_\_

**28. Você realizou alguma atividade de formação continuada em relação ao magistério (atualização, treinamento, capacitação, etc.) nos últimos dois anos?**

- (A) Sim. \_\_\_\_\_
- (B) Estou realizando o curso de \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- (C) Ainda não.

**29. Qual é o seu tempo de magistério?**

- (A) Há menos de 1 ano.
- (B) De 1 a 2 anos
- (C) De 3 a 5 anos
- (D) De 6 a 9 anos
- (E) De 10 a 15 anos
- (F) De 15 a 20 anos
- (G) Há mais de 20 anos

**30. Você trabalha nesta escola há quanto tempo?**

- (A) Há menos de 1 ano
- (B) De 1 a 2 anos
- (C) De 3 a 5 anos
- (D) De 6 a 9 anos
- (E) De 10 a 15 anos
- (F) De 15 a 20 anos
- (G) Há mais de 20 anos

**31. Você trabalha em quantas escolas?**

- (A) Apenas nesta escola
- (B) Em 2 escolas
- (C) Em 3 escolas
- (D) Em 4 ou mais escolas

**32. Você trabalha em que turno(s)? (Marque mais de uma opção, se for o caso)**

- (A) Matutino
- (B) Vespertino
- (C) Noturno

**33. Qual o total de horas-aula que você ministra por semana? (Não considere aulas particulares.)**

- (A) Até 10 horas-aula
- (B) De 10 a 20 horas-aula
- (C) De 20 a 30 horas-aula
- (D) De 30 a 40 horas-aula
- (E) Mais de 40 horas-aula

**34. Durante a semana, quantas horas você dedica, fora da escola, a atividades relacionadas ao seu trabalho como professor (Corrigindo provas, preparando aula, etc.)?**

- (A) Até 4 horas
- (B) De 4 a 8 horas
- (C) De 8 a 12 horas
- (D) Mais de 12 horas

**35. Qual é a sua situação trabalhista nesta escola? (marque apenas uma opção)**

- (A) Estatutário
- (B) CLT
- (C) Prestador de serviço por contrato temporário
- (D) Prestador de serviço sem contrato
- (E) Outros

Gratos pela participação!



## APÊNDICE B – Modelo da entrevista semi-estruturada



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Pesquisa:** O uso de histórias em quadrinhos (HQs) por professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro

### **Protocolo de Entrevista Semi-estruturada**

#### **Professores, regentes de turma, que utilizam histórias quadrinhos:**

1. Qual é a sua opinião sobre a leitura das histórias em quadrinhos?
2. Você lia histórias em quadrinhos quando era criança?
3. Qual(s) era(m) o(s) seu(s) personagem(ns) preferido(s)?
4. Hoje em dia como é o seu hábito de leitura das histórias em quadrinhos?
5. Por que você resolveu utilizar as histórias em quadrinhos?
6. Como começou a utilizar as histórias em quadrinhos?
7. Você tem algum exemplo da utilização das hqs (revistas dos alunos, texto que você passa para eles...)?
8. Quais são as revistas e os personagens que você utiliza em suas atividades didáticas?
9. Como aprendeu esta técnica?
10. Para você qual é a importância de se utilizar as histórias em quadrinhos?
11. Você utiliza as HQs com que objetivos?
12. Qual é a reação dos alunos quando você utilizava as histórias em quadrinho?
13. Você trabalha com histórias em quadrinhos em que anos (séries)
14. Conhece outras formas de utilização das histórias em quadrinhos?
15. Quantas vezes por ano você utiliza as histórias em quadrinhos?
16. Você conversa com seus alunos sobre histórias em quadrinhos?
17. Conhece os seus personagens prediletos ou que revistinhas eles mais gostam?
18. Conhece outro(s) professores da sua disciplina que utilizam histórias em quadrinhos?
19. O que você sabe sobre a linguagem dos quadrinhos?
20. O que você sabe sobre o processo de produção das histórias em quadrinhos?

ANEXO A – Encarte Revista Nós da Escola

**BOLEÇÃO**  
**Grã Mundo**  
Nº 20 / 2003

**MISTÉRIA EM QUADRINHOS**  
EM PAUTA

Para garantir um momento sóbrio e sério, é necessário que o aluno esteja em contato com os diferentes tipos discursivos de textos. A sociedade está impregnada de várias modalidades discursivas, as quais exigem estratégias diferentes para a sua leitura.

Não se pode pensar em formar leitores somente de livros e de textos escolares. Todos os tipos de material impresso devem circular na sala de aula: conta de luz, bulas, receitas, murais, jornais, revistas, poemas, músicas e muitos outros. É fundamental que os alunos tenham contato com discursos tipológicos variados, sejam eles informativos, discursivos, poéticos, publicitários, narrativos ou epistolares. Além disso, outros linguagens devem estar presentes na escola. Hoje, para estabelecer comunicação, não se informa e interagir o sujeito deve ser capaz de ler o mundo e suas múltiplas linguagens escritas, visuais ou sonoras.

Na seleção de quadrinhos há uma preocupação em que o sentido de uma imagem só se estabeleça pela significação da que a precede, o que se assemelha a uma letra projetada cinematográfica, em perfeita identificação e entrosamento entre as duas formas de linguagem: a palavra e o desenho. A ligação entre as diferentes figuras e essa disposição temporal é essencial para a imagem só o que acontece e seu significado.



Na significação de cada quadrinho reside a significação da sequência. Na própria desmembragem-se noções de tempo e de causa e efeito como consequência lógica. Para a criação e experimentação desta linguagem em sala de aula, apresente aos alunos uma HQ incompleta nos revólver, com alguns quadrinhos em branco para completá-los.

O grupo deverá pensar sobre alguns elementos (figuras, objetos, cenários) que permanecem e se vão mudando durante o desenrolar dos quadrinhos, garantindo a transmissão da mensagem.

**PARA SABERMOS**

Transformar um texto narrativo em HQ é uma excelente atividade. Há quadrinhos de palavras recortadas. Tratamos plásticos diferentes do usual devido à forma como são colocados: em bolhas, com texturas, formas e espessuras diferentes, que podem transformar os significados, possibilitando contatos distintos daqueles que teria no caso de o texto ser apenas escrito. Outro vantagem de trabalhar com as HQ é o baixo custo de cada exemplar.

**PARA SABERMOS**

- ACHARD, J. Como fazer histórias em quadrinhos. São Paulo: Global, 1990.
- BIBI LUTINI, S. M. O que é história em quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, Coleção Pequena Princesa, 140, 1995.
- CALANCA, A. L. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1995.
- CRIBE, M. Para ler os quadrinhos – de maneira compreensiva e crítica. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CRIBEL, M. C. E. B. WANDERLICH, M. T. Aprender a ler história em quadrinhos. São Paulo: Ática, 1992.
- CRIBEL, W. Quadrinhos e arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LOPES, A. História da história em quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MORA, A. Voz. Como ler as histórias em quadrinhos. São Paulo: Global, 1990.

**BOLEÇÃO**  
**Grã Mundo**  
Nº 20 / 2003

**MISTÉRIA EM QUADRINHOS**  
EM PAUTA

Para garantir um momento sóbrio e sério, é necessário que o aluno esteja em contato com os diferentes tipos discursivos de textos. A sociedade está impregnada de várias modalidades discursivas, as quais exigem estratégias diferentes para a sua leitura.

Não se pode pensar em formar leitores somente de livros e de textos escolares. Todos os tipos de material impresso devem circular na sala de aula: conta de luz, bulas, receitas, murais, jornais, revistas, poemas, músicas e muitos outros. É fundamental que os alunos tenham contato com discursos tipológicos variados, sejam eles informativos, discursivos, poéticos, publicitários, narrativos ou epistolares. Além disso, outros linguagens devem estar presentes na escola. Hoje, para estabelecer comunicação, não se informa e interagir o sujeito deve ser capaz de ler o mundo e suas múltiplas linguagens escritas, visuais ou sonoras.

Na seleção de quadrinhos há uma preocupação em que o sentido de uma imagem só se estabeleça pela significação da que a precede, o que se assemelha a uma letra projetada cinematográfica, em perfeita identificação e entrosamento entre as duas formas de linguagem: a palavra e o desenho. A ligação entre as diferentes figuras e essa disposição temporal é essencial para a imagem só o que acontece e seu significado.



Na significação de cada quadrinho reside a significação da sequência. Na própria desmembragem-se noções de tempo e de causa e efeito como consequência lógica. Para a criação e experimentação desta linguagem em sala de aula, apresente aos alunos uma HQ incompleta nos revólver, com alguns quadrinhos em branco para completá-los.

O grupo deverá pensar sobre alguns elementos (figuras, objetos, cenários) que permanecem e se vão mudando durante o desenrolar dos quadrinhos, garantindo a transmissão da mensagem.

**PARA SABERMOS**

Transformar um texto narrativo em HQ é uma excelente atividade. Há quadrinhos de palavras recortadas. Tratamos plásticos diferentes do usual devido à forma como são colocados: em bolhas, com texturas, formas e espessuras diferentes, que podem transformar os significados, possibilitando contatos distintos daqueles que teria no caso de o texto ser apenas escrito. Outro vantagem de trabalhar com as HQ é o baixo custo de cada exemplar.

**PARA SABERMOS**

- ACHARD, J. Como fazer histórias em quadrinhos. São Paulo: Global, 1990.
- BIBI LUTINI, S. M. O que é história em quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, Coleção Pequena Princesa, 140, 1995.
- CALANCA, A. L. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1995.
- CRIBE, M. Para ler os quadrinhos – de maneira compreensiva e crítica. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CRIBEL, M. C. E. B. WANDERLICH, M. T. Aprender a ler história em quadrinhos. São Paulo: Ática, 1992.
- CRIBEL, W. Quadrinhos e arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LOPES, A. História da história em quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MORA, A. Voz. Como ler as histórias em quadrinhos. São Paulo: Global, 1990.

## ANEXO B – Exemplo de Autorização da SME-RJ



PREFEITURA  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO  
Rua Afonso Cavalcanti, nº 455 – sala 412 – BI.1 – CASS  
Cidade Nova – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20211-110  
Telefone: (21) 2503-2300 – Correio Eletrônico: smedged@rio.rj.gov.br

## AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Sr(a) Coordenador(a) da EDCRE

Autorizo Rosilene Ramos Gonçalves

da UNIRIO

A realizar pesquisa O Uso das Histórias em Quadrinhos na Rede Pública Municipal da Cidade do RJ.

na(s) Escola(s) \_\_\_\_\_

no período de até dezembro de 2008


sob a responsabilidade do Professor Coordenador/Orientador: Angela Martins

O Pesquisador se compromete a respeitar a rotina da Escola e a divulgar os resultados da pesquisa ao E/DGED

Rio de Janeiro, 02 de julho 2008

*Martene M. de C. Barbosa*  
Martene M. de C. Barbosa  
Assistente I - E/DGED/SMC  
Mat: 72/160 792 0

## ANEXO C – Exemplo de Autorização da CRE


 PREFEITURA  
 DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
 2ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO  
 DIVISÃO DE EDUCAÇÃO

**Autorização para realização de Pesquisa**

Destino: E/CRE (02.09.009) República da Argentina  
02.04012 México  
02.06.005 George Psisterer  
 Sr(a) Diretor(a)

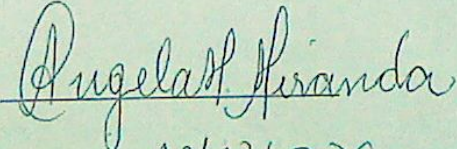
Apresento Rosilene Ramos Gonçalves

pesquisador(a) da UNIRIO

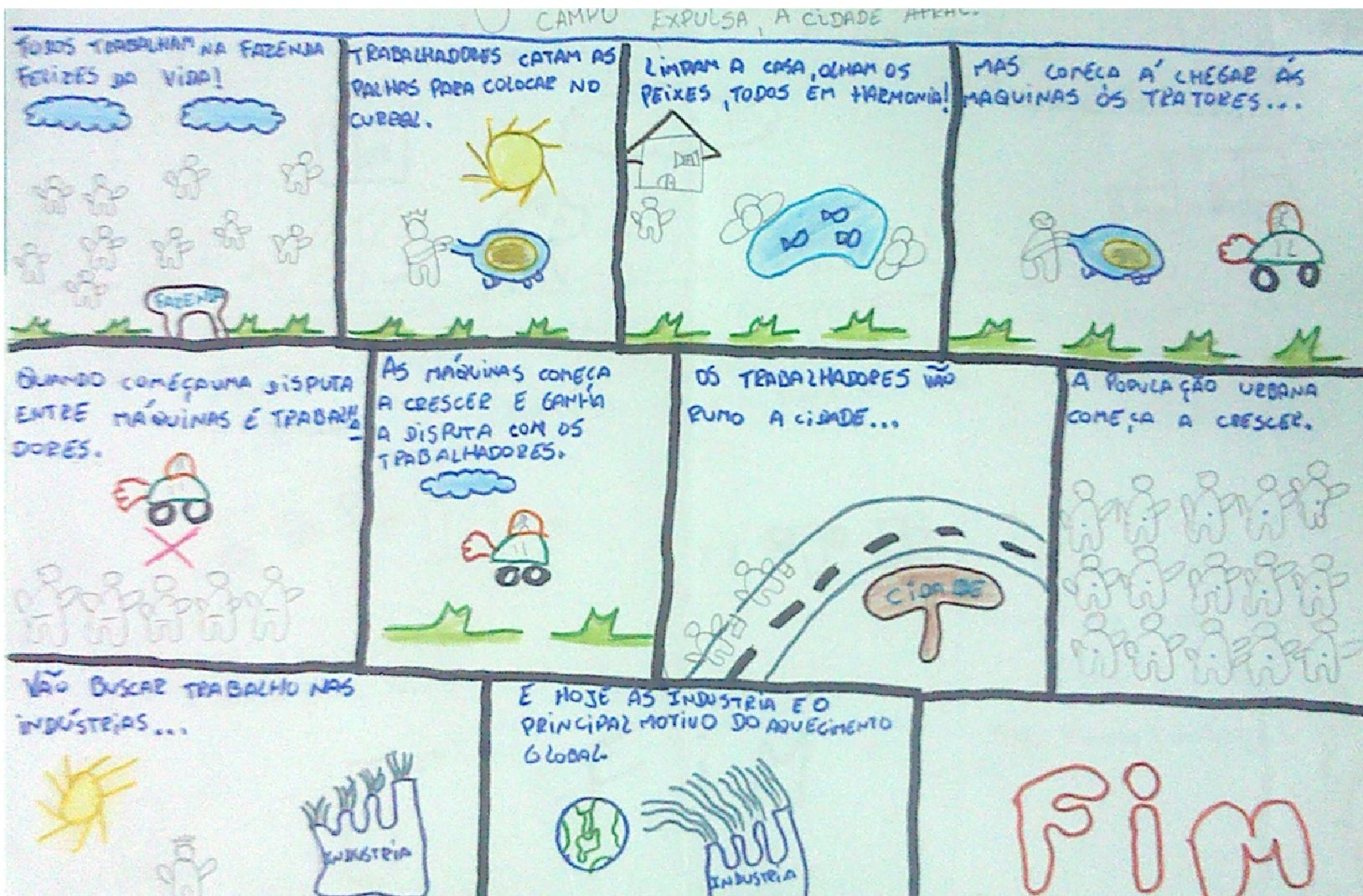
que realizará pesquisa sobre O uso das histórias em quad-  
 rinhos na Rede Pública Municipal da  
 Cidade do RJ.

no período de até dezembro a \_\_\_\_\_ de 2008, sem  
 qualquer vínculo empregatício e comprometendo-se a respeitar a rotina da U.E.

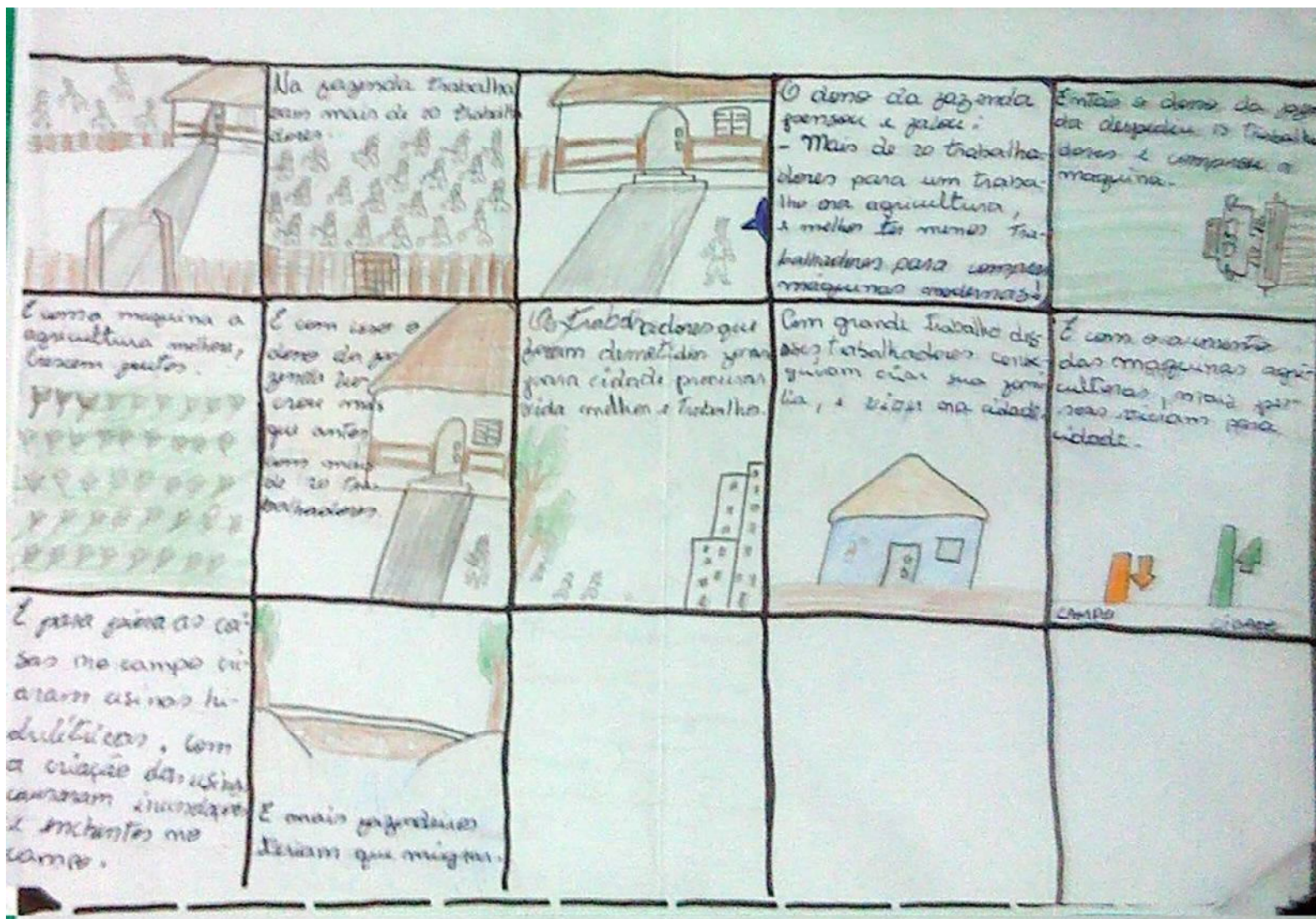
Rio de Janeiro, 28 de julho de 2008

  
12/1847352

ANEXO D – Exemplo de histórias em quadrinhos criada por alunos



ANEXO E – Exemplo de histórias em quadrinhos criada por alunos



## ANEXO F – Exemplo de avaliação utilizando quadrinhos



Copyright © 1999 Ilustração de Souza Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6/95

7ª QUESTÃO (1.0) “Mas você adora coelhinhos!”. A oração coordenada sindética deste período classifica-se como: (a) Aditiva (b) Adversativa (c) Explicativa (d) Conclusiva (e) Alternativa

8ª QUESTÃO (1.0) Fale muito alto, que precisamos escutar. Classifica-se a coordenada sindética como:

(a) Explicativa (b) Alternativa (c) Adversativa (d) Conclusiva (e) Aditiva

9ª QUESTÃO (1.0) Assinale a oração subordinada adjetiva restritiva.

- (a) Tenho tudo que desejo.
- (b) O homem, que é racional, nem sempre compreende seu caminho.
- (c) Pare com isso, que não estou gostando!
- (d) João, que é espanhol, não gostou de brincadeira.
- (e) Estou aqui, portanto fale.

10ª QUESTÃO (1.0) Assinale a oração adjetiva explicativa.

- (a) Ela esperava que a compreendessem.
- (b) Maça é fruta de que não gosto.
- (c) É evidente que não participarei disto.
- (d) Volte, que é tarde, meu filho!
- (e) As girafas, que têm pescoço comprido, alegam as crianças.

11ª QUESTÃO (1.0) Só queria que ela estudasse mais. Oração subordinada substantiva:

- (a) Subjetiva
- (b) Apositiva
- (c) Predicativa
- (d) Completiva nominal
- (e) Objetiva direta

12ª QUESTÃO (1.0) Só não há oração subjetiva em:

- (a) Percebemos de imediato que alguma coisa não ia bem.
- (b) É necessário que continuemos.
- (c) Basta que me sigam.
- (d) Urge que nos apressemos.
- (e) Parecia que tudo estava bem.

## ANEXO G – Exemplo de avaliação utilizando quadrinhos

Leia os quadrinhos do garoto Calvin e responda:

a) “Não, Calvin.” é uma frase? É uma oração?

b) Aponte o verbo (ou locução verbal) e o sujeito da frase: “Então posso comer um biscoito?”.

c) Aponte todos os monossílabos átonos e tônicos presentes nos quadrinhos.

d) Há um monossílabo grafado incorretamente. Qual é o monossílabo? Corrija-o.

e) Você concorda com o Calvin: a mãe está pegando no pé dele?

Assinale a alternativa correta.

a) Todos os monossílabos tônicos são acentuados.

b) Todos os monossílabos átonos são acentuados.

c) Apenas os monossílabos tônicos terminados em -a, e, o, seguidos ou não de s, são acentuados.

d) Apenas os monossílabos tônicos terminados em -em, -ens são acentuados.

Assinale a alternativa que apresenta erro de acentuação.

a) Dô, rê, mì, fa, sol, lâ, si, dó repêria a professora de música.

b) Há mais de um mês que ele não nos convida para o chá.

c) Tu crês que a rê será absolvida?

d) Ninguém tem culpa se, por ser tão má, agora ela está só.